

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
ÁREA DAS CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

RAQUEL CARDOSO FRAZÃO

**A PRODUÇÃO DE CARTAS DAS MULHERES DO PROGRAMA MULHERES MIL
COMO OBJETO DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (CAMPUS
AÇAILÂNDIA – MA, 2012-2013)**

São Leopoldo
2018

RAQUEL CARDOSO FRAZÃO

**A PRODUÇÃO DE CARTAS DAS MULHERES DO PROGRAMA MULHERES MIL
COMO OBJETO DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (CAMPUS
AÇAILÂNDIA – MA, 2012-2013)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, como requisito para conclusão do Curso de Mestrado
Linha de Pesquisa: Educação, História e Políticas

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciane Sgarbi Santos Grazziotin

Bolsista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA

São Leopoldo
2018

Ficha Catalográfica

Elaborada pela Bibliotecária Rafaela Soares Mendonça - CRB 13/694

F848p

Frazão, Raquel Cardoso

A produção de cartas das mulheres do Programa Mulheres Mil como objeto de pesquisa em História da Educação (Campus Açailândia – MA, 2012-2013) / Raquel Cardoso Frazão. – São Leopoldo, 2018.

105f.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, 2018.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciane Sgarbi Santos Grazziotin

1. Programa Mulheres Mil. 2. Escritas ordinárias. 3. Cultura escrita. 4. História das mulheres. 5. Representação feminina I. Título.

CDU 377:003.3(812.1)

RAQUEL CARDOSO FRAZÃO

**A PRODUÇÃO DE CARTAS DAS MULHERES DO PROGRAMA MULHERES MIL
COMO OBJETO DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (CAMPUS
AÇAILÂNDIA – MA, 2012-2013)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, como requisito para conclusão do Curso de Mestrado

Aprovada em: __/__/____.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Luciane Sgarbi Santos Grazziotin (Orientadora)
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

Prof.^a Dr.^a Dóris Bittencourt Almeida
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Betina Schuler
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo fim de mais esta etapa em minha vida e início de um novo ciclo, porque Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas.

À minha orientadora, Professora Doutora Luciane Sgarbi Santos Grazziotin, por ter me acolhido como orientanda, por sua solidariedade, dedicação e zelo para com todos os seus orientandos.

Aos meus familiares, especialmente minha mãe, Maria Aparecida, irmãs, irmão, cunhadas e cunhado.

Às professoras doutoras Betina Schuler e Doris Bittencourt Almeida, pelas análises e valiosas contribuições ao meu projeto de qualificação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, aos docentes, secretárias e colegas da turma do Curso de Mestrado do ano de 2016.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, pela concessão de uma bolsa de pesquisa, no ano de 2016, a qual possibilitou custear uma parte desta pesquisa. Ao IFMA e à Secretaria de Educação do Maranhão agradeço a licença para fins de estudo.

Aos colegas do Grupo EBRAMIC – Educação no Brasil: memória, instituições e cultura escolar, pelas construção coletiva ao longo destes dois anos e gentilezas dispensadas em nossa convivência.

À amiga Karla Fernanda, pelas correções dos textos desta pesquisa.

RESUMO

Essa pesquisa tematiza a produção de cartas pelas alunas do Programa Mulheres Mil, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, nos anos de 2012 a 2013, na cidade maranhense de Açailândia. O tema da pesquisa insere-se no campo da História da Educação e ancora-se nos pressupostos da História Cultural. O objetivo geral do estudo é analisar as representações sobre o Programa e sobre os percursos de vida das alunas, a partir da produção de cartas na disciplina de Língua Portuguesa e na Oficina Mapa da Vida. As fontes de pesquisa foram 20 cartas escritas por alunas, sendo 10 na disciplina de Língua Portuguesa, ofertada à turma do ano de 2012, e 10 cartas escritas por alunas da turma de 2013, na oficina Mapa da Vida, ambas as atividades ministradas pela autora da pesquisa. Além das cartas, foram analisados os documentos produzidos pelo Governo Federal acerca do funcionamento do Programa. O Programa Mulheres Mil iniciou como projeto em 2007, resultado de um acordo bilateral entre o Brasil e o Canadá, a fim de qualificar mil mulheres das regiões Norte e Nordeste brasileira, pela vulnerabilidade social em que vivem uma parte delas. Em 2011, o projeto tornou-se Programa e consubstanciou-se em uma política pública de gênero. Nesse percurso chegou ao Maranhão e em Açailândia e sua implementação ocorreu no mesmo ano, com a oferta do Curso Básico de Qualificação Profissional em Alimentos. Em 2015, o Programa deixou de funcionar no respectivo Campus, por razões oficiais, as quais desconhecemos. Com a pesquisa, percebeu-se que as alunas participantes desse curso, segundo relato encontrado nas cartas, viam no Programa uma oportunidade para ingressarem no mercado de trabalho, montar seu negócio e voltar a estudar. No entanto, a proposta dessa política em garantir acesso ao trabalho e ao estudo não se mostrou suficiente para inserir a todas as mulheres participantes do curso no mercado de trabalho local.

Palavras-chave: Programa Mulheres Mil; Escritas ordinárias; Cultura escrita; História das mulheres; Representação feminina.

ABSTRACT

This research thematizes the production of letters by the students of the Thousand Women Program, offered by the Federal Institute of Education, Science and Technology of Maranhão, in the years 2012 to 2013, in the Maranhão city of Açailândia. The theme of the research is in the area of History of Education and anchored in the assumptions of Cultural History. The general objective of the study is to analyze the representations about the Program and the life course of the students, from the production of letters in the discipline of Portuguese Language and in the Map of Life Workshop. The research sources were 20 letters written by students, 10 in the Portuguese Language course, offered to the class of the year of 2012 and 10 letters written by students of the class of 2013, in the workshop Map of Life, both activities taught by the author of the search. In addition to the letters, the documents produced by the Federal Government about the operation of the Program were analyzed. The Thousand Women Program started as a project in 2007, the result of a bilateral agreement between Brazil and Canada, in order to qualify a thousand women from the North and Northeast regions of Brazil, due to the social vulnerability of a part of them. In 2011, the project became a Program and consubstantiated in a gender public policy. In this course it arrived in Maranhão and in Açailândia and its implementation occurred in the same year, with the offer of the Basic Course of Professional Qualification in Food. In 2015, the Program ceased to function on its campus, for official reasons, which we do not know. With the research, it was noticed that the students participating in this course, according to the report found in the letters, saw in the Program an opportunity to enter the job market, set up their business and go back to study. However, the proposal of this policy to guarantee access to work and study was not enough to include all the women who participated in the course in the local labor market.

Keywords: Thousand Women Program; Ordinary writings; Written culture; Female representation.

LISTA DE SIGLAS

ABC – Agência Brasileira de Cooperação

CEFET – Centro Educacional Tecnológico

CIDA – Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional

COLDIR – Colégio de Dirigentes

CONIF – Conselho das Instituições Federais de Educação Tecnológica dos Institutos Federais

CONSUP – Conselho Superior

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFMA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

IFRN – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social

MEC – Ministério da Educação

PMM – Programa Mulheres Mil

PROEJA – Programa nacional de integração da educação profissional com a educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos

PROEP – Programa de Expansão da Educação Profissional

PRONATEC – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

SETEC – Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

SEDUC – Secretaria de Educação do Maranhão

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Mapa de distribuição dos <i>Campi</i> do IFMA	44
Figura 2	– Localização da cidade de Açailândia	45
Figura 3	– Segunda Classe, Tarsila do Amaral.....	51
Figura 4	– Apresentação em aula com imagens da poesia Retrato	53
Figura 5	– Imagens das cartas do ano 2012 (Cartas de 1 a 5)	64
Figura 6	– Imagens das cartas do ano 2012 (Cartas de 6 a 10)	64
Figura 7	– Boneca de milho	71
Figura 8	– Imagem das cartas do ano de 2013 (Cartas de 1 a 5).....	73
Figura 9	– Imagem das cartas do ano de 2013 (Cartas de 6 a 10).....	73
Figura 10	– Imagens dos envelopes das cartas do ano de 2013	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Educação profissional, técnica e tecnológica no Brasil e Maranhão	40
Quadro 2	– Educação profissional, técnica e tecnológica no Maranhão	41
Quadro 3	– Cartas 2012	58
Quadro 4	– Cartas 2013	66
Quadro 5	– Representações sobre Infância (2013)	75
Quadro 6	– Representação sobre maternidade (2012)	77
Quadro 7	– Representação sobre maternidade (2013)	78
Quadro 8	– Representações sobre casamento (2012)	78
Quadro 9	– Representações sobre casamento (2013)	79
Quadro 10	– Representações sobre trabalho (2012)	79
Quadro 11	– Representações sobre trabalho (2013)	80
Quadro 12	– Representações sobre educação (2012)	81
Quadro 13	– Representações sobre educação (2013)	81
Quadro 14	– Representações sobre o Programa Mulheres Mil (2012).....	82
Quadro 15	– Representações sobre o Programa Mulheres Mil (2013).....	83

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO	16
2.1	Considerações sobre a História Cultural e Cultura Escrita	17
3	PROGRAMA MULHERES MIL	31
3.1	Educação e profissionalização feminina.....	31
3.2	Programa Mulheres Mil: uma política pública	37
3.3	Mulheres Mil no Campus Açailândia.....	42
4	COM A PALAVRA AS MULHERES.....	50
4.1	Abrindo o baú.....	50
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
	REFERÊNCIAS	87
	APÊNDICE	92

1 INTRODUÇÃO

A construção do objeto de pesquisa está, por vezes, ligado ao percurso de vida do(a) pesquisador(a), aqui, com a minha própria experiência de vida. Essa experiência atíça efeitos indeléveis nos meus sentidos como flechas de um tempo vivido na calma dos dias ou na turbulência desses, os quais deixaram lembranças e ao mesmo tempo me enchem de esperança. Além disso, entrelaçar os fios desse percurso significa expor os aspectos da pesquisa, essa exposição acontece pela via do discurso o que, para Bourdieu (2006), é um discurso em que a gente se expõe e corre-se o risco.

No processo de pesquisa adentrei ao campo da História da Educação, embora seja um campo de conhecimento novo para mim, já que não possuo formação em História. Ainda nessa perspectiva, faço o recorte sobre educação e profissionalização femininas, bem como, relaciono a cultura escrita como uma possibilidade de estudo na História da Educação.

O campo da pesquisa em História da Educação no Brasil tem, no últimos anos, se alargado com novas possibilidades de pesquisa, com a abrangência de abordagens que dão conta de novos problemas e novos objetos de estudo. Saviani (2013) destaca que a história da educação se libertou da dependência que se encontrava da filosofia e da teologia, revestindo-se de legitimidade científica, adquirindo reconhecimento junto à comunidade de pesquisadores; as pesquisas acabam por se interessar por questões como cotidiano escolar e representações dos atores escolares.

Antes, porém, quero demarcar a relação da pesquisa com a minha trajetória de vida. Para tanto, retomo meus vínculos familiares e minha formação escolar, acadêmica e atuação profissional, pois uma lembrança remete a outra.

Meus pais são Maria Aparecida Rodrigues Cardoso e Evaristo Rodrigues de Sousa Frazão (*in memoriam*). Da união deles nasceram quatro mulheres e dois homens, dos seis, apenas um não ingressou no Curso Superior. Digo isso, porque naquele período, década de 1970, assim como nos dias atuais, o ingresso e permanência na escola dos filhos da classe trabalhadora, de baixa renda, é marcado por vicissitudes, por isso, obter o nível superior torna-se uma excepcionalidade. Todos os filhos estudaram em escola pública e alguns só ingressaram na educação superior na idade tardia, pois tivemos que conciliar trabalho e estudo.

Ingressei no curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão – UFMA no ano de 2003, durante a graduação conciliei minhas atividades acadêmicas com as de Técnico Administrativo num escritório de contabilidade, uma vez que precisava custear meus estudos.

Ressalto ainda que minha primeira experiência em sala de aula foi no estágio supervisionado, essa experiência foi significativa, a partir dela e da convivência com alunos foi despertado meu interesse para a elaboração do trabalho de conclusão de curso em que pesquisei sobre a trajetória escolar de alunas que estudavam o Ensino Fundamental, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, em uma escola da zona rural do município maranhense de São José de Ribamar¹. A experiência daquelas mulheres de estudar tardiamente, aproximava-se também da minha trajetória². Pelo trabalho de pesquisa percebi suas dificuldades, motivações e perspectivas profissionais, construídas a partir da possibilidade de estudar.

Após a conclusão da referida graduação, ingressei, por meio de concurso público, na Secretaria de Educação do Maranhão (SEEDUC) e no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) para exercer a função de professora das disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Espanhola. Durante o exercício de trabalho no IFMA tive a oportunidade de lecionar a disciplina de Língua Portuguesa e duas oficinas de Língua Espanhola e uma de Mapa da Vida no Programa Mulheres Mil (PMM), no período de 2012 a 2014.

Essa experiência suscitou algumas inquietações, entre as quais: Qual a contribuição do referido Programa às alunas e como foi a trajetória educacional delas? Assim, a princípio com esses questionamentos, inscrevi-me para a seleção do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Desse modo, ao ingressar no Curso de Mestrado, durante o processo de elaboração do projeto as questões foram ampliadas, como mostro adiante.

Nesse sentido, a temática a ser desenvolvida na dissertação de Mestrado instala-se no contexto dos estudos sobre a educação profissional das mulheres ao longo da história da educação brasileira articulada a determinados aspectos da cultura escrita, uma vez que, o objeto de estudo a ser desenvolvido diz respeito a um conjunto de cartas produzidas por alunas do Programa Mulheres Mil. Importa destacar que até o Exame de Qualificação, pensava em analisar além das cartas, os diários que foram escritos pelas alunas do Programa, mas em virtude do volume das cartas e o tempo disponível, optei em analisar somente as primeiras.

¹ O município encontra-se na extremidade Leste da ilha de São Luís, no Maranhão, tendo em frente a baía de São José e distante 31 quilômetros da capital do Estado (CARDOSO, 2001, p. 502), com uma população de 163.045 habitantes em 2010, de acordo com o IBGE (2016b).

² Bourdieu (2005, p.189) explica a trajetória “como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”.

A historiografia relata as dificuldades, avanços e recuos acerca da educação das mulheres no Brasil, Ribeiro (2010) diz que no período colonial a educação feminina normalmente estava reservada ao cuidado da casa, do marido e dos filhos. Veiga (2007), porém, alerta que a educação desses sujeitos variava de acordo com sua condição étnico-social, a qual demarcava o modo e o local onde a educação ocorria. Ela acrescenta que meninos e meninas indígenas não foram educados do mesmo modo pelos jesuítas. A educação das meninas ocorria nos aldeamentos, onde cantavam orações e catecismos. Algumas aprendiam ofícios, como o de fiandeiras.

Sobre a educação das meninas negras, há poucos estudos, mas se havia negras que negociavam, questiona-se como aprendiam a fazer contas. Em relação à educação das mulheres pardas e mulatas, essas tiveram opções de educação alternativa à educação religiosa. Por fim, Veiga (2007, p. 73) chama atenção para o seguinte aspecto da educação de mulheres:

A alternativa educacional nos recolhimentos e conventos foi restrita a poucas mulheres, e por razões bastante compreensíveis. O objetivo dessas instituições era o resguardo das virgens, a proteção das casadas e o retiro das viúvas – e poucas dessas mulheres possuíam vocação para se dedicar à vida religiosa e aos respectivos estudos.

De meados do século XVIII ao século XIX, não foram muitos os avanços na educação feminina, mas houve movimentos no âmbito externo que influenciaram o contexto brasileiro. Nessa perspectiva, além das preceptoras que ensinavam nos colégios leigos e religiosos, houve uma tendência em se reivindicar a participação mais ativa das mulheres na sociedade e, para isso, requeria-se uma educação mais voltada para o desenvolvimento intelectual das mulheres. A esse respeito, foram registradas algumas iniciativas, de acordo com Veiga (2007):

- ✓ Debateu-se no Rio de Janeiro, em 1874, a possibilidade do ingresso de mulheres na Faculdade de Medicina, o que só se efetivou em 1879;
- ✓ Em 1880, o Colégio Pedro II admitiu algumas mulheres;
- ✓ Em 1881, o Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro abriu cursos para as moças.

A historiografia educacional brasileira mostra alguns dos inúmeros obstáculos para os processos de escolarização e formação profissional femininas. Hoje, somos o maior número de estudantes na educação superior, porém, a condição feminina ainda impõe fronteiras, não no direito igualitário de ingressar na escola, mas nas condições iguais de permanecer (BRASIL, 2015). Por isso, tive o interesse em estudar a formação profissional feminina ofertada pelo Programa Mulheres Mil, nas turmas de 2012 e 2013, quando ministrei a disciplina de Língua Portuguesa, em 2012, e a oficina Mapa da Vida, na turma de 2013.

Nesse caso, meu objeto de estudo são os registros escritos na forma de cartas elaboradas por alunas do Programa, cuja possibilidade de análise está na perspectiva da cultura escrita. Registros escritos, como cartas, cadernos e escritas de pessoas sem fama que ficaram conhecidos como cultura ordinária da pessoa comum, que tecendo sua história avança cotidianamente. Na perspectiva de Certeau (2007, p. 57), “Os projetos abandonaram os atores donos de nomes próprios e brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados”. O autor explica que o anônimo e o cotidiano entram em cena como objeto de pesquisa. Para ele, o homem ordinário também é:

Herói comum. Personagem disseminada. Caminhante inumerável. Invocado, no limiar de meus relatos, o ausente que lhes dá princípio e necessidade, interrogo-me sobre o desejo cujo objeto ele representa. A este oráculo que se confunde com o rumor da história, o que é que pedimos para nos fazer crer ou autorizar-nos a dizer quando dedicamos a escrita que outrora se oferecia em homenagem aos deuses ou às musas inspiradoras? (CERTEAU, 2007, p. 57)

O estudo centra-se nos escritos de mulheres comuns, pois elas também arquivaram, por assim dizer, suas histórias em cartas, adotando uma postura reflexiva sobre si, sobre a vida. Assim, a carta, por exemplo, é o tipo de escrita epistolar que se destaca pela relevância na expressão dos sentimentos e das experiências individuais e coletivas. Para Certeau (2007, p. 224), “a prática escriturística assumiu um valor mítico nos últimos quatro séculos, o ‘progresso’ é do tipo escriturístico”. De modos os mais diversos, define-se portanto pela oralidade (ou como oralidade) aquilo que uma prática “legítima”, sendo científica, política, escolar, dentre outros.

Nesse sentido, a escrita de cartas contribuiu para o desenvolvimento da prática de leitura como hábito do cotidiano, além de deixar de ser preferencialmente masculina para ser cultivada de forma mais intensa pelas mulheres. Segundo Perrot (2007), a carta constitui uma forma de sociabilidade e de expressão feminina, autorizada e mesmo recomendada ou tolerada.

Em face disso, a partir da leitura das cartas que foram produzidas na oficina Mapa da Vida e na disciplina Língua Portuguesa, com alunas do Programa Mulheres Mil nos anos de 2012 a 2013, inquietava-me saber: Quais as representações das alunas sobre o Programa Mulheres Mil? O que é possível saber sobre as alunas a partir de seus escritos? Quem são essas mulheres? O que dizem de si mesma nas linhas e entrelinhas das cartas? O que dizem sobre Programa?

Elencou-se como objetivo geral analisar as representações sobre o Programa e os percursos de vida, a partir da produção de cartas nas disciplinas supracitadas ministradas por

mim, no IFMA – Campus Açailândia. Nessa perspectiva elenco como objetivos específicos: perceber as representações acerca da infância, maternidade, trabalho e educação, categorias identificadas nos documentos analisados; analisar os percursos de vida a partir da escrita epistolar; compreender as escritas epistolares como documentos de escrita íntimas; entender as representações construídas pelo coletivo de mulheres do Programa Mulheres Mil, acerca dessa política pública.

O texto da dissertação contém cinco capítulos. O primeiro deles, no qual faço a apresentação das motivações da pesquisa, apresento também o tema, a temporalidade, as fontes, os objetivos. No segundo capítulo, discorro sobre o referencial teórico metodológico, perpassando sobre a revisão dos trabalhos produzidos e divulgados em periódicos; e dissertações que me auxiliaram situar a esse objeto de estudo.

Depois, indico alguns pilares de sustentação teórica e metodológica que se encontra nas contribuições da História Cultural e sua relação com a cultura escrita, com o alargamento das fontes e objetos de estudo. Foi a renovação desse campo que me permitiu utilizar as 20 cartas como fontes de pesquisa. Nesse sentido, no segundo capítulo, apresento a produção das cartas na disciplina de Língua Portuguesa e Mapa da Vida. Para construção desse capítulo, apoio-me principalmente em Roger Chartier.

O terceiro capítulo trata da educação e profissionalização femininas, também sobre o Programa Mulheres Mil, uma política pública que pretendia qualificar mil mulheres das regiões Norte e Nordeste brasileira, pois se trata de regiões onde as mulheres apresentam a menor escolaridade e maior desqualificação profissional, agravando a situação de desigualdade no país.

A emergência do Mulheres Mil ocorreu em 2007, por meio do acordo bilateral entre Brasil e Canadá e em 2011 se constituiu como política pública no governo da presidenta Dilma Rousseff. A implantação do Mulheres Mil em Açailândia iniciou em 2011, momento em que representantes do Campus estiverem em Brasília participando de cursos de formação. Cabe destacar que a escolha pelo Curso Básico de Qualificação Profissional em Alimentos levou em consideração a necessidade do estado que recebeu o Programa, visto que em cada estado que optou pelo Programa a oferta dos cursos foi feita de acordo com suas necessidades. No caso do Rio Grande do Norte, o Instituto Federal ofertou além dos cursos na modalidade Jovens e Adultos, Ensino Fundamental, profissionalização nas áreas de beneficiamento de couro de peixe, processamento de frutas e customização do couro. No terceiro capítulo, utilizei os estudos de Michelle Perrot, Guacira Lopes Louro e os textos produzidos pelo governo acerca do Programa Mulheres Mil.

No quarto capítulo, apresento as alunas, mulheres, as quais nomeio de escreventes, pois se trata de mulheres que apresentam escritos que se inserem na cultura ordinária da pessoa comum. As análises dos documentos foram realizadas a partir dos questionamentos: Quem são estas mulheres, alunas, escreventes? O que dizem de si mesmas nas linhas e entrelinhas das cartas? O que dizem sobre Programa? Não foram questões simples de responder, aliás, considero que não é possível abarcar a totalidade de respostas possíveis às questões. Ao realizar a leitura das cartas, as categorias mais frequentes foram infância, maternidade, casamento, educação, trabalho e o Programa Mulheres Mil. Desse modo, a partir delas foram construídas as narrativas e em seguida as análises. Cabe ressaltar que o conceito central da análise é o de representação e, acerca dele, Chartier (2009) afirma que o mesmo possibilita vincular estreitamente as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais.

Ao findar o texto dissertativo, no quinto capítulo, reconheço as limitações impostas a quem estuda sua prática, embora, a relação entre pesquisadora e objeto de estudo esteja marcada pela interação entre ambos, o que acarreta a mudança na percepção do objeto de estudo e ampliação do pensamento de quem pesquisa.

Essa investigação apresenta também limitações por ser uma política pública recente, por outro lado, penso que poderá ampliar o debate do campo das políticas, sobretudo das de gênero. Aliás, as questões de gênero no Programa só foram pensadas a partir das reuniões técnicas promovidas em Brasília com os servidores dos Institutos, pois se questionavam como um Programa que tem como público alvo mulheres pode desconsiderar questões relacionadas aos direitos das mulheres, suas trajetórias de vida, dentre outras.

Além disso, a abordagem eleita, tendo como objeto de estudo no campo da história da educação as cartas produzidas por alunas do Programa em um tempo recente, talvez apresente as fragilidades que há em lidar com análises ainda não maturadas no próprio campo, digo isto porque a revisão de literatura apontou o maior interesse dos pesquisadores em analisar o Programa enquanto política pública, e menos no campos das representações escolares e cotidiano, elementos tão caros no campo da história da educação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

Nesse capítulo, discorro sobre o referencial teórico metodológico, mostro o pilar de sustentação teórica metodológica que se encontra nas contribuições da História Cultural e sua relação com a cultura escrita, com o alargamento das fontes e objetos de estudo. Tudo está organizado na seção: Considerações sobre a História Cultural e Cultura Escrita.

No planejamento da escrita sobre o tema a ser desenvolvido no projeto de pesquisa, faz-se necessário que o(a) pesquisador(a) busque outros campos de saberes, a fim de alargar e fundamentar seu próprio conhecimento acerca da temática escolhida. Assim, com o rascunho do problema de pesquisa em mente, procurei, a princípio, por pesquisas já concluídas sobre o assunto. Além disso, busquei outros estudos que dialogassem com a temática proposta no projeto.

A construção do estado da arte requer do investigador um olhar atento aos detalhes e às possibilidades de investigação, interligando sua pesquisa com outros trabalhos e ao mesmo tempo identificando a própria escrita como marcas de sua individualidade, como um leitor que olha com os olhos de autor e de pesquisador, pois é a partir desse olhar que o pesquisador em Educação aprende a conhecer para além das evidências. Ressalto ainda que durante a construção desse momento estive imersa em dúvidas e dificuldades para apresentar de forma simples e sucinta os caminhos dessa escrita.

Em face disso, comecei a pesquisar para melhorar meu próprio projeto, assim, no período de dezembro de 2016 a fevereiro de 2017, procurei por dissertações nos bancos de dados da Biblioteca Digital do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), utilizando os descritores Programa Mulheres Mil, Inclusão Social de Mulheres, e Educação Profissional de Mulheres, com o recorte temporal no período de 2011 a 2015.

Após o levantamento, selecionei duas dissertações a saber: Programa Mulheres Mil: uma análise no campo das políticas de inclusão do IFSC, de Juliana de Souza Pereira (2015) e A educação profissional e a política pública Mulheres Mil: a implementação no âmbito do IFMA em São Luís, de Tássia Mendes Silva (2015), pela possibilidade de diálogo com essas pesquisas. Em resumo, os trabalhos apresentados nos quadros do Apêndice A ajudaram-me a refletir e questionar meu próprio objeto de pesquisa, já que construí um contexto histórico de caracterização do Programa e sua política, e a possibilidade de educação e trabalho.

Os textos lidos, na sua maioria, apresentam apenas o caráter da política pública a qual o Programa se insere, no entanto, percebo que a presente pesquisa pode contribuir para além da análise da política.

2.1 Considerações sobre a História Cultural e Cultura Escrita

A construção do objeto de pesquisa significa labor do ofício do(a) pesquisador(a), uma vez que entendo que a pesquisa representa uma exposição de ideias e discursos, é o momento de pensar sobre o objeto, refletir sobre a escolha e amadurecimento do estudo.

A pesquisa desenvolvida teve como foco analisar um conjunto de cartas produzidas em sala de aula no Instituto Federal do Maranhão – Campus Açailândia por alunas no Programa Mulheres Mil (PMM), nos anos de 2012 e 2013, no momento em que lecionei as disciplinas de Língua Portuguesa, entre 2012 a 2014, e Mapa da Vida, em 2013, para alunas do programa citado, com turmas de 35 mulheres³ a cada curso ofertado. No entanto, para essa pesquisa, escolhi somente duas turmas, as quais denominei de Mulheres 2012 e Mulheres 2013. A escolha da primeira turma decorreu do meu primeiro contato com o Programa e a seleção da segunda turma foi quando eu ministrei a disciplina Mapa da Vida e as principais atividades desenvolvidas foram intituladas “Minhas memórias.”

Durante as aulas, trabalhei com essas mulheres a partir de textos motivadores, como algumas poesias de Cora Coralina. Em outro momento, os textos foram cantigas de roda. A escolha dos textos de Cora Coralina e das cantigas de roda atendiam ao meu objetivo de trabalhar as questões da linguagem a partir de experiências vividas pelas alunas durante o seu percurso de vida que as estimulassem a contar suas próprias histórias guardadas na memória, e os poemas e cantigas contemplavam esse objetivo.

Os encontros aconteceram em salas da escola, em quatro momentos com duração de 5 horas, no período da tarde. Neles foram desenvolvidas atividades em que cantávamos, dançávamos, compartilhávamos conversas, risos e, por fim, registrava-se a maioria desses acontecimentos em cadernos e fotos. A quantidade dos registros chega a 30 cartas, além de outras produções, como cartazes e fotos.

Durante e após a realização da oficina Mapa da Vida e da disciplina de Língua Portuguesa, decidi guardar esses materiais para ter acesso a outras questões referentes às participantes desse programa, compreender seus espaços e vínculos sociais. Quem eram, por

³ As turmas do Programa Mulheres Mil inicialmente deveriam ter apenas 25 mulheres em cada turma, mas, uma vez que houve evasão, as turmas foram unidas, e o trabalho foi realizada com turmas de cerca de 35 mulheres.

qual razão escolheram ingressar no curso, essas eram minhas curiosidades pois, até aquele momento eu sabia apenas o que a coordenação disse, de forma geral, sobre o PMM e sobre as alunas. Sabia, por exemplo, que eram mulheres do entorno do IFMA – Campus Açailândia, que tinham histórico de algumas situações de violência, mas ressalto que nesse primeiro momento não guardei essas cartas com motivações de pesquisa. No entanto, ao longo do tempo, minha vivência no Programa suscitou algumas inquietações e essas levaram-me a tê-lo como objeto de estudo. À medida em que fui construindo meu projeto de pesquisa, verifiquei que as cartas poderiam me ajudar na composição desse objeto.

Logo, para essa pesquisa selecionei como fontes vinte cartas. A escolha foi organizada a partir da leitura do material e o seu conteúdo me mostrou uma riqueza de informações. Após o amadurecimento da leitura, as categorias principais que emergiram dessa produção foram: infância, maternidade, educação, trabalho e o Programa Mulheres Mil (PMM).

Assim, essa pesquisa ancora-se nos pressupostos da História Cultural e da História da Cultura Escrita, que nos permite uma compreensão maior desse campo de conhecimento e uma possibilidade de análise do material empírico escolhido.

Se a História Cultural é chamada de Nova História Cultural, como faz Lynn Hunt, é porque está dando a ver uma nova forma de trabalhar a cultura. Não se trata de fazer uma História do Pensamento ou de uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da Cultura nos velhos moldes, a estudar as grandes correntes de ideias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicarem o mundo. (PESAVENTO, 2014, p. 15).

A escolha do aporte teórico da História Cultural nos apresenta condições de analisar documentos, aqui, as cartas escritas por mulheres comuns cujo conteúdo expressa uma escrita de si e de sua relação com o outro e com o mundo, ou seja, uma representação da realidade ao qual estão inseridas. Além disso, nos ajudam a compreender melhor o conceito de representação que será discutido a partir da perspectiva da História Cultural apresentada por Roger Chartier (1988):

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporadas que criam as figuras graças aos quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado. (CHARTIER, 1988, p. 16, 17)

Acerca do conceito de Representação, centralidade desse estudo, Chartier (2009, p.49, 50) faz algumas observações:

- 1 Possibilita vincular estreitamente as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais.
- 2 Incorporam nos indivíduos, sob a forma de esquemas de classificação e juízo, as próprias divisões do mundo social.
- 3 São elas que transmitem as diferentes modalidades de exibição da identidade social ou da potência política tal como as fazem ver e crer os signos, as condutas e os ritos.

Nesse sentido, o conceito de representação de Chartier ajuda-me a construir o suporte para compreender as categorias que emergiram dentre as quais cito a representação sobre o PMM, encontrado nas cartas produzidas pelas alunas das turmas 2012 e 2013 do PMM, em Açailândia, como as encontradas na escrita de algumas delas acerca das possibilidades abertas para elas a partir da conclusão do referido curso. A expectativa para algumas alunas se referem à inserção no mercado de trabalho, abrir o próprio negócio e continuar os estudos, como pode-se observar no escrito da Carta 3 de 2012: *“Eu quero muito que dê certo e através desse curso mulheres mil realizar o sonho de arrumar um trabalho terminar os estudos crescer profissionalmente.”* Ou ainda na expectativa dessa mulher, da Carta 6 de 2012, em que diz: *“Este curso traz muitas alegrias porque fiquei 11 anos fora de sala de aula e aqui teve oportunidade de estudar e aprender importante de ter um emprego ou trabalhar por conta própria eu acredito e vou em busca deste grande plano.”*

Ainda nesse contexto, a História Cultural também nos auxilia no campo da cultura material e da própria História da Cultura Escrita, sendo os manuscritos e o livro alguns exemplos dessa materialidade. Além disso, o interesse historiográfico colocou em relevância os estudos nesse campo da cultura escrita, visto que os registros escolares contribuem para um entendimento de determinados períodos históricos:

À medida que se amplia o interesse historiográfico pelos cadernos, igualmente há a inquietude por sua busca, de modo que sua constituição em objeto de estudo é devedora e caminha em paralelo com o empenho de iniciativas que têm tido o objetivo de identificar, inventariar, classificar e conservar cadernos e demais trabalhos escolares. (GÓMEZ, 2012, p. 67)

Considerando essas cartas como uma escrita escolar, trago para a análise a perspectiva de Gómez (2012), que apresenta alguns eixos de estudos sobre os escritos escolares como dispositivos escolares em que se investigam a disciplina neles representadas, o currículo, o discurso ou a organização dos conhecimentos neles aprendidos. Outros estudos sobre as produções escolares apresentam uma análise mais ideológica dos escritos a fim de examinar as representações.

Outro eixo da produção científica tem-se fixado mais no substrato ideológico que se camufla nas lições e cópias, a fim de revisar a instrumentação política da escola e as relações de poder por ela sofrida, em que se destacam os distintos enfoques que têm tomado esses escritos como fontes para analisar as representações do imaginário político e social inscritos neles: a guerra, a militarização da infância, a religião, o patriotismo ou a família, entre outros. (GÓMEZ, 2012, p. 68)

Desse modo, a História da Cultura escrita nos ajuda na construção dessa materialidade necessária para análise dos registros representados por meio da escrita.

O medo do esquecimento obcecou as sociedades europeias da primeira fase da modernidade. Para dominar sua inquietação elas fixaram, por meio da escrita, os traços do passado, a lembrança dos mortos ou a glória dos vivos e todos os textos que não deveriam desaparecer. (CHARTIER, 2007, p. 9)

Nesse contexto, os registros das alunas nas cartas contribuem para uma reflexão sobre as dificuldades que muitas mulheres ainda enfrentam ao longo dos anos, como retorno ao estudo, o desejo do trabalho com garantias trabalhistas, como observei na leituras dos registros, além disso, as cartas foram produzidas por mulheres comuns com certas dificuldades de escrita em muitos casos, pessoas anônimas, participantes de uma programa social e por isso entendo a importância de se estudar esses registros.

Nessa perspectiva, acredita-se que o processo de desenvolvimento histórico da escrita aconteceu a partir da necessidade do homem de interagir, comunicar e expressar pensamento e sentimentos por meio de registros duráveis, a fim de guardá-los e arquivá-los para serem visitados e consultados em outros momentos. Os primeiros registros foram feitos em pedras, madeira, tecido, além disso, o pergaminho e o papel foram os suportes indelévels para a escrita dos feitos, das guerras, dos poemas, das glórias ou derrotas dos homens ao longo do tempo.

A escrita, como registro mais durável, sinaliza para uma mudança nas relações sociais antes fundamentadas na oralidade. Além disso, pode-se inferir que a prática da escrita está relacionada a outras práticas sociais, como a política e a economia, bem como registros simples sobre coisas cotidianas, ou seja, a necessidade de expressar e comunicar no cotidiano.

Os humanos são criaturas profundamente sociais, como são muitos outros animais; contudo, a linguagem estendeu os meios de interação social, aprofundando e tornando mais complexa nossas relações uns com os outros. A escrita tem desenvolvido mais ainda essas possibilidades, usando tanto a nossa sociabilidade quanto a nossa linguagem. (BAZERMAN; HOFFNAGEL; DIONISIO, 2007, p. 11)

A partir dessa necessidade de relacionar-se e ao mesmo tempo guardar ou até mesmo “eternizar” o pensamento, as sensações, a memória dos homens e mulheres, foi atribuído à escrita o papel de guardião dos acontecimentos ao longo da história. Mesmo com toda essa atribuição destinada à escrita, observa-se que muitos registros não sobreviveram, ao

longo da história, preservados nos arquivos ou bibliotecas. Chartier (2007, p. 9) confirma isso ao dizer que “Em um mundo no qual as escritas podiam ser apagadas, os manuscritos, perdidos e os livros estavam sempre ameaçados de destruição, a tarefa não era fácil”.

A linguagem desperta a curiosidade do homem ao mesmo tempo exercendo sobre ele uma fascinação em descobrir, investigar, criar. Além disso, ela possibilita a interação, a troca de experiências, permite falar sobre o presente, o passado e o futuro, fantasiar. Nesse sentido, entende-se que a realização da linguagem pelos sujeitos acontece no meio social com objetivo de comunicar. Desta forma,

A linguagem é provavelmente a marca mais notória da cultura. As trocas simbólicas permitem a comunicação, geram relações sociais, mantêm ou interrompem essas relações, possibilitam o pensamento abstrato e os conceitos. Quando, em uma entrevista, perguntou-se a Umberto Eco as razões para o título de sua obra, *O nome da rosa*, ele respondeu que certo monge medieval dissera que mesmo não havendo mais uma rosa, ou certa rosa, ou rosa alguma, pela linguagem é que podemos dizer, “não há mais a rosa” (*nulla rosa est*). Sem linguagem, não há acesso à realidade. Sem linguagem, não há pensamento. (ARAÚJO, 2004, p. 9)

Aqui, pontuo que as aulas iniciavam com poesias como por exemplo, o Poema do Milho, de Cora Coralina, assim como com cantigas de rodas (Ciranda cirandinha e Terezinha de Jesus), ou pela linguagem oral, visto que fazíamos as rodas de conversas, nessas rodas de conversas as alunas falavam sobre alguns pontos de suas vidas como terem deixado a escola, os relacionamentos, aqui, por vezes os relatos eram acompanhados de lágrimas e depois silêncio, e, por fim, a linguagem na perspectiva escrita em cartas. Assim, após esse momento identifiquei na escrita das cartas registros como dessa mulher da turma de 2012: “*Ter direito iguais ser amada por alguém na vida que mim respeita mim dá valor [...]*” ou esse outro relato da turma de 2013: “*Quando eu era criança eu gostava de brincar como toda criança. O que eu lembro é que os brinquedos que eu brincava, não era como os de hoje. Quando era tempo de colher milho eu gostava de ir na roça para tirar boneca de milho p/ poder brincar*”.

O fascínio que a linguagem exerce sobre os homens é antigo, segundo Petter (2011), foi expresso por mitos, lendas, cantos, rituais ou trabalhos eruditos cujo objetivo era conhecer essa capacidade humana. Nessa perspectiva, o desejo de conhecer a linguagem, a princípio, deu-se por motivos religiosos, sendo os hindus os primeiros a reunir os escritos sagrados para que não fossem modificados ao serem recitados. Além disso, a Reforma Protestante, do século XVI, desencadeou um novo momento da religiosidade, esse evento permitiu a tradução do texto sagrados para outras línguas distintas do latim, que continuou em situação de prestígio. A linguagem possui um viés dialógico considerando a interação entre os

sujeitos fundamental para a comunicação, visto que, no ato de comunicar, a presença do outro é essencial para a construção do eu.

O entendimento da natureza dialógica da linguagem nos permite compreender o processo de interação entre os sujeitos, assim como a produção dos diferentes sentidos produzidos no processo de comunicação. Além disso, o sentido dialógico compreende as várias formas da comunicação verbal desde a oralidade à leitura de textos escritos ou livros.

Feita a reflexão acima, entende-se que a escrita desenvolve-se para comunicar as mais diversas necessidades entre os sujeitos ao longo do tempo, ou seja, uma relação de proximidade com os aspectos culturais, históricos e sociais da história humana. Por isso, a escrita não pode ser vista apenas como um leque de signos linguísticos cujo objetivo é representar o pensamento, antes, a escrita traz em si valores históricos e culturais a serem transmitidos entre as gerações. Assim, Brandão (2014, p. 273) afirma que “Numa sociedade letrada, a escrita adquire função de suma importância, porque, além de seu papel documental de guardião da tradição, ela é instância instauradora de diálogos nas várias dimensões espaciais e temporais”. Mas cabe refletir sobre o papel excludente que a escrita produz, afinal quem tem acesso à leitura e à escrita? Quem pode dominar esses códigos tão complexos? As alunas sob certos aspectos certamente fazem parte de um grupo alijado, em certa medida, desse processo de escrita.

Dessa forma, infere-se que a escrita é um processo social capaz de articular pensamentos, experiências, projetos, crenças e ações de uma determinada sociedade. Nessa perspectiva, o antropólogo Jack Goody (1986 apud BAZERMAN; HOFFNAGEL; DIONISIO, 2007) observa que a escrita influenciou a organização da sociedade.

Algumas das consequências sociais que Goody identifica podem ser vistas como mudanças diretas possibilitadas imediatamente pela escrita – tais como a facilitação comuns de crenças serem mantidos constantes através do tempo e do espaço; ou a estabilização e extensão dos regimes jurídicos baseados num código legal escrito. BAZERMAN; HOFFNAGEL; DIONISIO, 2007, p. 17)

Assim, a contribuição da cultura escrita para a história é significativa, pois adquire uma perspectiva de análise mais ampla da escrita ao abordar situações sociais e culturais inerentes a ela, como considerou Gómez (2003). Desse modo, a cultura escrita não se fundamenta apenas na leitura de elementos gráficos, mas transcende esse aspecto:

El proyecto que sostiene la historia de la cultura escrita trasciende la consideración de la escritura como un mero sistema gráfico para interrogarse principalmente por sus distintas funciones y las consiguientes prácticas materiales, siempre en referencia a las respectivas sociedades históricas y teniendo en cuenta que en cada momento la sociedad ha estado formada por alfabetizados y analfabetos. Por esa razón, la cultura escrita en cuanto práctica social nos sumerge en una aventura tan

apasionante como la de reconstruir, a partir de los propios testimonios escritos y sin obviar su análisis formal, el significado y el uso que le han dado las respectivas sociedades a lo largo del tiempo. (GÓMEZ, 2003, p. 96)

Nesse contexto, considera-se que a cultura escrita abrange os testemunhos escritos, quaisquer que sejam, desde fichas médicas, cadernos escolares, coisas do cotidiano. Segundo Artiéres (1998), esses escritos é a valorização da escrita pessoal, da escrita de si. Assim, cartas, diários, cartões são considerados escritos ordinários, porém guardam histórias de sujeitos em várias épocas da sociedade. É oportuno ressaltar ainda que nem todos os nossos registros realizados ao longo dos anos são guardados ou destinados a arquivos, visto que fazemos uma seleção daquilo que será guardado, como afirma Artiéres (1998, p. 10):

Enfim, porque fazemos triagens nos nossos papéis: guardamos alguns, jogamos fora outros; damos arrumações quando nos mudamos, antes de sairmos de férias. E quando não o fazemos, outros se encarregam de limpar as gavetas por nós. Essas triagens são guiadas por intenções sucessivas e às vezes contraditórias.

Os registros estão impregnados de histórias, relatos familiares, religiosos, individuais ou coletivos revelando marcas de escolarização ou não dos sujeitos envolvidos, desse modo, os registros feitos pelas mulheres no decorrer dos séculos em cartas e diários apontam para essas reminiscências do eu das experiências individuais, religiosas, familiares (PERROT, 2007). Por isso, a importância desse papéis que guardei. Quais foram as vias da escrita para as mulheres nesse mundo proibido? De início, a religião e o imaginário: as vias místicas e literárias, a oração, a meditação, a poesia e o romance.

Sendo assim, a escrita aparece como guardiã dos relatos pessoais ou coletivos marcados pela subjetividade das muitas mulheres, refletindo sobre si mesmas, ou até mesmo como uma voz que rompeu o silêncio imposto sobre o sexo feminino ao longo do tempo.

Tais são os caminhos das primeiras mulheres que escrevem, das pioneiras da escrita: Safo, a misteriosa poetisa grega que, ao final do século VII, anima em Lesbos, um grupo coral onde cantam as jovens da boa sociedade; a religiosa Hildegarde de Bingen, autora, no século XII, de *Hortus deliciarum* (Le Jardin des délices, coletânea de cantos gregorianos); Marguerite Porete (Le Miroir des âmes simples et anéanties), morta na fogueira como herética no século XIV; Catarina de Siena, letrada e conselheira do papa; a grande Christine de Pisan, cuja obra *La Cité des dames* marca uma ruptura no século XV. (PERROT, 2007, p. 31)

À vista disso, a escrita assume o papel de porta-voz de nossa própria história e do espaço ao qual estamos inseridas, ainda assim, o processo educacional das mulheres e a apropriação da escrita e da leitura não aconteceu de forma igual à educação destinada aos homens, sendo desigual e tardia. Além disso, a educação destinada às moças também assumiu posições de separação por classe social, por exemplo, as moças nascidas em famílias ricas

tiveram um acesso mais rápido e melhor, já as moças de origem familiar humilde, quando permitido, se apropriaram da leitura e da escrita por meio da benevolência das religiosas.

As moças, filhas de classes privilegiadas, reivindicaram o acesso à educação mais cedo, as famílias pertencentes à nobreza contratavam preceptoras para cuidarem da leitura e da escrita dessas jovens, nesse ensino, elas aprendiam a ler e escrever em francês ou inglês, de igual modo, as meninas da família burguesa iniciavam sua educação em casa e depois continuavam no internato. No entanto, a educação oferecida às mulheres visava apenas instruí-las a fim de desenvolverem bem o seu futuro papel de esposa e mãe, conforme registra Michelle Perrot (2007, p. 31) acerca da realidade europeia.

É preciso, pois, educar as meninas, e não exatamente instruí-las. Ou instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis: [...] formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona-de-casa, de esposa e mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifícios que tecem a coroa das virtudes femininas.

O ensino a elas dedicado significava apenas um dever social a ser transmitido. Além disso, as mulheres não lançaram mão à pena para serem protagonistas de suas histórias ou mesmo do desenvolvimento cultural como grandes escritoras; ao contrário, foram impedidas de brilhar no campo das artes, brilharam, talvez, no silêncio de seus quartos, espaço privado, claro, mas podiam sonhar, fantasiar e, por fim, deixar a pena registrar pensamentos em cartas e diários, tão bem aceitos e até recomendado para elas.

Acerca da educação das mulheres, os contrastes entre a Europa e o Brasil não foram tão grandes. No Brasil do século XIX, mesmo silenciadas, as mulheres rasgaram o véu entre o quarto e a sala, entre o público e o privado, e saíram com a pena na mão para escreverem sobre si, a princípio numa escrita leve de cores claras, como rompendo a longa noite em que estavam adormecidas. Depois, cores mais fortes, o vermelho, por exemplo, deu o tom inflamado para a escrita em tom de resistência e reivindicação, como nos versos de Nísia Floresta (apud LOURO, 2006, p. 443): “Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado – emancipação da mulher – nossa débil voz se levanta, na capital do Império de Santa Cruz, clamando – educai as mulheres!”. Nísia Floresta é o pseudônimo de Dionísia de Faria Rocha⁴, que tornou visível a luta da mulher brasileira por educação. Para Certeau (2007), o pseudônimo seria a “tática do fraco”, esse não é o caso de Nísia Floresta; Louro (2006, p. 443) comenta a postura corajosa dessa mulher, explicando que:

⁴ “Dionísia de Faria Rocha, nasceu no sítio de propriedade dos pais em Papari, Rio Grande do Norte, filha de Antônio Clara Freire e Dionísio Gonçalves. Com a morte do pai passou a trabalhar para sustentar a mãe e os irmãos. Em 1832, publica *Direito das mulheres e injustiça dos homens*”. (TELLES, 2006, p. 405)

Afinal, o que pretendia essa “mulher metido a homem”? Nísia Floresta, uma voz feminina revolucionária, denunciava a condição de submetimento em que viviam as mulheres no Brasil e reivindicava sua emancipação, elegendo a educação como instrumento através do qual essa meta seria alcançada.

Apesar da resistência a sua escrita, algumas mulheres não silenciaram mais, usando de táticas de resistências elas continuaram escrevendo em jornais, reivindicando direitos ou equidade entre homens e mulheres.

Uma mulher, na intimidade de seu quarto, pode escrever um livro ou um artigo de jornal que a introduzirão no espaço público. É por isso que a escritura, é suscetível de uma prática domiciliar (assim como a pintura), é uma das primeiras conquistas femininas, e também uma das que provocam mais forte resistência. (PERROT, 2007, p. 10)

Em face disso, há uma necessidade de estudar mais sobre a história educacional feminina desenvolvida ao longo dos séculos, uma história que por tantas vezes nos faz refletir acerca do processo de escolarização, o acesso a essa e, por fim, o uso social que fazemos dela. Mas isso será objeto de discussão do terceiro capítulo. O que pretendi até aqui foi mostrar que por meio da escolarização, as mulheres tiveram a oportunidade de se apropriarem da escrita. Acerca da apropriação, Chartier (1998) afirma que ela está inscrita nas práticas que as produzem.

Assim, o uso da escrita é algo cada dia mais utilizado pelos sujeitos na sociedade como prática comunicativa, além disso, o desenvolvimento de aparelhos tecnológico, como o computador, celular e *tablet*, ampliou ainda mais sua utilização, dessa forma, a escrita tornou-se um capital social importante na vida diária, visto que, a apropriação da escrita como prática social a elevaram de tal maneira que essa apropriação se tornou símbolo de poder, desenvolvimento, bem como, educação.

O domínio da atividade escrita é um aspecto importante, visto que, há uma clara orientação desde a infância a sua aquisição, pois, o seu domínio proporciona maior acesso à leitura e demais bens culturais, assim como, melhores condições de desenvolvimento intelectual, assumindo um caráter privilegiado como um bem cultural desejável na sociedade. Ademais, o domínio da prática da escrita é tido como meio de comunicação também por ser utilizada no cotidiano nos mais variados contextos sociais, como o trabalho, a escola, a comunidade, nas repartições públicas, dentre outras, assegurando assim, essa comunicação ao longo do tempo entre os sujeitos na sociedade.

No entanto, a conquista da escrita como bem cultural desejável não aconteceu da mesma forma entre homens e mulheres, como ressaltado, uma vez que a primazia dessa conquista foi a princípio destinada ao primeiro sexo, enquanto as mulheres travaram batalhas

para superar as dificuldades, inclusive o acesso à educação a elas destinada. Além disso, o processo de escolarização orientava desde cedo aos homens desenvolverem o gosto pelo conhecimento filosófico, político e econômico, cujo objetivo era o exercício dessas atividades por eles na esfera pública, enquanto as mulheres eram, quando escolarizadas, incentivadas a organização do governo do lar ao qual foram destinadas.

O processo de escolarização das mulheres encontrou dificuldades no que tange ao acesso destas aos espaços escolares e consequentemente ao conhecimento das letras, essa dificuldade acontecia em virtude de serem essas mulheres educadas no próprio lar e, por isso, não dispunham do mesmo aprendizado adquirido pelos homens nos bancos escolares.

Acerca da diferença na educação entre meninos e meninas, Louro (2006, p. 444) diz o seguinte: “ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos noções de geometria; para as meninas, bordado e costura”. Essa citação reforça o entendimento de que o processo de letramento era dado às mulheres de forma superficial, já que sua função na organização social, seu papel de esposa e mãe pediria apenas uma sólida formação religiosa, e isso já era garantido pelo ensino da doutrina cristã. Além da prática de leitura e escrita, acrescentava-se a música e o francês na educação das mulheres mais abastadas da sociedade, no entanto, essas atividades visavam a boas maneiras dessas moças, a fim de serem em tudo melhores esposas aos seus maridos.

As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de mando das criadas e serviçais, também faziam parte da educação das moças; acrescidas de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem apresentá-lo socialmente. (LOURO, 2006, p. 446)

Assim, compreende-se que a educação dedicada à mulher estava voltada apenas para o caráter instrutivo de um saber social cujo objetivo se reduzia a torná-las mais agradáveis nos salões da sociedade. Essa educação reforçava a representação do papel ideal da mulher que mesmo sendo iniciada em uma cultura letrada não era, contudo, emancipadora e igualitária entre gêneros, visto que a escrita produzida pelas mulheres no século XIX foi restrita ao espaço privado, como a troca de cartas entre familiares, foram poucas as que se apropriaram da escrita.

Elas escrevem para os parentes mais velhos, para o marido ausente, para o filho adolescente no colégio interno, a filha casada, as amigas de conversas. Suas epístolas circulam eventualmente pela parentela. A carta constitui uma forma de sociabilidade e de expressão feminina, autorizada, e mesmo recomendada, ou tolerada. (PERROT, 2007, p. 28)

Outra prática de escrita sugerida pela igreja para as mulheres foram os diários íntimos, pois acreditavam que tal escrita direcionava para um autocontrole, no entanto, as educadoras laicas tinham certa resistência, pois consideravam esse tipo de escrita subjetiva em excesso. Como prática de escrita, o diário tinha um tempo limitado, uma vez que, o casamento pedia mais atenção da mulher, ademais, o quarto, lugar talvez preferido para a escrita, agora, não é apenas seu, bem como outros espaços utilizados para essa escrita que, embora limitada, continuava intensa, como sinal, talvez, de resistência e afirmação de si mesma, para além, dos papéis desempenhados por ela ao longo da vida.

O discurso sobre a “natureza feminina,” que se formulou a partir século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como força do bem do mal, mas, quando “usurpadora” de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como potência do mal. (TELLES, 2006, p.403)

Assim, as mulheres por um longo período de tempo estiveram sob a tutela ou do pai ou do marido ou da igreja, em suma, era sempre guiada por alguém. Sua educação, como já citado anteriormente, não tinha intenção emancipadora, de maneira que essa mulher, ainda que leitora, ainda que escrevesse, não exercia tais coisas para sair do mundo privado para o espaço público, a fim de perceber o mundo e suas relações com seus próprios olhos. Desse modo, a representação da mulher delicada e frágil foi reproduzida pelo novo contexto social implantado pela burguesia que naturalizava essa representação, ou seja, ao homem o papel de criador enquanto que para a mulher era negada essa autonomia.

À mulher é negada a autonomia, a subjetividade necessária à criação. O que lhe cabe é uma vida de sacrifícios e servidão, uma vida sem história própria. Demônio ou bruxa, anjo ou fada, ela é mediadora entre o artista e o desconhecido, instruindo-o em degradação ou exalando pureza. É musa ou criatura, nunca criadora. (TELLES, 2006, p. 403)

No entanto, embora desfavorecidas nessas relações de acesso e escrita autônoma, as mulheres ousaram romper o espaço da escrita destinado a elas, ousaram escrever para além do espaço privado assumindo, assim, um papel de criadoras de sua escrita, desse modo, romper os limites da escrita do mundo privado simboliza um ato de resistência.

Escrever para as mulheres não foi tarefa fácil. Sua escritura ficava restrita ao domínio privado, à correspondência familiar ou à contabilidade da pequena empresa. Entre os artesãos, a “mãe” que gerenciava a hospedaria era muitas vezes uma mulher instruída que controlava as contas dos trabalhadores e desempenhava o papel de escrivão público. (PERROT, 1998, p. 97)

No século XIX, aconteceram transformações significativas na economia e cultura, o romance, por exemplo, foi um dos aspectos culturais dessa mudança, visto que, esse tipo de produção nesse período apresenta histórias do cotidiano doméstico da vida das pessoas.

A leitura é o que transforma em obra as letras, frases e enredos. E a leitura é sempre determinada pelo lugar ocupado por um leitor na sociedade, num dado momento histórico. Portanto, é feita através do crivo de classe, raça ou gênero. Essas mesmas noções, de classe, raça e gênero são mutáveis construídas no decorrer da história. Sendo assim, cada romance é uma teia de códigos culturais, convenções, citações, gestos e relações. (TELLES, 2006, p. 403)

Nesse sentido, o romance contribuiu para organização do ideal burguês de sociedade, bem como, para o crescimento do público leitor, sendo esse público formado por um grande número de mulheres burguesas. Para Perrot (1998), as mulheres resistiram primeiro pela correspondência, depois pela literatura e depois pela imprensa. Assim, como escritoras, as mulheres usavam a prática do pseudônimo, a fim de resistirem e ao mesmo tempo enfrentarem o preconceito da sociedade patriarcal, visto que, mesmo no século XIX, as mulheres que ousavam falar sobre política, guerras, não passavam de usurpadoras.

Segundo Telles (2006), no início do século XIX, a realidade cultural e educacional das mulheres no Brasil ainda era precária, a bandeira levantada por mulheres era pelo direito à educação assim como os homens o tinham. Nessa luta, Dionísia de Faria Rocha, que adotou o pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta, foi uma voz ou escrita de resistência e luta pelos direitos da mulher. Essa resistência se caracterizou pela reivindicação ao direito à educação feminina, como em sua obra *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, em que ela defende arduamente o acesso à escolarização, visto que, por meio da educação as mulheres teriam condições para superar as dificuldades que surgissem ao longo da vida. Em sua obra seguinte, *Conselhos à minha filha*, de 1842, Nísia Floresta Brasileira Augusta apresenta um teor de reivindicação e resistência (TELLES, 2006).

A imprensa também foi um espaço conquistado pelas mulheres brasileiras no século XIX, muitas organizavam jornais, cujo objetivo era informar as leitoras e até mesmo fazer reivindicações claras e objetivas. Os jornais proliferaram em várias regiões brasileiras e teceram redes para compartilhamento de publicações feitas por mulheres, como exemplos temos o *Escrínio* e o *Corymbo*, no Rio Grande do Sul, que pertenciam a Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro; no Rio de Janeiro, em 1919, foi fundado *Tribuna Feminina* do Rio, que pertencia ao Partido Republicano Feminino; surgiu também a revista *Mensagem*, em São Paulo, da escritora Prisciliana Duarte de Almeida. Esses veículos de comunicação foram

utilizados por essas mulheres para atender a qualquer atividade desenvolvida por mulheres tanto no campo literário quanto em outras profissões (TELLES, 2006).

A mensageira, que se intitulava uma revista literária dedicada às mulheres, noticiava em todos os números os livros publicados por escritoras no Brasil e exterior. Noticiava e resumia conferências e conquistas profissionais. Foi solidária com as escritoras do mundo todo e publicou também artigos sobre mulheres inglesas, polacas, francesas, suecas, até mesmo sobre “a mulher na China” (TELLES, 2006, p.427)

A prioridade nas páginas desses jornais era a questão educacional, no entanto, a questão do voto feminino era tratada de forma indireta através da divulgação dessa conquista em outros países. As ações desenvolvidas por essas mulheres na busca por emancipação aconteceram por meio da educação, uma vez que, para elas a educação promoveria uma tomada de consciência e ajudaria alcançar seus objetivos.

Desse modo, o estudo sobre as publicações dessas mulheres revela sua ousadia em lutar por direito à educação como meio para conquistar a emancipação, as mulheres escreveram além dos “cadernos-goiabada”⁵, elas ousaram reivindicar através de páginas de jornais, revistas e livros a emancipação feminina.

Assim, dos escritos dos “caderno-goiabada” surgiram contos, poesias, como os de Ana Lisboa dos Guimarães Peixoto Bastos, ou simplesmente Cora Coralina, poetisa desde os 14 anos que escreveu sobre a vida com tintas de todas as cores para encantar e envolver com seus poemas. Outra que ousou falar num tempo de muitas limitações foi a ludovicense⁶ Maria Firmina dos Reis, professora e romancista, que nas páginas do romance *Úrsula* levanta a voz para denunciar a violência e ilegitimidade da escravidão (TELLES, 2006).

A escrita dessas mulheres me inspira a estudar mais sobre a história educacional feminina desenvolvida ao longo dos anos, uma história que por tantas vezes nos faz refletir acerca do processo de escolarização, o acesso a esta e o uso social que fazemos dela. Daí, veio a minha memória minha própria trajetória, pois os textos de Cora Coralina são como lentes em que vejo a luta de minha mãe, sua resistência e doçura sempre me dizendo que a escola era melhor que o trabalho na roça, estudar era bom porque podíamos ter uma condição melhor de vida, lembro-me de um desses fatos em um dia de muita chuva, quando voltávamos de Presidente Vargas – MA para o povoado que morávamos, eu e meu irmão montados em um cavalo, ela de guarda-chuva aberto e à pé, trazia no colo nossa irmã caçula, a chuva torrencial,

⁵ A escritora Lygia Fagundes Telles denominou de cadernos-goiabada os cadernos onde as mocinhas escreviam sobre seus pensamentos e estados de alma. (Telles, 2006, p. 409)

⁶ Gentílico que se refere à São Luís.

meu irmão chorando, ela disse em voz firme, porém suave: “Meu filho, não chore, um dia você estará no seu escritório”⁷.

Acompanhar esse percurso historiográfico foi importante para perceber os avanços, dificuldades e recuos no processo de escolarização das mulheres para que se apropriassem da escrita. Não utilizamos uma narrativa linear, mas a tomamos como movimento porque dessa maneira se constrói o discurso histórico.

⁷ Ao relatar este episódio, faço uso das palavras do escritor maranhense Humberto de Campos (1983, p. 9), quando diz “As famílias brasileiras, as mais modestas e obscuras, são como aqueles verões que Saint-Beuve comparava ao rio Nilo, que escondia as suas nascentes, e a parte mais curiosa do seu curso. Têm horror à verdade, quando esta lhes ofende a vaidade ingênua, e ocultam o segredo da sua pobreza, mesmo quando heroica e honrada, como se ela constituísse mácula ignominiosa.”

3 PROGRAMA MULHERES MIL

Neste capítulo discuto a educação e profissionalização femininas, também sobre o Programa Mulheres Mil. Ele está organizado nas seções: Educação e profissionalização feminina; Programa Mulheres Mil: uma política pública; Mulheres Mil no Campus Açailândia.

3.1 Educação e profissionalização feminina

[...] Há um grande silêncio dentro de mim...
(LISPECTOR, 2010, p.133)

O verso de Clarice Lispector, no poema Anonimato, me traz à memória o tempo na história em que as mulheres estiveram envoltas na penumbra da invisibilidade e do silêncio. Para a escritora Michelle Perrot (2007), o silêncio em que as mulheres estavam reclusas precisou ser rompido possibilitando assim escrever uma história das mulheres e com as mulheres.

A partir do século XIX, a historiografia feminina registra que a história se apresenta mais científica, isso significou para as mulheres um pouco de visibilidade, além disso, as mulheres começaram a ingressar nas universidades e a se interessar por sua própria história. Todavia, mesmo com essas conquistas adquiridas a partir do rompimento do exclusivismo político na história pela escola dos *Annales*, os pesquisadores ainda continuavam sem considerar as diferenças entre os sexos como categoria de análise.

Neste sentido, Perrot (2007) coloca algumas razões que naquela época confinaram muitas mulheres ao silêncio: em primeiro lugar as mulheres eram “invisíveis” no espaço público, segundo a autora, a presença delas era no âmbito do lar. A segunda razão é o silêncio das fontes, uma vez que a escrita da história se dá a partir das fontes, documentos e vestígios; no entanto, quando se trata da história das mulheres a presença delas é frequentemente apagada.

Os silêncios apresentados acima são pesados, porém, Perrot (2007) afirma que o silêncio do relato foi o mais profundo, visto que, os relatos feitos tanto por historiadores gregos ou romanos priorizavam o espaço público, ou seja, o espaço dominado pela presença masculina, os “homens ilustres”, “homens públicos”, até entre os religiosos a primazia do relato era para a vida dos santos e menos se falava sobre a vida das santas.

Foi somente a partir de 1960, na Europa, que se constituiu um campo de estudos que colocou as mulheres como sujeitos e objeto de estudo. Por outro lado, cabe ressaltar que não entendemos as mulheres como categoria homogênea, por isso, é que mais adiante o conceito de Gênero acrescentará novas problematizações a esse campo.

Nesse contexto, reporto-me à pergunta feita pela historiadora Michelle Perrot (2007): afinal, como é que nasceu uma história das mulheres? Em resposta a essa pergunta a historiografia feminina registra como data do nascimento da história das mulheres 1960 na Grã-Bretanha e Estados Unidos, e na França na década de 1970, é oportuno salientar que diversos fatores contribuíram para o êxito desse advento, entre esses fatores aparecem as mudanças no campo científico, sociológico e político.

No campo científico acontece uma renovação provocada pela crise dos sistemas de pensamento que dominavam, como o marxismo e estruturalismo, além disso, houve uma proeminência da subjetividade e a aproximação entre história e antropologia, o que resultou em um redescobrimento da família e, assim, possibilitando novas frentes de investigação históricas.

Já os fatores sociológicos foram marcados pela presença das mulheres primeiro como alunas na universidade e depois como docentes. E por fim, o fator político marcado pelo movimento de liberação das mulheres nos 1970, decisivo na contribuição para o nascimento da história das mulheres, como afirma (PERROT, 2007, p. 20):

Esse movimento teve consequências no saber, de duas diferentes maneiras, pelo menos. De início, em busca de ancestrais e de legitimidade, por seu desejo de encontrar vestígios e torná-los visíveis. [...] A longo prazo, esse movimento teve ambições mais teóricas. Pretendia criticar os saberes constituídos, que se davam como universais a despeito de seu caráter predominantemente masculino

É neste contexto que as mulheres começam a romper o silêncio em que estavam confinadas e com isso iniciando um outro jeito de contar o relato, outra maneira de registrar velhas histórias, contarem sua própria história sobre a vida, a educação e o trabalho. Rompido o silêncio, a história das mulheres observa o movimento das mulheres em busca de sua emancipação e liberdade.

Scott (1992, p. 88, 89) acrescenta que “os próprios historiadores das mulheres achavam difícil inscrever as mulheres na história e a tarefa de reescrever a história exigia reconceituações que eles não estavam inicialmente preparados ou treinados para realizar.” Era necessário um modo de pensar sobre a diferença e como sua construção definiria as relações entre os indivíduos e os grupos sociais.

Sendo assim, a categoria gênero, usada primeiro para analisar as diferenças entre os sexos, foi estendida à questão das diferenças dentro da diferença. A política de identidade dos anos de 1980 trouxe à tona alegações múltiplas que desafiaram o significado unitário da categoria das mulheres. Portanto, o vocábulo “mulheres” dificilmente poderia ser usado sem modificação. Nesse sentido, a questão das diferenças dentro da diferença trouxe à tona um debate sobre o modo e a convivência de se articular o gênero como uma categoria de análise. A autora afirma que uma das articulações é a ampliação do

foco da história das mulheres, cuidando dos relacionamentos macho/fêmea e de questões sobre como o gênero é percebido, que processos são esses que estabelecem as instituições geradas, e das diferenças que a raça, a classe, a etnia e a sexualidade produziram nas experiências históricas das mulheres. (SCOTT, 1992, p. 91)

Diante disso, penso que é significativo escrever sobre a história das mulheres, e aqui de forma mais específica sobre as cartas produzidas por mulheres no Programa Mulheres Mil, pois falar sobre as alunas/mulheres que fizeram esse Programa no Maranhão não é entender todas as outras, e também para que nossos registros não sejam apagados.

Feitas essas considerações sobre a história das mulheres cabe destacar que o acesso ao processo de educação formal para as mulheres não ocorreu com facilidade e nem de modo igual entre homens e mulheres. No período colonial brasileiro, como destacado, a primazia do ensino era destinada primeiro aos meninos e tempos depois às meninas, além disso, a educação das mulheres acontecia de acordo com as suas condições sociais, ou seja, as moças de famílias mais abastadas economicamente iniciaram primeiro o processo de escolarização, visto que as mulheres das camadas populares eram desprovidas das condições econômicas para pagarem por esse processo, assim, elas buscavam na aprendizagem de ofícios uma forma para receberem a educação.

Não se pode esquecer que, de modo geral, as meninas das camadas populares estavam desde muito cedo, envolvidas nas tarefas domésticas, no trabalho da roça, no cuidado dos irmãos menores, e que essas atribuições tinham prioridade sobre qualquer forma de educação para elas. (LOURO, 2006, p. 445)

Ressalta-se ainda que as práticas educacionais envolvendo mulheres livres carecem de mais estudos até para se evitar a reprodução de que as mulheres viviam reclusas e ociosas nesse período. Retomando os estudos de Veiga (2007, p. 72), ela ressalta que “as pardas e mulatas filhas de homens brancos, e as brancas pobres tiveram porções de educação alternativas à reclusão religiosa”. Além disso, há registros de profissões femininas nos séculos XVIII e XIX, em Minas Gerais e Bahia, entre as quais a de costureira, enfermeira, fiandeira, quitandeira, cozinheira, doceira, padeira e rendeira.

De acordo com a autora, é preciso destacar que algumas dessas atividades eram aprendidas por imitação e outras requeriam aprendizado sistematizado, como as de vendedora e costureira, porém, a historiografia ainda precisa mostrar onde ocorria esse ensino.

Se as mulheres aprendiam ofícios é porque estavam envolvidas na administração do lar e dos negócios, pois alguns domicílios eram chefiados por mulheres e outras ajudavam os maridos na administração dos bens e negócios ou conduziam sozinhas os mesmos, ainda que fossem poucas, mas evidencia o papel das mulheres no espaço público.

De meados dos século XVIII ao XIX, Veiga (2007) registra que não houve muitos avanços na educação e profissionalização feminina. Além disso, as filhas das elites frequentemente recebiam uma instrução voltada ao lar e para os círculos de convivência social. Para isso, eram preparadas por preceptoras estrangeiras e em colégios femininos leigos e religiosos, cujo conteúdo era destinado ao ensino de primeiras letras, francês, música, piano e prendas femininas. Por outro lado, às mulheres das camadas populares restava a possibilidade de participar das aulas de instrução elementar, as escolas normais e os cursos profissionalizantes. Cabe atentar que eram poucas as iniciativas formativas.

Aqui fica claro que o processo de escolarização mesmo entre as mulheres foi marcado por diferenças significativas, diferenças essas que deixaram à margem da educação um número expressivo de mulheres brasileiras. Nesse sentido, algumas organizações religiosas já exerciam atividades que atendiam a esse grupo de meninas das camadas populares, bem como órfãs, a fim de afastá-las de uma vida de vícios, essas ações revelam um caráter assistencial, cuja finalidade era assegurar uma formação moral sólida que conduzisse as moças ao casamento.

Nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, ocorreram mudanças socioeconômicas alavancadas pelo sistema republicano no país tais como: uma onda de urbanização, industrialização, mudança de pensamento da sociedade da época provocada pelas duas guerras mundiais, além de avanços na área da tecnologia e maior difusão dos veículos de comunicação que favoreceram a explosão de reivindicações de caráter feminista. O direito ao voto foi uma dessas reivindicações, pois, a garantia desse direito colocaria a mulher no cenário político e social, ou seja, o espaço público ora dominado pelos “homens ilustres”; outras reivindicações também foram feitas como igualdade de direitos na educação e profissionalização. (ALMEIDA, 1998).

Apesar dessas transformações, a educação e a profissionalização femininas têm sido colocadas em plano secundário, como ressalta Almeida (1998). E o magistério primário passa a ser uma das principais profissões feminina, inicialmente ocupada por mulheres da

classe média, pois a formação de uma professora exigia gastos que nem sempre as famílias mais pobres puderam arcar. Outro aspecto é que as mulheres poderiam aliar o trabalho doméstico à profissão de professora.

Ressalta-se também que o aprendizado de ofícios esteve ligado às questões financeiras. Homens e mulheres que precisavam sobreviver buscavam aprender um ofício e à medida que os Estados da Federação Brasileira foram se responsabilizando pela instalação de escolas profissionais no século XX, havia a divisão sexual na aprendizagem, isto é, cursos separados para homens e mulheres. A esse respeito Manfredi (2002, p. 86) mostra que entre 1911 e 1930, em São Paulo, começaram a funcionar as primeiras escolas oficiais profissionais destinadas ao ensino das “artes industriais” para os homens, como os cursos de mecânica, marcenaria, pintura, decoração e eletricidade, e “economia e prendas manuais” para as mulheres, com os cursos de bordados, confecções, flores, chapéus, pintura e desenho. Considera-se que essa divisão refletia a mesma divisão do mercado de trabalho e as concepções de sociedade daquele momento, que ainda mantinha as mulheres atreladas ao trabalho doméstico e a tudo que girava em torno dele.

É preciso considerar que, a partir de 1970, as lutas femininas por acesso à escolarização, direitos trabalhistas e outros referentes ao corpo e à sexualidade trouxeram ganhos objetivos às mulheres. A Constituição Federal de 1988, que ampliou os direitos individuais e sociais, destacou a cidadania das mulheres no espaço público e na vida familiar, assegurou os direitos das mulheres nos campos: da saúde, incluindo a saúde sexual e reprodutiva; da segurança; da titularidade da terra e do acesso à moradia; do trabalho, renda e da Previdência Social; do acesso aos direitos civis e políticos. Além de reconhecer as questões relativas à discriminação racial no Brasil. (BRASIL, 1998). No entanto, há muito por fazer para que se mantenham essas conquistas e avancemos em outras.

Ainda hoje, o acesso à educação é marcado pela divisão de classe social, haja vista que a distribuição de renda ainda favorece àquelas que dispõem de melhores condições econômicas para isso. Além do mais, as responsabilidades com as tarefas domésticas são prioritariamente femininas, sobretudo nas camadas populares, em que as meninas precisam permanecer em casa para cuidar dos irmãos menores como observa-se na carta dessa aluna da turma de 2013:

[...] nasci e cresci na roça sou amais velha de seis filhos, meus pais trabalhavam com a terra, sempre tive que ajudar minha mãe com as tarefas de casa, desde muito pequena sempre fui obrigada a ter responsabilidade nem lembro quando começou, sempre cuidando do irmão mais novo, lavando, zelando da casa, e não tive uma infância de uma criança normal, e sim aprender a cuidar da casa.

Relatos como esse me fazem pensar que ainda é bem difícil o acesso e a permanência na escola para muitas mulheres. Em outros casos, o número de mulheres brasileiras chefes de família aumentou significativamente, segundo dados do Portal Brasil (2015), em 2000, o número era de 24% de mulheres chefes de família nos domicílios brasileiros, já em 2010, aumentou para 38,7% os lares em que as mulheres são as responsáveis direta pelo sustento da família.

As dificuldades expostas acima contribuem para o aumento de mulheres que não logram êxito na vida escolar no tempo destinado para isso, assim, o abandono da escola acarreta ainda a falta de qualificação profissional que as assegure a inserção no mercado profissional. A partir da compreensão de que a educação das mulheres das classes populares é dificultada por questões desse tipo, torna mais preocupante que tais situações ainda existam nas primeiras décadas do século XXI no Brasil.

Por isso, a necessidade de projetos que assegurem às mulheres o retorno ao espaço escolar, a fim de receberem qualificação profissional que as possibilitem inserção no mercado de trabalho de forma mais igualitária e continuidade nos estudos. Nessa perspectiva, o Programa Mulheres Mil é uma política educacional profissionalizante de caráter social, cuja finalidade foi atender mulheres que estavam nos chamados grupos de vulnerabilidade social, além disso, a proposta dessa política apresenta um recorte de gênero⁸ visto que, mesmo com o crescente número de mulheres na atual configuração social brasileira como chefes de família e líderes comunitárias, elas ainda sofrem preconceito e violência, assim como continua a dificuldade de acesso à escolarização e à qualificação profissional de mulheres nas camadas populares.

Desse modo, o IFMA – Campus Açailândia também desenvolveu o Programa Mulheres Mil⁹, no período de 2012 a 2014. Em linhas gerais, o Programa atendeu a grupos de mulheres jovens e adultas em situação de vulnerabilidade, com baixa escolaridade e fora do mercado de trabalho de alguns bairros da cidade de Açailândia. Das alunas atendidas, a maioria possuía Ensino Fundamental incompleto, com faixa etária variando de 18 a 60 anos, todas estavam inscritas no Cadastro Único do Governo Federal (pré-requisito para inscrição no Programa) e possuíam renda de até 1 salário mínimo, sendo que a maioria recebia auxílio do Bolsa Família.

⁸Segundo Joan Scott (1990), gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.

⁹ O Programa Mulheres Mil possuía 4 turmas de 25 alunas cada, totalizando 100 alunas matriculadas. (IFMA, 2011, p. 2).

3.2 Programa Mulheres Mil: uma política pública

O conceito de política, para Bobbio (1998), pode ser entendido como um conjunto das atividades humanas cujo objetivo é a de organizar mecanismos para o exercício do poder sobre o sujeito. O conceito de política também pode ser entendido como as atividades humanas articuladas às coisas do Estado. Nesse sentido, o uso do termo política na modernidade refere-se ao conjunto dessas atividades sociais que são imputadas ao Estado.

O termo política na concepção clássica deriva de *polis* – *politikós*, cujo sentido mais amplo refere-se a tudo que se relaciona à cidade, ao urbano, ao civil, ao público, ao social. Shiroma (2011, p. 7) traz um resumo sobre a política e as mudanças que ocorreram com o termo no decorrer do tempo:

A obra de Aristóteles *A política*, considerada o primeiro tratado sobre o tema, introduz a discussão sobre a natureza, as funções e a divisão do Estado e sobre as formas de governo. Bobbio (1998) assinala o deslocamento que teria ocorrido no significado do termo: do conjunto das relações qualificadas pelo adjetivo “político”, para a constituição de um saber mais ou menos organizado sobre o mesmo conjunto de relações. Política passa então a designar um campo dedicado ao estudo da esfera de atividades humanas articuladas às coisas do Estado. [...] O conceito de política encadeou-se, assim, ao do poder do Estado – ou sociedade política – em atuar, proibir, ordenar, planejar, legislar, intervir com efeitos vinculadores a um grupo social definido e ao exercício exclusivo sobre um território e da defesa de suas fronteiras. (grifo do autor)

As políticas públicas compreendem, assim, um leque de ações e decisões políticas que geralmente são propostas pelo Estado. Uma política pública é a organização de diretrizes para enfrentar problema de ordem social em áreas como saúde, educação, moradia, etc., além disso, as políticas públicas de cunho social são marcadas pelas lutas e pressões dos movimentos sociais. Desse modo, a partir das demandas da sociedade têm-se a organização das políticas públicas.

De acordo com Silva (2015), as políticas públicas são o conjunto de planos e programas de ação governamental como foco na intervenção social, por meio dos quais são traçados as diretrizes e metas a serem desenvolvidas pelo Estado, com destaque para implementação dos objetivos e direitos fundamentais dispostos na Constituição. Vale ressaltar que organizações não governamentais podem formular e colocar em prática políticas públicas, e não apenas o governo.

A implementação das políticas públicas segue algumas etapas: definição dos problemas em seus aspectos normativos e causais; decomposição do problema; demonstração de tratamento do problema e identificação de solução; e definição de estratégias de implementação. Sendo assim, a fase de implementação é a execução da política pública formulada, por meio de programas, projetos e ações governamentais. (SILVA, 2015).

Segundo Silva (2015), Mulheres Mil é uma política pública, no molde das políticas públicas de gênero, pois baseia-se no elo entre educação e trabalho, entendendo esse elo como parte integrante do fortalecimento e garantia dos direitos sociais, ao lado de outras ações que objetivam a inclusão socioeducacional e produtiva das mulheres, em situação de vulnerabilidade, além de ter passado por todos os estágios do ciclo da política pública.

Nesse contexto, desenvolvem-se políticas cujo objetivo é nortear diretrizes que atendam à inclusão e gênero, como por exemplo, o Programa Mulheres Mil. O referido programa originou-se a partir de projeto de extensão desenvolvido pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), à época Centro Educacional Tecnológico (CEFET), em parceria com os *colleges*¹⁰ canadenses. O projeto de extensão ofertou um curso de capacitação para camareiras cujo objetivo era qualificar e inserir essas profissionais no mercado de trabalho da região. O resultado positivo do projeto levou a Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (CIDA), a Associação dos *Colleges* Comunitários Canadense e o Brasil, representado pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec) e pela Agência Brasileira de Cooperação (ABC), à expansão do programa, essa ampliação alcançou outros estados das regiões Norte e Nordeste, contando para isso, com a ajuda do Conselho das Instituições Federais de Educação Tecnológica (CONIF) e dos Institutos Federais (BRASIL, 2011a).

O Programa Mulheres Mil foi regulamentado pela publicação da portaria de nº 1.015, de 21 de julho de 2011, passando a integrar o Plano Brasil Sem Miséria¹¹ nos quais constam as seguintes diretrizes, conforme artigo 2º:

- I – Possibilitar o acesso à educação;
- II – Contribuir para a redução de desigualdades sociais e econômicas de mulheres;
- III – Promover a inclusão social;
- IV – Defender a igualdade de gênero;
- V – Combater a violência contra a mulher. (BRASIL, 2011b)

A mesma portaria norteia como as ações do Programa podem ser desenvolvidas pelas instituições ofertantes dos cursos. As instituições poderão desenvolvê-las, conforme a portaria, para a formação profissional e tecnológica e elevação da escolaridade de mulheres em situação de vulnerabilidade.

¹⁰ Os *Colleges of applied arts and technology* ou *Institutes of Technology and Advanced Learning* são instituições canadenses voltadas para educação profissional com a oferta de cursos técnicos, com duração de seis meses a dois anos, e bacharelados, que podem ter de três a quatro anos de duração. (BRASIL, 2011, p. 4)

¹¹ O Plano Brasil Sem Miséria foi criado em 2011 pelo Governo Federal com o objetivo de superar a extrema pobreza até o final de 2014, atuando em três eixos: garantia de renda para alívio imediato da situação de extrema pobreza; acesso a serviços públicos, para melhorar as condições de educação, saúde e cidadania das famílias; e inclusão produtiva, para aumentar as capacidades e as oportunidades de trabalho e geração de renda entre as famílias mais pobres do campo e das cidades. (BRASIL, 2014, p. 4).

Art. 4º O Programa Mulheres Mil abrangerá os seguintes cursos e programas de educação profissional e tecnológica:

I - formação inicial e continuada de trabalhadores;

II - educação profissional técnica de nível médio.

§ 1º Os cursos e projetos do Mulheres Mil deverão considerar as características das mulheres atendidas, a fim de promover a equidade, igualdade de gênero, combate à violência contra mulher e acesso à educação e poderão ser articulados:

I - ao ensino fundamental ou ao ensino médio, objetivando a elevação do nível de escolaridade da mulher, no caso da formação inicial e continuada, nos termos dos artigos 35 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e do art. 3º, § 2º, do Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004.

II - ao ensino médio, de forma integrada ou concomitante, nos termos dos artigos 35 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e do art. 3º, § 2º, do Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004.

§ 4º. Os cursos poderão ser ofertados na modalidade PROEJA, nos termos do Decreto nº 5.840, de 24 de julho de 2006, ou em forma articulada com outros sistemas de ensino.

§ 5º A oferta deverá se dar mediante a observância das diretrizes curriculares nacionais e demais atos normativos do Conselho Nacional de Educação para a educação profissional técnica de nível médio, para o ensino fundamental, para o ensino médio e para a educação de jovens e adultos.

Art. 5º As instituições de ensino ofertantes de cursos e projetos do Programa Mulheres Mil serão responsáveis pela estruturação dos cursos oferecidos e pela expedição de certificados e diplomas.

Art. 6º O processo de reconhecimento de saberes será desenvolvido por meio dos Programas de Certificação no âmbito da Rede – Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada do Ministério da Educação, previstos na Portaria Interministerial nº 1.082, de 23/11/2009 e na Lei nº 8.892, de 29/12/2008. (BRASIL, 2011b)

Assim, uma vez regulamentado e com abrangência em âmbito nacional, o Governo Federal centralizou as ações para atender a mulheres em vulnerabilidade social, a fim de possibilitar o acesso à educação profissional, emprego e renda. No entanto, o acesso à educação profissional, por vezes, é dificultado pelas regras de ingresso nos mesmos, sendo assim, ainda continua grande o número de sujeitos com baixa escolaridade e consequentemente sem uma educação formal dos cursos técnicos.

A educação profissional no Brasil tem um marco importante com a criação das escolas técnicas, a partir da promulgação do decreto de nº 7.566/1909 pelo presidente Nilo Peçanha, em várias cidades do território nacional destinadas aos pobres e humildes (SILVA, 2015). Nesse sentido, percebe-se que no país já se buscava organizar políticas que pudessem “qualificar” uma grande parte da população, a fim de enfrentar a dura condição de miséria imposta aos homens e mulheres daquela época. No Quadro 1 e no Quadro 2 apresento as principais iniciativas para o desenvolvimento da educação profissional no Brasil e no Maranhão, respectivamente.

Quadro 1 – Educação profissional, técnica e tecnológica no Brasil

Período	Desenvolvimento da educação profissional
Os primeiros registros de educação profissional datam de 1800	Modelo de aprendizagem dos ofícios manufatureiros. Aprendiam ofícios de tipografia, alfaiataria entre outros.
1906-1909	Criação de quatro escolas profissionais no Rio de Janeiro para o ensino de ofícios e aprendizagem agrícola. Criação de Escolas de Aprendizes Artífices em diferentes unidades federativas voltadas para o ensino profissional, primário e gratuito.
1937	Transformação das Escolas de Aprendizes Artífices em Liceus Profissionais destinados ao ensino profissional.
1942	As Escolas Industriais e Técnicas passam a oferecer formação profissional em nível equivalente ao do secundário.
1959	As Escolas Industriais e Técnicas passam a denominação de Escolas Técnicas Federais.
1978	Três Escolas Técnicas Federais do Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais foram transformadas em Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFETs, o que possibilitou às instituições a formação de engenheiros e tecnólogos.
1994	Transformação gradativa das Escolas Técnicas Federais e Escolas Agrotécnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFETs.
1996-2004	Criação do Programa de Expansão da Educação Profissional, sendo que de 1999 a 2002 foram construídas 140 unidades e integração do ensino técnico de nível médio ao ensino médio.
2005	Ocorre a primeira fase do Plano de Expansão da Rede Profissional de Educação Profissional e Tecnológica, com a construção de 64 novas unidades de ensino. Transformação do CEFET do Paraná em Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
2006	Criado o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, com ensino fundamental, médio e educação indígena.
2007	Segunda fase de expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, com a previsão de entrega de mais 150 novas unidades de ensino, com a oferta de cursos técnicos, superior e pós-graduação.
2008	Instituída a Rede Federal de Educação, Científica e Tecnológica, com autonomia administrativa, financeira, didático-pedagógica e disciplinar, ou seja, são mais independentes que os antigos CEFETs.

Fonte: Adaptado de SILVA, 2015.

Quadro 2 – Educação profissional, técnica e tecnológica no Maranhão

Período	Desenvolvimento da educação profissional
1909	Criação das Escolas de Aprendizizes Artífices pelo presidente Nilo Peçanha.
1937	A Escola de Aprendizizes Artífices do Maranhão foi transformada em Liceu Industrial de São Luís.
1942	Com a Lei Orgânica do Ensino Industrial foram criadas as Escolas Técnicas Industriais e com a instalação da Rede de Escolas Técnicas Federais, o então Liceu Industrial de São Luís passa a ser Escola Técnica Federal de São Luís.
1965	A Escola Técnica Federal de São Luís passa a se chamar Escola Técnica Federal do Maranhão.
1989	Criação do Centro Federal de Educação Tecnológica do Maranhão, com a competência de ministrar também cursos de graduação e pós-graduação.
1987	Criação da Unidade de Ensino Descentralizada em Imperatriz, hoje Campus Imperatriz.
2008	Criação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, mediante a integração do Centro Federal de Educação Tecnológica do Maranhão (CEFET) e das Escolas Agrotécnicas Federais de Codó, São Luís e São Raimundo das Mangabeiras.

Fonte: Adaptado de SILVA, 2015.

A educação técnica ainda é considerada de suma importância para formação de mão de obra melhor qualificada a fim de oportunizar emprego, renda e com isso ajudar no desenvolvimento do país. Dessa forma, para garantir o êxito das ações desenvolvidas pelos Institutos Federais foi necessária a ajuda e colaboração de servidores das várias áreas de atuações de trabalho, a fim de construir um novo perfil de acesso à educação profissional como aparece na fala de Rosa (2011, p. 11)

Além de apresentar impactos e desdobramentos que podem ser contabilizados em números, ao implantar o Mulheres Mil, as instituições construíram ferramentas de visibilidade e acesso para um público que há décadas sequer ousava atravessar o portão de entrada de um IF [Instituto Federal]. Por isso, mais do que um projeto, essa ação representou o comprometimento com a inclusão social e, consequentemente, contribuiu para a construção de um país mais justo e igualitário [...].

O Programa Mulheres Mil, enquanto política pública para mulheres, foi estruturado sobre os eixos educação, cidadania e desenvolvimento sustentável, cujo objetivo é promover a inclusão social e econômica de mulheres em situação de vulnerabilidade no Norte e Nordeste brasileiro. Nesse sentido, a diretriz proposta pelo governo para enfrentar questões como o acesso de mulheres ao trabalho em condições igualitárias é estudada por Rago (2010, p. 597), ela ressalta que

As relações entre homens e mulheres deveriam ser, portanto, radicalmente transformadas em todos os espaços de sociabilidade. No mundo em que mulheres e homens desfrutassem de condições de igualdade, as mulheres teriam novas

oportunidades não só de trabalho, mas de participação na vida social. A condição feminina, o trabalho da mulher fora do lar, o casamento, a família e a educação seriam pensados e praticados de uma maneira renovada.

Com o desenvolvimento dessa política afirmativa para mulheres, o Governo Federal pretendia integrar as Metas do Milênio propostas pela Organização das Nações Unidas (ONU), cujo foco é o combate à extrema pobreza e possibilitar a equidade de gênero. Assim, o Programa Mulheres Mil intensifica esse processo, impulsionando o desenvolvimento regional e institucional pela melhoria do acesso de mulheres em situação de vulnerabilidade social à educação e ao mundo do trabalho.

Nessa perspectiva, a proposta do Programa é permitir o desenvolvimento humano dessas mulheres, por meio da melhoria de suas condições de vida (sociocultural e econômica), o que aumenta a possibilidade de contribuírem com a governança¹² de suas comunidades, na medida em que se transformam em cidadãs social e economicamente emancipadas (BRASIL, 2011a, p. 5). Nesse sentido, o Programa preenche um espaço deixado por grande parte das políticas afirmativas, visto que o alvo de suas ações foi destinado ao público feminino à margem do desenvolvimento social, possibilitando condições de permanência no curso, a fim de que ampliem sua formação e, assim, sejam inseridas no mercado de trabalho.

3.3 Mulheres Mil no Campus Açailândia

Nessa seção apresento um percurso sobre o Programa Mulheres Mil (PMM) no Maranhão, visando subsidiar o entendimento da pesquisa, com base no breve histórico de como se originou o PMM no Brasil, conforme consta na seção 3.2. Aqui organizei o histórico do programa no Estado do Maranhão, em seguida apresento sua implantação e desenvolvimento no Instituto Federal do Maranhão – Campus Açailândia, além de apresentar de forma sucinta o perfil dessas mulheres.

No Maranhão, o Programa Mulheres Mil integra o compromisso social do Instituto Federal do Maranhão (IFMA)¹³, com sede em São Luís¹⁴. O Instituto foi “criado pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, mediante integração do Centro Federal de

¹² “Em sentido amplo, governança refere-se aos diferentes mecanismos empregados para conferir ordem à população de atores, por adaptação, negociação, ordem e obediência; em sentido estrito, governança refere-se às diferentes formas de ação resoluta voltada a preocupações coletivas” (MAYNTZ, 2009, p. 8 apud AMOS, 2010, p. 25).

¹³ A Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008 Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

¹⁴ Cabe ressaltar que o Maranhão, cuja capital é São Luís, organiza-se em 217 municípios e uma população estimada, em 2016, de 6.954.036 habitantes. (IBGE, 2017).

Educação Tecnológica do Maranhão e das Escolas Agrotécnicas Federais de Codó, de São Luís e de São Raimundo das Mangabeiras” (IFMA, 2015a, p. 4), sendo uma “autarquia com atuação no Estado do Maranhão, detentora de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático pedagógica e disciplinar”. (IFMA, 2015a, p. 7).

Desse modo, o IFMA é instituição pública de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multicampi, com polos em São Luís, Codó, Imperatriz, Zé Doca, Buriticupu, Açailândia, Santa Inês, Caxias, Timon, Barreirinhas, São Raimundo das Mangabeiras, Bacabal, Barra do Corda, São João dos Patos, Pinheiro e Alcântara (Figura 1).

Especializado na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos humanos, técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas. Nessa perspectiva, um dos objetivos do IFMA é promover educação profissional técnica de nível médio na forma de cursos integrados, para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos. Além disso, promover políticas e programas de educação inclusiva (IFMAa, 2015).

Em 2008, a articulação entre o Governo Federal e o Governo do Estado Maranhão mediante convênio PROEP (Programa de Expansão da Educação Profissional) foi autorizado processo de instalação da unidade do Instituto Federal do Maranhão – Campus Açailândia. Assim, com instalação da unidade foram oferecidos os cursos de técnico em alimentos, técnico em automação industrial, técnico em eletromecânica, técnico em florestas e técnico em alimentação escolar, por serem esses os cursos que melhor atendiam à economia da região.

Atualmente, o IFMA – Campus Açailândia oferta três formas de cursos técnicos: integrada, concomitante e subsequente. Na forma integrada, o aluno cursa o Ensino Médio juntamente com uma formação profissional no IFMA. Na forma concomitante, o estudante faz o curso técnico no IFMA e o Ensino Médio em outra instituição de ensino. Já a forma subsequente é para aqueles que já concluíram ou estão concluindo o Ensino Médio e pretendem obter uma formação profissional. Os cursos do PROEJA são integrados e direcionados para pessoas fora da idade escolar que têm apenas o Ensino Fundamental completo.

Figura 1 – Mapa de distribuição dos *Campi* do IFMA



Fonte: IFMA, 2015b.

O IFMA – Campus Açaílândia conta com os seguintes cursos técnicos: Florestas (Integrado), Alimentos (Integrado), Automação Industrial (Integrado e Subsequente), Meio

Ambiente (Integrado), Eletromecânica (Integrado e Subsequente), Metalurgia (Integrado e Subsequente), Alimentação Escolar (PROEJA), Eletromecânica (PROEJA). (IFMA, 2015b).

Açailândia surgiu em 1958, em meio à construção da BR 010, que mobilizou 1,2 mil trabalhadores na região, e pertencia a princípio ao município de Imperatriz, sendo elevada à categoria de município e distrito com o nome de Açailândia pela Lei Estadual n.º 4.295, de 06 de junho de 1981. Distante 550 km da capital São Luís, a cidade está situada entre a BR 222 e BR 010, além da ferrovia Carajás cujo trem, ainda em atividade, liga São Luís a Parauapebas, no Estado do Pará. O nome do município vem do açaizeiro, palmeira cujo fruto é o açaí. A palha dessa palmeira cobriu os primeiros barracos na localidade de Trecho-Seco, perto de um córrego achado com a ajuda dos índios Cúria e Crocranum (IBGE, 2016a). A Figura 2 mostra a localização da cidade de Açailândia.

Figura 2 – Localização da cidade de Açailândia



Fonte: IBGE, 2016a.

O processo de implantação do Programa Mulheres Mil no IFMA – Campus Açailândia aconteceu com a adesão das coordenadoras do instituto ao Programa por meio de chamada pública do Ministério da Educação, tendo elas, depois disso, uma semana de capacitação em Brasília, no Distrito Federal, em setembro de 2011. Após capacitação, as coordenadoras apresentaram o Programa e seus objetivos à comunidade escolar do IFMA – Campus Açailândia com o objetivo de organizar as equipes de trabalho, dentre as ações desenvolvidas pela coordenação estão:

- ✓ Capacitação dos gestores para implantação do Programa no Campus;
- ✓ Apresentação do Programa à direção;
- ✓ Início da formação da equipe executiva (multidisciplinar) e possíveis parceiros;
- ✓ Contatos com as lideranças das comunidades;
- ✓ Visita a comunidade da Vila Capeloza;
- ✓ Início da elaboração do Plano de Trabalho;
- ✓ Reunião com a comunidade e presidente da associação de moradores da Vila Capeloza. (IFMA, 2011, p. 5)

Nesse contexto, o desenvolvimento do Programa Mulheres Mil em Açailândia objetivou: propiciar o ingresso/reingresso de mulheres no mundo do trabalho, para desenvolverem atividades profissionais que exigiam a aplicação de conhecimentos básicos a fim de atender os arranjos produtivos locais; suprir a demanda local no que concerne à prestação de serviços referentes à oferta da qualificação profissional; proporcionar a elevação da escolaridade por meio da formação continuada.

Assim, o Curso Básico de Qualificação Profissional em Alimentos do Programa Mulheres Mil Campus Açailândia iniciou seu processo de inscrições no dia 7 de novembro de 2011, no Centro de Defesa da Vila Capeloza, situado na Vila Capeloza. A escolha do curso na área de Alimentos com seguimento na Panificação deu-se após uma pesquisa de mercado, em que se identificou uma carência existente na Vila e na cidade, além de ser levado em consideração o conhecimento das mulheres nessa área, uma vez que, a maioria possuía afinidades e habilidades no ramo.

A carga horária do curso é de 250 horas, distribuída nas seguintes atividades: Português, Matemática, Ética e Cidadania, Informática Básica, Empreendedorismo, Boas Práticas de Fabricação, Higiene e Segurança no Trabalho, Conservação, Congelamento-descongelamento e preparo de carnes, Produção de bolos e confeitaria, Produção de derivados do leite; Oficinas: Direito e Saúde da mulher, Violência de Gênero, Mapa da Vida. Todas as disciplinas foram ministradas por docentes do IFMA, mas algumas oficinas foram conduzidas pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, como previsto no Programa.

Foram selecionadas 150 alunas para a primeira turma do ano de 2012, mas em decorrência das desistências ficaram 100 e, destas, 86 alunas concluíram o curso. Em 2013, o curso iniciou com 100 alunas e concluiu com 80.

O perfil das alunas selecionadas deveriam enquadrar-se nos seguintes critérios estabelecidos pela coordenação a partir de orientações da cartilha do PMM: faixa etária de 18 a 60 anos, baixo nível de alfabetização, dificuldade de aprendizagem, pobreza acentuada, condições de moradia precária, baixo autoestima, experiências educacionais de vida negativa, histórico de emprego com baixa remuneração e condições adversas, dificuldade de acesso aos serviços públicos, fragilidade de apoio da estrutura familiar. (SILVA, 2015). Assim, as mulheres selecionadas pela equipe do Campus recebiam um acompanhamento médico, odontológico, assistência social e atendimento psicológico cujo objetivo era trabalhar a autoestima das mulheres que iniciavam ali seu desenvolvimento no PMM.

Em 2014, o Governo Federal inseriu o Programa Mulheres Mil na estrutura do PRONATEC, que por sua vez é o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e

Emprego, criado em 2011, pela Lei 12.513/11. Resultado da ação conjunta entre o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) e o Ministério da Educação (MEC), que firmaram parceria para integrar o Programa ao PRONATEC, no âmbito do Plano Brasil sem Miséria. (BRASIL, 2011).

Com isto, houve algumas reformulações no Mulheres Mil, entre elas, a partir daquele período as equipes gestoras, docentes e técnicas seriam selecionadas por meio de edital, excluindo-se os convênios destinados a oferta de algumas oficinas. A equipe selecionada receberia remuneração na modalidade bolsa. Cabe ressaltar que a disciplina de Língua Portuguesa foi reduzida para 15 horas.

No IFMA – Campus de Açailândia foi ofertada apenas uma turma, porém não tivemos acesso a mais dados oficiais que nos digam o número de alunas ingressantes e concludentes. Também participei dessa turma ministrando a disciplina de Língua Portuguesa. A conclusão da mesma culminou com a última oferta do Mulheres Mil nesse Campus, por razões que desconheço.

Desse modo, para melhor entendimento, permito-me assinalar o lugar do meu encontro com o Programa Mulheres Mil e o espaço em que nos aproximamos e partilhamos algumas histórias de vida. A expansão da rede federal no interior do Maranhão foi o primeiro passo que no futuro possibilitaria o meu encontro com os sujeitos dessa pesquisa, uma vez que, a expansão demandou a realização de concurso para atender as unidades tanto da capital, São Luís, quanto do interior, logrei êxito no concurso público do ano de 2010 para docentes do Instituto Federal do Maranhão. Ingressei como servidora no dia 3 de novembro de 2011, poucos meses após o início da implantação do Programa Mulheres Mil em Açailândia. E, assim, cheguei à cidade de Açailândia, o lugar, e ao Instituto Federal do Maranhão, o espaço em que encontraria os sujeitos que mais tarde fariam parte dessa pesquisa.

O Programa Mulheres no IFMA – Campus Açailândia contou com a seguinte equipe multidisciplinar: Gerente de projeto, Pedagogo, Orientador Educacional, Docentes das áreas técnicas e humanas, Assistente Social, Psicólogo, Médico, Odontólogo, Educador Especialista em Empreendedorismo, Educador Especialista em Pesquisa e Inovação. Assim, formada essa equipe, a coordenadora, durante uma reunião, realizada em 2011, apresentou para a comunidade escolar os seguintes objetivos do referido Programa e as etapas de implantação que foram:

- ✓ Processo de sensibilização de toda a comunidade escolar;
- ✓ Explicação acerca das características do Programa Mulheres Mil;
- ✓ Convite aos docentes para serem voluntários no mesmo;

- ✓ Orientações acerca do do público-alvo, no caso as mulheres;
- ✓ O curso ofertado que seria Curso Básico de Qualificação Profissional em Alimentos.

Alguns implicações dessa proposta apresentada aos docentes foram: o trabalho seria voluntário, aumentaria a carga horária de trabalho; a diversidade de escolarização entre as mulheres também foi um fator preocupante, afinal como organizar um currículo que contemplasse a todas com níveis diferentes de escolaridade?

Mesmo assim, aceitei ao convite para participar do Programa pelos seguintes motivos: a vontade de contribuir com o ensino público, já que parte da minha vida escolar foi nas instituições públicas do meu estado, e agora, eu enquanto servidora pública tinha a oportunidade de retribuir; além disso, pensei que aquelas mulheres teriam outra oportunidade para começar ou continuar novamente de onde pararam. Mesmo otimista quanto aos objetivos do projeto, não pensava ingenuamente na ideia “salvacionista” de que todas continuariam os estudos, seriam inseridas no mercado de trabalho ou teriam seu próprio negócio, pois o mercado de trabalho não abrange a maior parte da população brasileira.

O IFMA – Campus Açailândia, apesar de, à época, dispor de modestas instalações prediais, já contava com bons laboratórios para as aulas práticas dos cursos de Automação Industrial, Florestas e Alimentos. Mas, segundo a coordenação do Programa Mulheres Mil no Campus, o Curso Básico de Qualificação Profissional em Alimentos apresentou melhores condições de desenvolvimento, como instalações apropriadas, profissionais das áreas técnicas e humanas e a possibilidade de ingresso no mercado de trabalho local. Com carga horária de 250 horas, organizadas e distribuídas de acordo com o Módulo Educacional Central – o currículo, em que constam as seguintes disciplinas: Português, Matemática, Ética e Cidadania, Informática Básica, Empreendedorismo, Boas Práticas de Fabricação, Higiene e Segurança no Trabalho, Conservação, Congelamento-descongelação e preparo de carnes, Produção de bolos e confeitaria, Produção de derivados do leite; além das oficinas: Direito e Saúde da mulher, Violência de Gênero, Mapa da Vida; e visitas técnicas.

O ingresso das mulheres no Programa, na primeira turma, em 2012, ocorreu da seguinte forma: a coordenação do Programa visitou a comunidade do entorno do IFMA, entre os locais: a Associação de Moradores e o Clube de Mães. Houve uma significativa procura, com um total de 221 candidatas. Depois foi realizada a seleção das alunas, por meio da conferência de documentação, a fim de comprovarem os critérios exigidos pelo Programa, desse número foram selecionadas 150 candidatas, mas devido a algumas desistências, ficaram apenas 100 alunas. Assim, foram organizadas quatro turmas, com vinte e cinco alunas.

Ao ingressarem como alunas, elas receberam orientações acerca das regras da escola: a obrigatoriedade do uso do uniforme, estabelecido para as alunas do Programa; o horário de funcionamento que ocorreria de segunda-feira a quinta-feira, no horário de 14h às 17h30; tinham direito também aos atendimentos médico e odontológico oferecidos na Instituição para toda a comunidade escolar, servidores e terceirizados.

Houve desistência já na primeira etapa dos trabalhos, os motivos para deixarem, alguns deles foram o horário, que geraria dificuldades para conciliar a rotina doméstica e o curso. Algumas alunas desistiram em virtude do atraso para iniciar as aulas. Outras consideraram o curso muito demorado; mudanças no local de residência; outras conseguiram emprego; ou em virtude da maternidade.

Feitas estas considerações, passaremos ao quarto capítulo no qual apresento as escreventes e discuto as representações sobre infância, maternidade, casamento, trabalho, educação e o Programa Mulheres Mil.

4 COM A PALAVRA AS MULHERES

Nesse capítulo, apresento as alunas, mulheres, as quais nomeio de escreventes, pois se trata de mulheres que apresentam escritos que se inserem na cultura ordinária da pessoa comum.

4.1 Abrindo o baú

Feitas as considerações, passo para o detalhamento da materialidade da produção das alunas, realizada no Programa Mulheres Mil, emergem algumas questões: quem, onde, quando e por que uma escrita? Tais elementos nos ajudam a tornar “visível” a materialidade dessas produções. Nessa perspectiva, as cartas foram escritas por alunas do Programa Mulheres Mil durante o curso de Qualificação Profissional em Alimentos no Instituto Federal do Maranhão – Campus Açailândia (MA), nos de 2012 e 2013, em turmas diferentes.

O trabalho com a escrita das cartas foi maturado a partir de reflexões sobre a diversidade do nível de escolarização da turma, como trabalhar conteúdos de Língua Portuguesa em 20 horas e com um grande espaço entre as aulas, estas foram as reflexões feitas por mim para a escolha dessa produção. Além disso, ainda que essas mulheres estivessem fora do espaço escolar, elas traziam consigo leituras e experiências realizadas ao longo da vida. Assim, elaborei o plano de aula com foco na leitura, nos elementos da comunicação humana e a carta como gênero textual a ser trabalhado.

Em meu primeiro encontro com as alunas da turma de 2012, no mês de novembro, na disciplina de Língua Portuguesa, fui apresentada pela coordenadora do Programa; fiz minha apresentação; as alunas também se apresentaram; realizei uma sondagem oral para verificar seus conhecimentos sobre a Língua Portuguesa. Expliquei como seriam os cinco encontros, cujas as aulas ocorreriam às quartas-feiras, das 14h às 17h30min.

No mesmo dia, exibi um vídeo sobre o Museu da Língua Portuguesa de São Paulo, porque o vídeo esclarece sobre as variedades de linguagem. Depois iniciei a exposição sobre a linguagem e, por fim, solicitei que as alunas analisassem o quadro Segunda Classe, de Tarsila do Amaral (Figura 3), pois a tela mostra o desalento de quem chega do interior para tentar a vida na cidade, característica percebida na realidade de muitas das alunas que vieram dos povoados ou de outras cidades menores em busca de oportunidades de trabalho e estudo em Açailândia.

Figura 3 – Segunda Classe, Tarsila do Amaral



Fonte: TARSILA SITE OFICIAL, 2018.

Nas demais aulas, havia exposição dos conteúdos conceituais de Língua Portuguesa e, no segundo momento, as rodas de conversa com exercícios orais para verificar a apreensão do conteúdo.

Nesse sentido, reporto-me a Paulo Freire, quando ele diz que o diálogo é dotado de significado e expressa a necessidade de libertação dos oprimidos, pois através dele nos permitimos experimentar a empatia e, assim, “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizadas pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”. (FREIRE, 1987, p.78).

Nas aulas utilizei textos instrucionais, como receitas de alimentos, pois havia relação com o curso, também jornais, revistas, poesias, cantigas de roda, imagens, vídeos. Escolhi textos de Cora Coralina (2014), como as poesias Todas as vidas e A escola da mestra Silvina, seguem abaixo os fragmentos:

Todas as vidas

[...]
*Vive dentro de mim
 a lavadeira do Rio Vermelho,
 Seu cheiro gostoso
 d'água e sabão.
 Rodilha de pano.
 Trouxa de roupa,
 pedra de anil.
 Sua coroa verde de são-caetano.*
 [...]

A escola da mestra Silvina

*Minha escola primária...
Escola antiga de antiga mestra.
Repartida em dois períodos
para a mesma meninada,
das 8 às 11, da 1 às 4.
Nem recreio, nem exames.
Nem notas, nem férias.
Sem cânticos, sem merenda...
Digo mal - sempre havia
distribuídos
alguns bolos de palmatória...
A granel?
Não, que a Mestra
era boa, velha, cansada, aposentada.
Tinha já ensinado a uma geração
antes da minha.
A gente chegava “- Bença, Mestra.”
Sentava em bancos compridos,
escorridos, sem encosto...
[...]*

A leitura dessas poesias despertava as lembranças das mulheres sobre si. As primeiras produções foram realizadas na segunda aula de 2012. Nesse encontro, pedi que elas falassem sobre si mesmas e quais eram suas expectativas para o futuro. Nessa produção acrescentei o texto Querendo que dê certo! da escritora Lya Luft. Na produção seguinte utilizei a poesia Retrato, da escritora Cecília Meireles e imagens, dentre as imagens, conforme a Figura 4:

Retrato

*Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.*

*Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
A minha face?*

Figura 4 – Apresentação em aula com imagens da poesia Retrato



Fonte: A AUTORA, 2012.

Depois que as poesias eram lidas, havia uma roda de conversa para que as alunas expusessem suas reflexões a partir das seguintes questões: qual o tema da poesia?; as experiências da poesia poderiam ser relacionadas com a vida real?.

Em seguida, solicitava que as alunas escrevessem uma carta que contivesse os seguintes elementos: local, data, nome, o assunto e o destinatário. O destinatário escolhido por elas foi a professora. O conteúdo da carta deveria contemplar as suas expectativas para o ano de 2013 e de que modo o Programa poderia ajudá-las.

Ao receber as cartas, no final da disciplina de Língua Portuguesa, deparei-me com um belo registro sobre o percurso de vida das alunas e suas expectativas sobre o Programa.

No ano de 2013, desenvolvi a mesma disciplina, no mesmo dia e horários, com o mesmo formato. Agora com uma nova turma, pois aquela já havia concluído o curso e o certificado. Com esse novo grupo também desenvolvi a oficina Mapa da Vida.

A oficina Mapa da Vida tem uma carga horária de 5 horas, com a finalidade de evocar a memória individual e coletiva das alunas, construir coesão entre elas, valorização da mulher e autoestima, buscar conhecer a realidade socioafetiva das alunas, identificar quais as conquistas alcançadas por elas, expectativas em relação ao Programa.

No desenvolvimento da oficina utilizei a poesia Retrato, de Cecília Meireles, e as cantigas de roda. Depois solicitei que as alunas escrevessem em forma de carta, tendo como tema Minhas Memórias. A atividade foi desenvolvida com êxito, por meio dela, pude

conhecer quem eram minhas alunas, as dificuldades que tiveram para estudar, seus sonhos e outras experiências que marcaram sua trajetória. Mesmo assim, é preciso “reconhecer que a totalidade das memórias nos é inacessível.” (CANDAU, 2016, p. 195).

Arrisco-me a iniciar a história dessas mulheres com: Era uma vez na cidade de Açailândia um grupo particular de mulheres maranhenses, açailandenses, anônimas, simples, experientes, casadas, solteiras, separadas, enfim, mulheres participantes do Programa Mulheres Mil cujos escritos feitos em cartas e cadernos falaram sobre si e suas vivências do passado e as expectativas sobre o futuro... Assim, para contar a história dessas mulheres, a princípio leio e releio as cartas e os cadernos sem, contudo, encontrar o fio ou os fios para tecer a trama ou as tramas possíveis dessa narrativa.

Para construir o tecido dessa história indago-me sobre o lugar em que os registros foram feitos, qual a relevância de sua análise para a pesquisa sobre a História da Educação. Esses são alguns dos fios que procuro, ainda que de forma bem “seca” montar a trama¹⁵ dessa pesquisa. Nessa perspectiva, entendo que a proposta da pesquisa insere-se no contexto dos estudos da História de Educação das mulheres, uma vez que, por um longo período de tempo as mulheres estiveram à margem do processo educacional.

Além disso, as mulheres quando aparecem na história estão sob tutela masculina, sendo pelos homens também descritas ora como musa inspiradora, ora como ser angelical, cuja função era garantir o bom andamento do seu lar, excluída, portanto, do espaço público, espaço esse restrito aos homens. No entanto, no decorrer da história, aos poucos, elas começaram a aparecer nos salões não apenas como “belas obras de arte” para serem apreciadas, mas começaram a escrever sobre sua própria forma de reconhecer o mundo e as relações entre os sujeitos na sociedade.

A escrita foi um meio pelo qual essas mulheres ecoaram suas vozes, ao mesmo tempo que por meio dela resistiram no caminho rumo a dias melhores com igualdade de condições, a princípio o acesso à educação, mas não apenas por isso, também por moradia, liberdade de expressão, enfim, a escrita, nesse contexto, permitiu que a mulher entrasse em cena com luz própria. Assim, elas escreveram romances, poemas, além de escritos em cartas, diários, no falar de Lygia Fagundes Telles, “cadernos-goiabadas”, nesses, eram mulheres

¹⁵ Nesse sentido, apoio-me na noção de trama apresentada por Veyne (1982, p. 42), para ele, “Os fatos não existem isoladamente, no sentido de que o tecido da história é o que chamaremos de uma trama, de uma mistura muito humana e muito pouco ‘científica’ de causas materiais, de fins e de acasos; de uma fatia da vida que o historiador isolou segundo sua conveniência, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importância relativa”.

comuns, como Ana Lisboa¹⁶, conhecida pelos seus familiares e amigos; depois dos escritos dos tais cadernos virou Cora Coralina (TELLES, 2006). Das anotações feitas em caderno, talvez escrito entre uma tarefa doméstica ou outra coisa qualquer, os textos surgiram, brotaram, registrados pela pena, com tinta de todas as cores ou sabores, os registros foram guardados e preservados, com isso, atravessaram o tempo, chegaram até nós e nos encantam (TELLES, 2006).

Outro aspecto relevante é que a escrita em cadernos ou cartas despertou o interesse de historiadores que começaram a enxergar neles objeto de estudo significativo que nos permitem construir histórias familiares, produzir biografias, registros de cotidiano escolar dentre outras. Assim, a partir desses registros se conheceu história de pessoas ilustres como as cartas escritas pelo cônsul da República Romana Cícero, 106 a.C. – 43 a.C., em que falava das dimensões entre a vida pública e privada (MALATIAN, 2011). As pessoas comuns também escreveram como, por exemplo, a própria Ana Lisboa.

Há no Maranhão um adágio popular que nos aconselha a guardar os objetos ou papéis por no mínimo sete anos, e, caso passado esse tempo não seja necessário revisitá-los, devemos guardar por mais sete. Tal conhecimento popular fez-me refletir sobre quais objetos ou papéis, por exemplo, são separados com objetivo de serem guardados. Sendo assim, o que devo guardar, afinal? Artiéres (1998) nos convida a imaginar um lugar no qual fosse possível guardar todos os registros feitos ao longo da vida, registros estes que podem ser desde contracheques a cartas, no entanto, ainda segundo o autor guardamos apenas uma pequena parte desses registros, visto que, antes de arquivarmos realizamos um processo de garimpagem, a fim de selecionarmos aqueles mais significativos, como as cartas.

Nesse sentido, permito-me considerar um sentido do adágio acima mencionado, assim como a ideia sobre o que se deve guardar de Artiéres (1998). No primeiro caso diz respeito ao tempo, uma vez que os documentos dessa pesquisa estiveram durante três anos esquecidos dentro do armário da instituição na qual trabalho e outros na minha gaveta de trabalhos escolares; o segundo diz respeito ao processo de garimpar entre os muitos documentos aqueles os quais serão arquivados, uma vez que, dentre um conjunto de muitos documentos como textos, fotos, bilhetes, cadernos e apostilas, apenas alguns foram guardados.

¹⁶ “Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, que adotou o pseudônimo de Cora Coralina, nasceu em 20 de agosto de 1889, na cidade de Goiás, Goiânia. Fez apenas os estudos primários, mas em 1910 teve um conto publicado no *Anuário Histórico Geográfico e Descritivo do Estado de Goiás*, já com o seu pseudônimo”. (TELLES, 2006, p. 409, grifos da autora).

Assim, durante o tempo em que trabalhei como voluntária¹⁷ no Programa Mulheres Mil, acumulei um número significativo de “papéis”, como já citados anteriormente, os papéis estavam esquecidos dentro do armário e gaveta, até que, um dia resolvi abrir o armário e a gaveta para enfim organizar a “bagunça”, e, ao abri-los, encontrei um conjunto de mais de 30 cartas, alguns rascunhos, fotos e cadernos cujo teor da escrita é um relato do percurso de vida de mulheres nos quais elas registraram algumas centelhas de suas experiências vividas.

Os relatos, por vezes carregados de nostalgia dos tempos da infância¹⁸, são em algumas cartas apenas linhas ou umas poucas páginas de cadernos, outros mais cheios de aventuras das lembranças da juventude, dos amores, maternidade, escola, trabalho, filhos, sonhos, dentre outros. Esses escritos incentivaram-me a buscar as condições de possibilidade¹⁹ necessárias para realizar uma análise sobre esse conjunto de documentos produzidos por essas mulheres durante as atividades do Programa Mulheres Mil.

Reunir as condições necessárias para a análise das cartas significava para mim um longo e árduo exercício de pesquisa, pois, muitas vezes faltava-me a palavra que pudesse nortear e que desse um tom mais aproximado dos relatos presentes nas cartas. Nesse sentido, o conceito de representação foi o sustentáculo principal desse trabalho, pois me permitiu uma compreensão acerca da realidade pesquisada. Assim, a valorização de relatos pessoais pela historiografia permite ao(a) pesquisador(a) várias possibilidades de investigação e uso desses documentos para além do aspecto informativo.

Desse modo, cabe ao(a) pesquisador(a) catar os fragmentos nas cartas selecionadas e soprar os fragmentos leves deixando os mais expressivos para comporem a trama sobre o percurso de vida desse sujeito, visto que, tais fragmentos trazem uma escrita de si, por isso, em seu texto sobre cartas, Malatian (2011) recomenda ao pesquisador considerar o caráter mais intimista do registro, ser mais relevante do que a veracidade dos fatos relatados. Nessa perspectiva de análise, inserem-se também as cartas com várias possibilidades, como

¹⁷ O processo de implantação do PMM no campus do IFMA – Açailândia ocorreu após o retorno de duas servidoras (coordenadoras do PMM em Açailândia) que participaram de uma capacitação em Brasília-DF em setembro de 2011. Ao retornarem ao Campus as coordenadoras iniciaram o processo de sensibilização entre as comunidades escolar afim de que se entendesse o que era o Programa e seu objetivo. Ressalto que nos anos de 2011 a 2013 os servidores do IFMA – Açailândia não eram obrigados a participarem do PMM, sendo a participação dos mesmo em caráter voluntário.

¹⁸ A esse respeito, reporto-me a Santo Agostinho (2002, p. 87), quando em sua autobiografia registra: “O tempo não corre de balde; antes, causa na alma efeitos maravilhosos.”

¹⁹ Bourdieu (2006) explica que as condições sociais de possibilidade consistem em descrever a emergência progressiva do conjunto das condições sociais que possibilitaram a personagem do artista produzida uma determinada obra de arte.

por exemplo, analisar o uso e apropriação da língua ou pode-se ainda estudar a história da materialidade, ou seja, o artefato, ou pensá-las como um registro de vida.

Desse modo, foram selecionadas 20 cartas produzidas por alunas do Programa Mulheres Mil, entre 2012 e 2013. Apenas 20 porque foram as que apresentaram maior riqueza de informações sobre suas vidas e a escrita era mais legível, apresentando um domínio maior da escrita. Sendo 10 cartas do primeiro ano e 10 do segundo. Organizamos os dados em dois grupos e as cartas foram identificadas de 1 a 10, conforme Apêndice B, a partir das seguintes categorias: infância, maternidade, casamento, trabalho, educação e o Programa Mulheres Mil.

Serão explicitados dois aspectos estruturantes das fontes de pesquisa: a materialidade das cartas e as representações das alunas sobre as categorias supracitadas. Antes disso, apresenti quem são as escreventes e aspectos gerais da narrativa. Quanto à materialidade das cartas, Malatian (2011) explica que o suporte de papel e tinta se desdobra na escrita envolvendo temas não necessariamente ordenados. Desse modo, convido à leitura. cabe ressaltar que quando explico sobre as mulheres, faço a inserção de alguns trechos de suas cartas, esses trechos estão em *itálico* para manter a originalidade da escrita das autoras.

Eu gostaria mesmo de designar de “romance” as histórias encontradas nas cartas, cujo título, parafraseando a poetisa Cora Coralina, fosse Todas as vidas dentro das cartas. “Todas as vidas dentro de mim: Na minha vida – a vida mera das obscuras.” (Cora Coralina, 2014, p. 33). Os fragmentos sobre a trajetória de vida encontrados nas cartas das mulheres 2012 e 2013 mostram representações de um passado não tão distante, pois as alunas do Programa Mulheres Mil da turma de 2012 têm idade entre 18 e 60 anos de idade.

As autoras nesse trabalho são alunas do Programa Mulheres Mil, como já mencionado anteriormente, no entanto, as cartas selecionadas apresentam o seguinte perfil: nas cartas do ano de 2012, as mulheres têm entre 32 e 48 anos de idade, sendo 9 maranhenses e 1 uma baiana, além disso das 9 maranhenses apenas duas nasceram em Açailândia, fato este que aponta para o perfil da cidade com grande número de pessoas vindas das cidades próximas em busca de trabalho e estudo para os filhos, por exemplo. Quanto à escolarização, das 10 alunas selecionadas, 3 possuem o Ensino Fundamental incompleto, 2 possuem o Ensino Médio Completo e 5 não declararam o nível de escolarização, todas declararam receber o benefício social, no caso o Bolsa Família, e possuem uma média de 3 filhos, elas também pertencem a um segmento religioso, fato este que se comprova nos registros encontrados nas cartas.

Quanto às mulheres do ano de 2013, na época da escrita a mais jovem tinha 28 anos de idade e a mais velha tinha 52, desse grupo temos 1 paraibana, 1 mineira, 1 cearense e

1 paraense, as outras são maranhenses, sendo 4 de outras cidades e apenas 2 açailandenses, a escolarização é mais elevada em relação as alunas de 2012, sendo 7 mulheres com Ensino Médio Completo, 1 com o Ensino Médio Incompleto e 2 com Ensino Fundamental Incompleto. Nessa turma, as mulheres tem em média 2 filhos e uma delas, à época, ainda não era mãe, algumas delas declararam receber o benefício social do Bolsa Família, além de serem bastante religiosas, como pude observar na escrita delas. Ressalto que no começo do curso, sobretudo na turma de 2012, havia um número significativo de alunas desempregadas, outras trabalhavam como empregadas domésticas ou estavam no mercado informal.

Ainda sobre as cartas escritas por essas mulheres, saliento outros aspectos como: as cartas de 2012 foram escritas em papel comum, alguns com desenhos outros não; já as cartas do ano de 2013 foram mais elaboradas, desde a escolha de canetas coloridas, papel de cartas variados e envelopes coloridos. Aqui, ressalto que em todas as finalizações de aulas tínhamos sempre uma caixa com variados materiais como revistas, pincéis coloridos, glíter, dentre outros, no entanto, observei que as alunas de 2012 não utilizaram nenhum desses elementos, diferente das alunas de 2013. Sobre isso, não teria condições de afirmar por qual motivo as mulheres da primeira turma não utilizaram os recursos, esse é um dos pontos diferentes que agora observo com mais inquietação sem, no entanto, afirmar algo.

Ainda sobre as diferenças, observei na escrita das alunas de 2012 referência alguma à época da infância, uma das categorias de análise, já entre as cartas de 2013 essa categoria aparece em todos os registros, por outro lado as mulheres de 2012 enfatizaram mais o PMM, coisa que pouco aparece na turma de 2013. As outras categorias foram educação, casamento, maternidade e trabalho, como veremos de forma mais detalhada na análise do material. No Quadro 3, apresento as escreventes e o conteúdo das cartas escritas em 2012.

Quadro 3 – Cartas 2012

Cartas	Naturalidade	Idade	Religião	Descrição
Carta 1	Maranhense	35 anos	Evangélica	<i>Rabiscos de uma história</i> <i>Adolescente sem juízo, só pensava em “curtir a vida” foi obrigada amadurecer com uma gravidez inesperada mas que deu certo.</i> <i>Agora adulta casada depois de muitas tentativas no casamento para fazer dar certo, o sonho do casamento teve um fim [...].</i> <i>Hoje no presente pode dizer que foi lhe aberta uma porta, coisas que</i>

				<i>Deus faz que não existe explicação. Através dessa acredita que muitas outras se abrirão. Novos caminhos, novos horizontes, novas perspectivas positivas. Com uma vontade de ir em busca do sonho e sua realização.</i>
Carta 2	Baiana	48 anos	Evangélica	<i>“Querendo que dê certo”</i> <i>Quero que dê certo na minha vida. todos os meus sonho ser realizado depois deste curso que estou fazendo.</i> <i>A minha vida no passado foi muito sofrida, fui casada duas vezes e hoje estou sozinha a 10 anos.</i> <i>batalhei bastante para criar meus filhos. mais dou graças a Deus, pois ele mim ajudou mim deu coraje, saude para assumir como meus compromicio.</i> <i>É por isso que estou fazendo este curso para no futuro ter uma vida melhor.</i> <i>Quero que dê certo no ano vindouro ter meu próprio negócio.</i> <i>Quero té mais saúde Amor coraje para mim conquista aquilo que tenho vontade de tér na minha vida</i> <i>Quero meu novo Amor pois não quero finda os meus dias de vida sozinha.</i>
Carta 3	Maranhense	35 anos	Católica	<i>Eu quero muito que dê certo e através desse curso mulheres mil realizar o sonho de arrumar um trabalho terminar os estudos crescer profissionalmente. Ser independente.</i> <i>Tenho o sonho de formar os filhos fazer faculdade. Fazer novas amizades. Não desistir diante das lutas. Superar os desafios, pois nem tudo é fácil.</i>
Carta 4	Maranhense	48 anos	Católica	<i>Neste ano de 2013 quero que eu, e minha família, tenhamos muita saúde, muito amor no coração, e</i>

				<i>muita força de vontade para conseguirmos realizar todos os nossos sonhos. Quero poder montar meu próprio negócio, com tudo o que tenho aprendido nesses últimos meses no curso mulheres mil. Esta sendo de muita importância e com isso sei que terei mais facilidade de montar meu próprio negócio de fazer fluir, e ir a diante, não quero começar e ter que parar o negócio por não saber o que fazer. O que realmente quero. Não quero parar por aqui, pretendo fazer outros cursos.</i>
Carta 5	Maranhense	32 anos	Católica	<i>Quero que 2013 o que não conseguir em 2012, possa conseguir neste ano. Conseguir um bom emprego, fazer uma faculdade, conseguir construir minha casa e muita saúde. Quero terminar meu curso de alimentos e seguir em frente, não quero parar, quero continuar e vencer, quero olhar para atrás e dizer que conseguir graças a Deus e minha força de vontade apesar das inúmeras dificuldades, deu certo. Deus está sempre conosco e quem tem Deus não falta nada.</i>
Carta 6	Maranhense	35 anos	Católica	<i>Quero que dê certo os objetivos que estou adquirindo cada dia que por aqui passa com os professores e com os demais que conhecer e foi uma grande oportunidade que tive na minha vida. Este curso traz muitas alegrias porque fiquei 11 anos fora de sala de aula e aqui teve oportunidade de estudar e aprender importante de ter um emprego ou trabalhar por conta própria eu acredito e vou em busca deste grande plano. Algumas coisas não deram certo na minha vida, o meu</i>

				<i>casamento mas com muita luta superei os obstaculos e hoje eu me vejo outra mulher, mesmo com dificuldade eu vou conseguir superar.</i>
Carta 7	Maranhense	35 anos	Católica	<i>O que deu certo na minha vida que fiquei muito feliz foi que meu esposo largou de beber cachaça. Eu queria muito fazer esse curso aprender a fazer mais um pouco do que eu já sei. Fiquei pedindo a Deus que desse certo. Quando eu recebi a noticia que eu fui classificada fiquei muito feliz. Quero que meus filhos passe de ano. Quero que dê certo a construção da minha casa para poder ser um ano melhor. Quero que meu esposo arrume um novo emprego para entrar o ano novo trabalhando. Eu quero realizar o meu sonho arrumar um trabalho ou montar o meu próprio negócio. Eu quero que minhas colega do mulheres mil realizando os seus sonhos neste ano de 2013.</i>
Carta 8	Maranhense	36 anos	Católica	<i>Meus projetos para esse ano que eu quero realizar em 2013, como por exemplo, trabalhar e me tornar independente, e não ficar somente em casa. Pensar um pouco em minha vida e decidir o melhor para meu futuro financeiro. Com esse curso pretendo me tornar uma profissional. Durante 20 anos de casada cuidei do meu esposo e de meus filhos.</i>
Carta 9	Maranhense	35 anos	Católica	<i>Quero que dê certo na minha vida voltar a estudar e trabalhar por conta própria. Ter direito iguais ser amada por alguém na vida que mim respeita mim dá valor [...] quero conhecer novas pessoas, amigas e amigos quero aprender a dirigir carro, tirar minha carteira de</i>

				<i>motorista. Quero terminar o meu curso da mulher mil, trabalhar e não ficar só em casa, viver ser feliz com meu filho. Com fé em Deus.</i>
Carta 10	Maranhense	36 anos	Evangélica	<i>Quero ter a oportunidade de trabalhar através desse curso que eu estou concluindo. As minhas metas são: terminar o curso e ter uma chance no mercado de trabalho, exercer aquilo que eu almejo alcançar através do meu esforço e ter chance de arrumar um bom emprego para ajudar minha família. Eu nunca tive oportunidade como estou tendo hoje, alguns tempos atrás era mais difícil, hoje temos mais oportunidades.</i>

Fonte: A AUTORA, 2018.

A escrevente da Carta 1 é uma mulher parda, oriunda de escola pública, maranhense, casada, que inicia sua narrativa intitulada como *“Rabiscos de uma história”*, onde não faz referência sobre a infância, aliás nenhuma aluna da turma de 2012 menciona esta etapa da vida. A autora da carta escreve sobre os tempos de adolescente, pois *“só pensava em curtir a vida”*. Ela conta que a maturidade veio a partir da experiência de uma gravidez precoce, ainda na adolescência, mas que *“deu certo”*. Seu ingresso no curso Mulheres Mil lhe apresenta a expectativa de conseguir um trabalho.

A Carta 2 é de autoria de uma mulher parda, oriunda de escola pública. Sua carta também pode ser intitulada Coragem, pois é a palavra que mais aparece no documento, pois segundo ela, mesmo com um passado sofrido, lutou intensamente para o sustento de seus filhos. Sente-se grata a Deus pela coragem que teve para alcançar seu objetivo que era educar os filhos. Quanto ao futuro, almeja, por meio do Curso, uma vida melhor, ter seu próprio negócio e conquistar um novo amor.

A escrevente da Carta 3 é oriunda de escola pública. Inspirada no texto trabalhado em sala de aula, de autoria de Lya Luft, Querendo que dê certo, a escrevente apresenta como aspecto marcante: crescer profissionalmente por meio do Mulheres Mil, concluir os estudos, obter um emprego e conquistar a independência.

A escrevente da Carta 4 é oriunda de escola pública, viúva, apresenta o desejo de montar seu próprio negócio, esta é aliás a característica mais presente na carta. Ela pretende

também continuar estudando e afirma que o Programa tem sido um espaço de muito aprendizado.

A Carta 5 foi escrita pela mais jovem do grupo, estudou na Educação de Jovens e Adultos. Seus planos são conseguir um bom emprego, construir a casa própria, concluir o curso de Alimentos e continuar estudando. Espera que no futuro possa dizer que “*deu certo*”. Uma especificidade marcante na escrita é a espiritualidade, pois menciona diversas vezes sua fé em Deus.

A autora da Carta 6, mulher negra, inicia a narrativa afirmando que algumas coisas não deram certo em sua vida, mas ainda assim conseguiu superá-las, uma dessas superações foi o retorno à sala de aula após 11 anos afastada, oportunidade oferecida pelo Mulheres Mil. Almeja ainda ter emprego ou montar seu negócio com a ajuda dos filhos. A espiritualidade também é aspecto predominante na escrita.

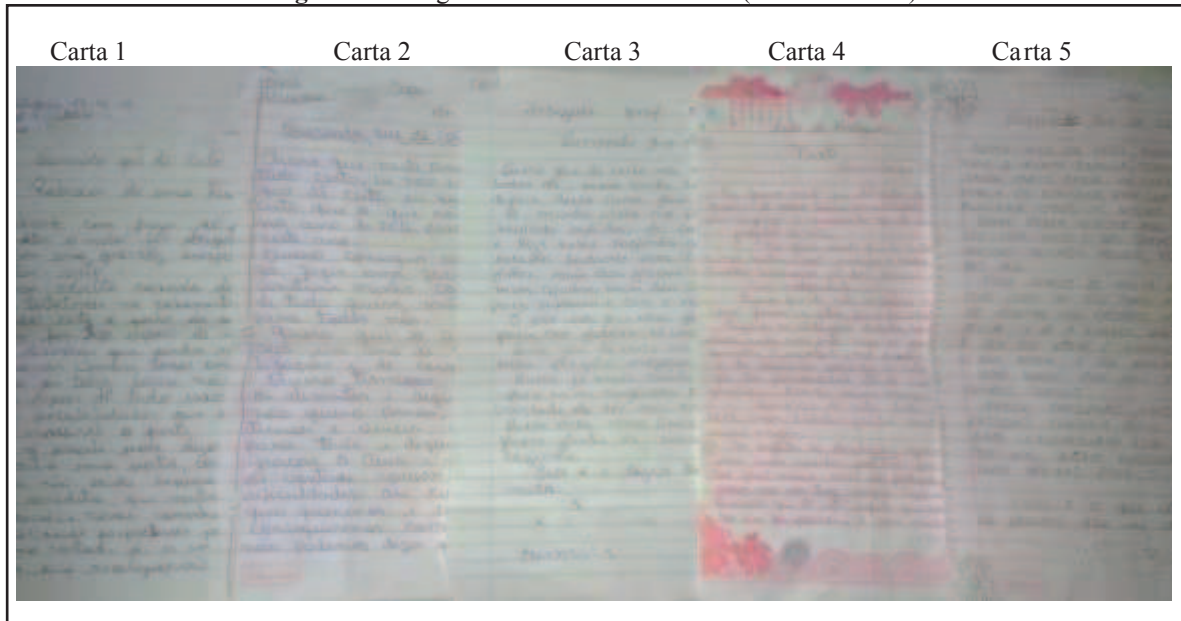
A Carta 7, escrita por uma aluna parda, cuja autora apresenta na narrativa grande satisfação por ter sido selecionada para o Mulheres Mil, outra alegria foi porque o cônjuge abandonou o álcool. Seus planos são a construção da casa própria, emprego para o companheiro, para os filhos e para si ou montar seu negócio. A escrita apresenta como traço marcante a preocupação com a família.

A Carta 8 é de autoria de uma mulher negra. A autora é bem sucinta no relato, mas evidencia que por muitos anos dedicou-se ao cuidado do cônjuge e dos filhos, mas a partir de agora almeja cuidar de si.

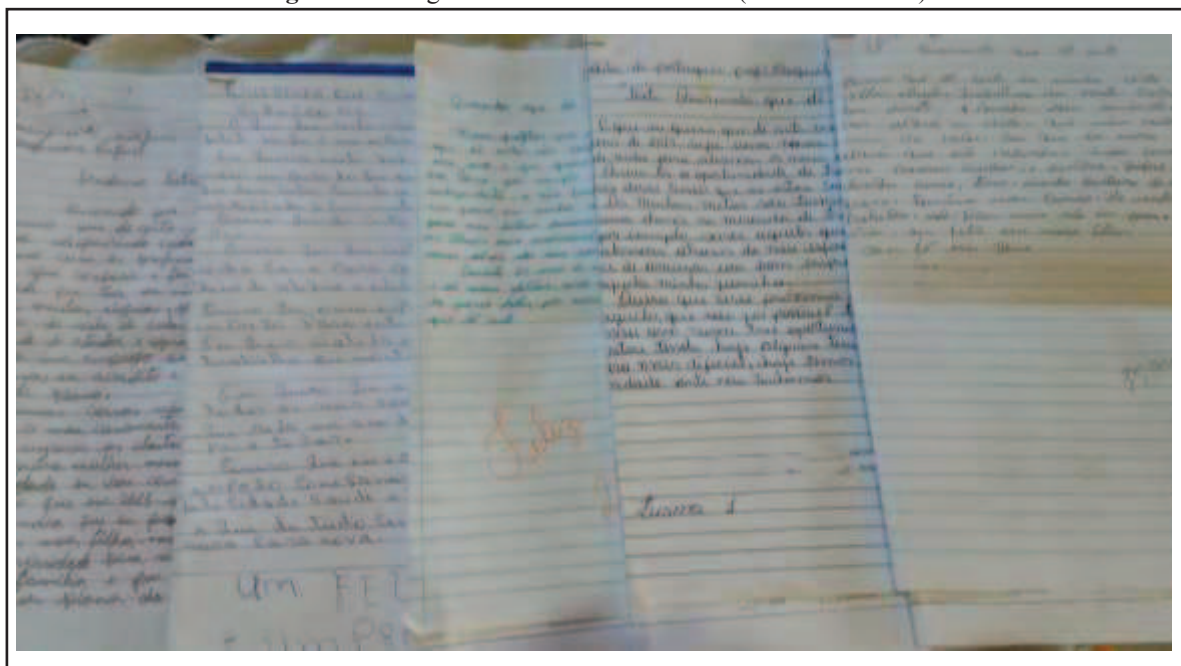
A Carta 9 foi escrita por uma aluna parda, egressa do Educação de Jovens e Adultos, em uma instituição pública. Seu breve relato expõe o desejo de retornar aos estudos, trabalhar por conta própria e, acerca da vida afetiva, busca um companheiro que a ame, a valorize e a respeite. Seus planos são tirar a carteira de habilitação, concluir o curso Mulheres Mil, “*não ficar só em casa, viver, ser feliz com meus filhos*”.

A Carta 10, de autoria de uma aluna branca, apresenta como meta concluir o Mulheres Mil e, a partir disso conseguir o emprego para ajudar a família, visto que o curso foi uma grande oportunidade.

Na Figura 5 e a Figura 6 apresento imagem das cartas de 2012 e aspectos de sua materialidade.

Figura 5 – Imagens das cartas do ano 2012 (Cartas de 1 a 5)

Fonte: A AUTORA, 2018.

Figura 6 – Imagens das Cartas do ano 2012 (Cartas de 6 a 10)

Fonte: A AUTORA (2018)

Quanto à materialidade do objeto, aqui as cartas de 2012, eu penso na variedade de cores, caligrafia, caneta, lápis, desenhos, papel. Como diz Camargo (2000, p. 205), “Carta. Objeto cuja materialidade se traduz nas cores, no apalpar das formas, nas letras e nas múltiplas combinações desses elementos”. Nesse conjunto, praticamente todas as cartas foram escritas em papel comum pautado, apenas a escrevente da carta 4 utilizou papel colorido e com desenhos para escrever o texto.

A combinação desses aspectos da materialidade encontrados nas cartas me proporcionou momentos de riso, encantamento, surpresa, um conjunto de emoções, pois as histórias aqui narradas ainda que algumas sejam apenas fragmentos, falam sobre a sua própria existência. Assim, sobre sua existência, as mulheres de 2012 deixaram registros compartilhados entre elas, visto que, uma especificidade marcante na escrita é a espiritualidade, o amor aos filhos, a vontade de vencer os obstáculos por meio da fé em Deus, a Carta 1 de 2012 revela bem isso: *“Hoje no presente pode dizer que foi lhe aberta uma porta, coisas que Deus faz que não existe explicação. Através dessa acredita que muitas outras se abrirão”*. Para elas o fato de participarem do PMM, representa esse momento de fé. Além do aspecto da fé bem presente nas cartas, as alunas apresentam em comum a vontade de continuar os estudos após o término do curso, sobre isso, algumas ingressaram no curso PROEJA, no próprio IFMA.

Um aspecto que observei nos escritos das mulheres do ano de 2012, é que nenhuma delas faz referência à infância, apenas uma das alunas dessa turma menciona a época de sua adolescência, aqui, eu penso que a menção a essa época está vinculada a experiência precoce da maternidade. O casamento é outro aspecto marcante na escrita dessas mulheres, para algumas também fica subtendido que há medo da solidão de envelhecer sozinhas, já que os filhos cresceram e casaram-se, talvez, por isso, o desejo de encontrarem um novo amor.

Nesse conjunto de cartas, as mulheres também almejam ter um emprego ou abrir o próprio negócio, além da espiritualidade bem predominante nos registros, o sonho de construir a casa própria é outro aspecto comum nos relatos, já em outros registros se evidencia a vontade de cuidar de si, visto que, por muitos anos dedicaram-se ao cuidado do cônjuge e dos filhos. Nessa perspectiva, o cuidado de si se evidencia pelos planos em tirar a carteira de habilitação, ser valorizada como mulher, viver, ser feliz.

Assim, é possível inferir que as mulheres da turma de 2012 almejam conquistar um emprego, tornarem-se profissionais e obter a independência financeira como mencionado, tudo isso é o que representa para elas o Mulheres Mil. Por outro lado, é preciso reconhecer que o Programa não dará as condições necessárias para que todos esses planos se materializem, pois, as alunas apresentam *déficit* educacional que as excluem do emprego formal, além de limitar o prosseguimento de seus estudos. Isto porque as políticas públicas brasileiras não modificam as condições de vida das pessoas pobres. Embora, não seja determinante que as alunas permaneçam excluídas, nesse caso, a mobilidade social ocorrerá muito mais por iniciativa pessoal que política.

As mulheres de 2013, assim como as mulheres do ano de 2012, também apresentam em sua escrita marcas específicas de espiritualidade, como se observa nos registros encontrados em várias cartas, além disso, há semelhanças nos registros acerca da maternidade, casamento, estudo, sonho da casa própria. No entanto, um aspecto marcante presente nas cartas é que as mulheres do ano de 2013 falam bastante sobre a época da infância, ao contrário das mulheres de 2012 que nada mencionam.

No Quadro 4, apresento as mulheres que escreveram suas cartas no ano de 2013 e a descrição dos registros feitos por elas.

Quadro 4 – Cartas 2013

Cartas	Naturalidade	Idade	Religião	Descrição
Carta 1	Maranhense	28 anos	Testemunha de Jeová	<i>Minhas memórias e histórias de vida Minha infância foi legal, lembro quanto que eu gostava e as minhas amiguinhas de procurar brinquedos no lixo, não porque não tinha condições de comprar, mas é coisa de criança e era bem divertido, andávamos descalça e no sol torrano. Mas então eu fui crescendo as coisas mudando e eu não mais queria procurar lixo não, fiquei adolescente, tudo era diferente agora, queria saber de outras coisas agora, como me arrumar, pranchar o cabelo, sair com as amigas, conhecer meninos, algo do tipo, tanto a minha infância como a minha adolescência foram boas estão guardadas na minha memória e no meu coração, lembranças que não voltam. Hoje, sou adulta e consciente de meus erros e acertos, hoje não faço mais besteiras. A 5 anos me tornei testemunha de jeová, foi maravilhoso. Apesar dos desafios que enfrento tenho fé que dias melhores virão.</i>
Carta 2	Maranhense	24 anos	Católica	<i>Mulheres mil – Minhas memórias A minha história não deve ser muito diferente da de muitas pessoas que já moraram no interior, quando eu nasci, eu já tinha três irmãos, não tive muitos privilégios, até mesmo porque a minha família não tinha tanta estrutura. Desde</i>

				<i>que eu me entendo por gente, já foi na roça, não tínhamos uma vida fácil, vivíamos e dependíamos da roça porque meu pai não tinha emprego, a gente ia pra escola a pé porque não tinha condução, mesmo assim a gente ia todos os dias. Não foi nada fácil, mas eu hoje as vezes sinto falta daquele tempo que tinha meus irmãos por perto pra brincar, pra brigar.</i>
Carta 3	Maranhense	51 anos	Católica	<i>Minhas memórias – Meu nascimento! Sou gêmea em placentas diferentes. Minha infância foi sofrida porém feliz, brincava debaixo das laranjeiras, umbuzeiros, mutumbeiros etc. Minha adolescência: muito trabalho estudo um pouco comprometido. Minha juventude, também sofrida trabalhando muito na roça, em casa de família e também em firma, sempre fui muito católica. Sim católica praticante! Meu casamento: casei com um eis aluno de catequese estivemos juntos durante 17 anos, hoje estamos separados [...] estou morando de favor com uma família, estou sozinha porém feliz.</i>
Carta 4	Maranhense	44 anos	Testemunha de Jeová	<i>Minhas memórias... O meu nascimento não me lembro. Apenas um pouco da minha infância. Quando eu era criança eu gostava de brincar como toda criança. O que eu lembro é que os brinquedos que eu brincava, não era como os de hoje. Quando era tempo de colher milho eu gostava de ir na roça para tirar boneca de milho p/ poder brincar. Sempre me dava bem com meus 09 irmãos. Já na adolescência nós tínhamos dificuldades de estudar pois eramos muito pobres que não tina nem uma bicicleta pra ir a escola, pois era muito</i>

				longe. Mais com muita dificuldade meu pai comprou uma casa mais próxima da cidade e assim conseguimos estudar numa escola. Aos 19 anos me casei e tive 3 filhos moramos dez anos e ele foi embora e eu fiquei com meus três filhos. Hoje vivo a 12 anos sem uma pessoa ao meu lado apenas com dois filhos o outro já casou. Mesmo assim eu me sinto feliz em participar desse programa mulheres mil, apesar das dificuldades que tive não deixei que nada me fizesse desistir.
Carta 5	Maranhense	30 anos	Católica	<i>Minhas memórias</i> Nasci e cresci na roça sou amais velha de seis filhos, meus pais trabalhavam com a terra, sempre tive que ajudar minha mãe com as tarefas de casa, desde muito pequena sempre fui obrigada a ter responsabilidade nem lembro quando começou, sempre cuidando do irmão mais novo, lavando, zelando da casa, e não tive uma infância de uma criança normal, e sim aprender a cuidar da casa [...] hoje mãe de duas meninas, estou separada [...] faço o possível para que a infância das minhas filhas seja diferente da minha. Pois digo que não fui uma criança feliz. Hoje estou aqui no mulheres mil buscando melhorar meu conhecimento para tentar entrar no mercado de trabalho formal, sou autônoma e meu sonho é arrumar um emprego, algo que me dê segurança no futuro. Meu nome é M. S. [nome omitido pela autora] uma mulher que sempre teve que lutar pelo seus sonhos, necessidades de sobreviver a tudo me pôs a prova, estou aqui firme e forte!
Carta 6	Maranhense	44 anos	Católica	<i>Minhas memórias</i>

				<i>A minha infância foi muito boa porque eu lembro que a gente tinha mais liberdade. Eu nasci de família humilde mais honesta meu pai era lavrador minha mãe dona de casa e também ajudava meu pai na lavoura mais a gente era muito feliz. Eu lembro que a gente não tinha muita oportunidade para estudar, mais era um tempo em que havia mais obediência mais respeito entre as pessoas, pais e filhos, por isso eu tenho saudade do meu tempo de criança. Hoje tudo mudou. Eu casei muito cedo e deixei de estudar na 6ª série, porém sou muito arrependida pois quem não estuda fica para trás. Hoje estou no mulheres mil e muito feliz.</i>
Carta 7	Maranhense	50 anos	Evangélica	<i>Minha memória – passadas e atualizadas</i> <i>Ao nascer fui criada pela minha vó até os 16 anos. Mas sempre sentia falta da minha mãe e quando passamos a morar junto tivemos algumas diferenças no relacionamento, mais no final nós nos entendemos. Conquistamos esse amor, mas que pena durou pouco porque a mesma morreu. Quando criança gostava de bonecas e de costuras para as mesmas. Mas o tempo passou e os sonhos foram outros. Na juventude sonhava ser uma juíza, mas apenas fiquei como professora de magistério e poucas oportunidades.</i>
Carta 8	Mineira	43 anos	Evangélica	<i>Minhas memórias... Minhas histórias de vida</i> <i>A minha infância não foi de muitas lembranças boas, pois fui criada com várias pessoas da família, mas não com minha mãe. Esse era um sonho na minha vida que não teve.</i> <i>A minha mãe criou 10 filhos e não me criou eu sendo a mais velha entre 10</i>

				irmãos. [...] Me lembro muito quando eu ia pra cachoeira, gostava de ouvir o barulho das águas me sentia bem [...] Aos 25 anos casei e tive 4 filhos, mas quando meu filho mais novo tinha 5 meses meu marido me deixou e hoje vivo sozinha com meus 4 filhos e sou feliz com eles.
Carta 9	Paraense	29 anos	Adventista	Eu hoje conto minha história de vida [...] Até os 12 anos só conhecia a felicidade. tinha uma família completa tive uma infância boa. Se eu pudesse voltar ao passado voltaria mais não posso. O passado dos 12 anos. Aos 13 anos perdi meu pai [...] hoje agradeço a Deus porque antes tinha um coração duro e frio. Hoje tenho filho, marido [...] só tenho a agradecer a meu Deus, Senhor obrigada!
Carta 10	Paraibana	52 anos	Evangélica	Minhas memórias – minha história de vida [...] tive uma bela infância pois pobre sim de dinheiro mas rico de amor. tive muitos momentos felizes com a minha família brinquei muito com meus irmãos debaixo dos mutumbais que são plantas nativas do sertão fui a escola aprendi pouco por conta das dificuldades, mas era muito feliz. Cresci fiquei mulher me casei duas vezes, tenho três filhos maravilhosos. Mas o momento que mais marcou foi quando a sete anos fiquei sem minha mãe.

Fonte: A AUTORA, 2018.

A autora da Carta 1 intitula seu relato de “Minhas memórias”, inicia tratando sobre a infância, etapa da vida muito feliz, assim como a adolescência. Seus interesses na adolescência eram arrumar-se, “pranchar cabelo, sair com os amigos, conhecer meninos”.

Na vida adulta tornou-se religiosa, frequenta o Salão do Reino das Testemunhas de Jeová e tornou-se consciente dos seus erros.

A autora da Carta 2 intitula seu texto “*Mulheres Mil: minhas memórias*”, suas lembranças da infância são marcadas pelo trabalho na roça no seio de uma família numerosa, ia para a escola a pé, mas não faltava as aulas. Concluiu o Ensino Médio e pretende continuar estudando, para possibilitar melhores condições de vida ao filho.

A autora da Carta 3 intitula sua narrativa “*Minhas memórias*”, registra que é católica, foi casada durante 17 anos, com seu ex-aluno de catequese. Sua infância foi sofrida, mas aproveitava o tempo brincando, trabalhou muito na adolescência, fato que comprometeu seu futuro, além de uma juventude sofrida, devido ao trabalho na roça e doméstico. Atualmente, “*mora de favor, estou só mais feliz*”.

A autora da Carta 4, mãe de três filhos, intitula sua narrativa de “*Minhas Memórias*”, de uma família com nove irmãos, ela relembra que na infância brincava com boneca de milho (Figura 7) brincadeira frequente entre as crianças pobres no Estado.

Figura 7 – Boneca de milho



Fonte: GARDENMAMA, 2010.

A autora Cora Coralina (2003, p. 165) também faz alusão a isso, no poema cujo título é Poema do Milho:

*Bonecas de milho túrgidas,
negaceando, se mostrando vaidosas.
Túnicas, sobretúnicas...
saías, sobressaías...
Anáguas... camisas verdes.
Cabelos verdes...*

A adolescência da autora da Carta 4 também foi marcada pelas dificuldades financeiras, mesmo assim ela e os irmãos estudaram. Um aspecto marcante na carta é o religioso.

A autora da Carta 5 também intitula sua narrativa como “*Minhas memórias*”. Ela nasceu e cresceu na roça, é a filha mais velha de uma família com seis irmãos, tem 30 anos. Sobre a infância relembra ter trabalho muito ajudando a cuidar da casa, dos irmãos, na roça, e considera não ter sido “*uma criança feliz*”. Aos 13 anos mudou-se para casa da avó materna. Viveu por 10 anos em união estável. É autônoma, mas almeja ingressar no mercado de trabalho formal, depois que concluir o Mulheres Mil. Para ela, a vida foi uma constante luta pela sobrevivência.

A autora da Carta 6 intitula sua narrativa como “*Minha História de Vida*”. Relata que sua infância foi feliz, pois usufruía de mais liberdade, oriunda de uma família pobre, cujo pai era lavrador e a mãe dona de casa. Ainda na infância ajudava o pai na roça, não havia muitas oportunidades para frequentar a escola, mas os filhos obedeciam aos pais. Casou-se cedo e precisou abandonar a escola na 6ª série, mas arrepende-se, pois “*quem não estuda fica para traz*”.

A autora da Carta 7, mãe de dois filhos, intitula sua narrativa como “*Minhas memórias: passadas e atualizadas*”. Viveu com a avó até os 16 anos, mas sentia a falta da mãe. Porém, a convivência com a genitora lhe trouxe conflitos. Sobre a infância relembra que brincava de costurar para as bonecas. Sonhou em ser juíza, mas “*apenas fiquei como uma professora de magistério*”.

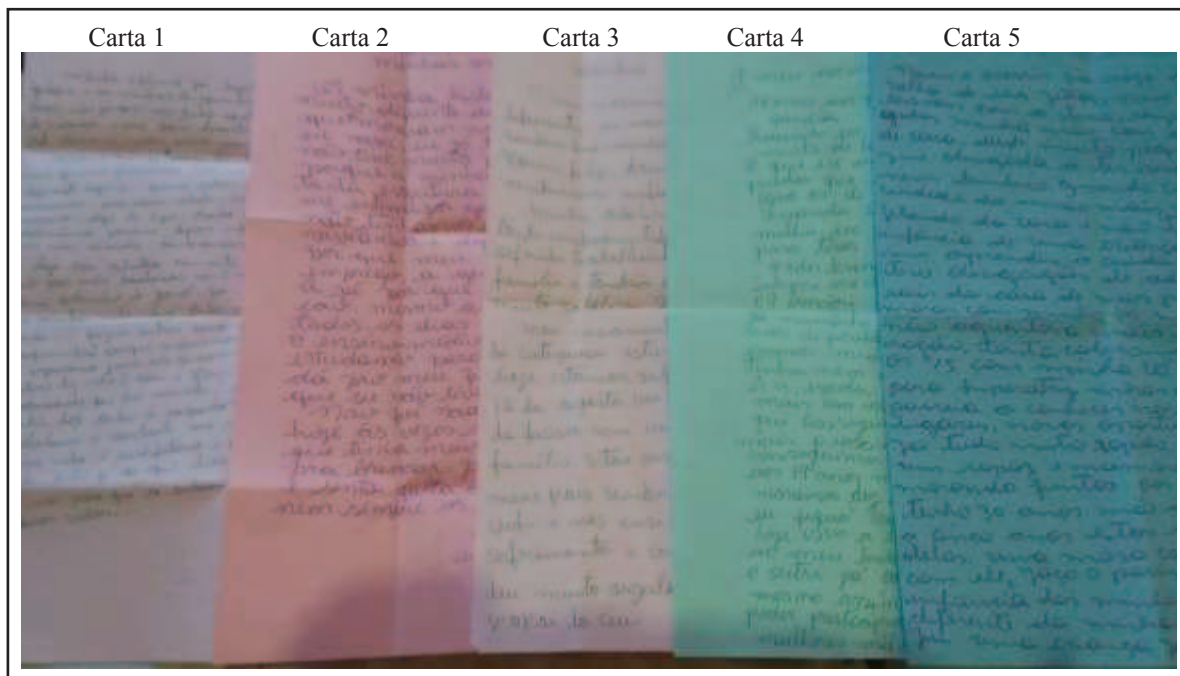
A autora da Carta 8 intitula sua narrativa como “*Minhas histórias de vida*”. Acerca da infância relembra, com pesar, não ter convivido com a mãe, seu grande sonho: “*Minha mãe criou dez filhos, mas não me criou, mesmo sendo a mais velha*”. Na adolescência foi morar com o pai e casou-se aos 25 anos.

A autora da Carta 9 tem dois filhos. Não intitula seu texto, mas registra que sua infância foi feliz e na adolescência perdeu o pai. Sobre o Curso Mulheres Mil, ela narra que foi uma oportunidade para conhecer novas pessoas.

A autora da Carta 10 foi casada duas vezes, tem três filhos. Seu texto intitula-se “*Minha História de Vida*”, onde registra ter tido uma bela infância, com brincadeiras, foi a escolas, mas aprendeu pouco, por conta das dificuldades financeiras. A adolescência também é marcada pela morte do pai, em seguida a morte da mãe. O traço mais destacado na carta é a convivência com a família.

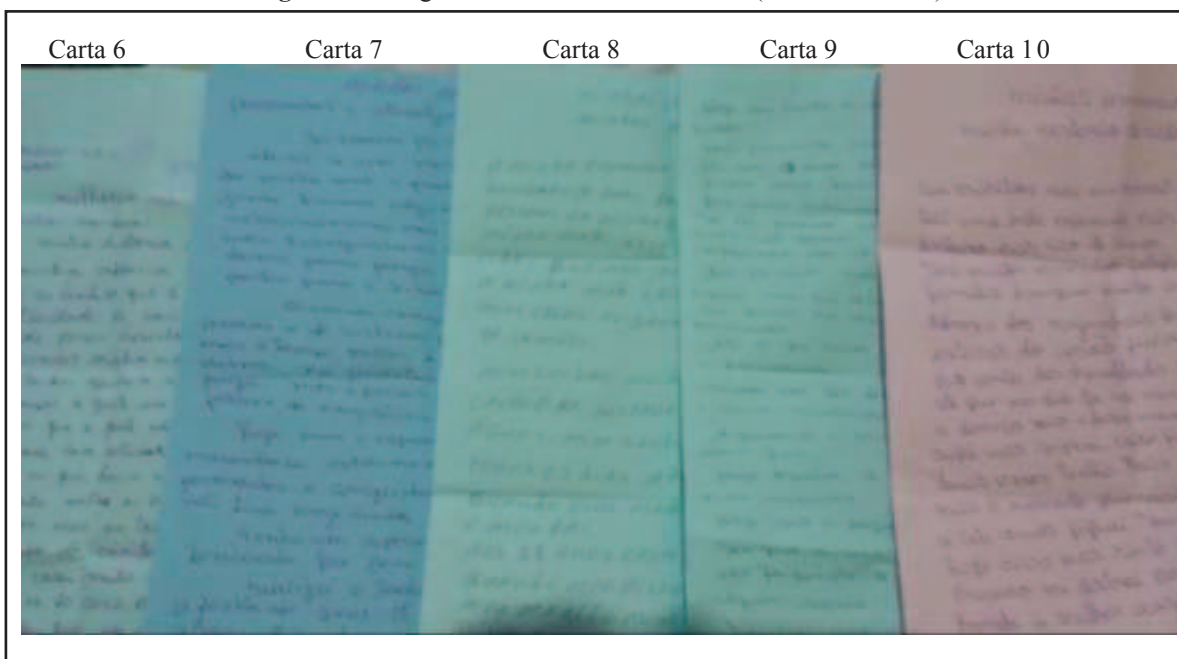
A Figura 8 e a Figura 9 mostram a imagem das cartas de 2013. A Figura 10 mostra alguns envelopes das cartas de 2013.

Figura 8 – Imagem das cartas do ano de 2013 (Cartas de 1 a 5)



Fonte: A AUTORA, 2018.

Figura 9 – Imagem das cartas do ano de 2013 (Cartas de 6 a 10)



Fonte: A AUTORA, 2018.

Figura 10 – Imagens dos envelopes das cartas do ano de 2013



Fonte: A AUTORA, 2018.

Os registros feitos em cartas pelas mulheres do ano de 2013 se diferenciam na sua materialidade, já que essa turma utilizou dos materiais disponibilizados em sala para esse momento, assim, as alunas utilizaram papel colorido, canetas coloridas, nenhuma foi escrita a lápis como na turma de 2012. Nos registros também se observa que a letra, embora legível, aparece tortuosa, talvez pela ausência de linhas.

Quem são estas mulheres, alunas, escreventes? O que dizem de si mesma nas linhas e entrelinhas das cartas? O que dizem sobre Programa? Não foram questões simples de responder, aliás, considero que não é possível abarcar a totalidade de respostas possíveis as questões. Isto porque como nos adverte Candau (2016): Quando um indivíduo constrói sua história, ele se ocupa em uma tarefa arriscada consistindo em percorrer de novo aquilo que acredita ser a totalidade de seu passado para dele se reapropriar e, ao mesmo tempo, recompô-lo em uma rapsódia sempre original.

Outros aspectos importantes destacados por Candau (2016, p. 74-77), e nos quais me apoio são:

- ✓ A imagem que desejamos dar de nós mesmos a partir de elementos do passado é sempre pré-construída pelo que somos no momento da evocação
- ✓ O sentimento do passado se modifica em função da sociedade;
- ✓ Todo aquele que recorda domestica o passado e dele se apropria, incorpora sua marca em uma espécie de selo memorial como significante da identidade.

Desse modo, é possível compreender elementos que marcaram a trajetória de vida das alunas: infância, maternidade, casamento, trabalho, educação e o Programa Mulheres Mil. Sobre as mulheres que estudaram na turma de 2012 são pessoas de 32 a 48 anos, a infância não apareceu nas escritas, nordestinas, negras e pardas, algumas são mães, casadas, divorciadas, em união estável, religiosas, com baixa escolaridade, precisaram trabalhar para

manter a si e a família. Elas têm como expectativas concluir o Mulheres Mil para assim conseguir um emprego ou montar seu negócio.

Quanto às alunas da turma de 2013 pode-se compreender que são mulheres entre 24 a 52 anos, nordestinas e nortistas, que iniciaram a vida envolvidas no trabalho da roça, no cuidado da casa e dos irmãos. Algumas de família numerosa, foram privadas da convivência com a mãe, experimentaram a maternidade precoce, tiveram poucas oportunidades de estudo, o que as impossibilitaram de continuar estudando, assim também como a falta de apoio por parte do cônjuge. A religião também é um traço presente em suas vidas. A maioria não registra suas expectativas em relação em Programa Mulheres Mil, mas algumas pretendem obter um trabalho, além disso, foi uma oportunidade para conhecer pessoas.

As mulheres que estudaram em 2012 e 2013 poderiam ser tantas outras que palmilham pelas ruas desse país, que carregam em si os mesmos elementos: a pobreza e todas as exclusões decorrentes disto como: ingresso tardio na escola; abandono escolar; maternidade precoce, algumas por desconhecerem os métodos contraceptivos, falta de acesso aos serviços de saúde, outras por não terem domínio de seus corpos; a fome; falta de acesso a bens culturais; o trabalho infantil; a violência doméstica; a sobrecarga de trabalho doméstico; emprego informal; o trabalho doméstico sem reconhecimento de seus direitos; o abandono dos cônjuges e a responsabilidade exclusiva pela educação dos filhos. Os espaços de sociabilidade limitam-se aos grupos religiosos, os bares e os banhos de rio. Feitas essas considerações, discorro acerca das representações, com base nas análises feitas a partir dos quadros que constam no Apêndice B.

A ausência de registro sobre a infância nas cartas de 2012 levou-me a considerar duas questões. A primeira delas é porque as cartas da turma de 2012 foram produzidas na disciplina de Língua Portuguesa e uma vez que não fora discutido o conceito de memória, como na oficina Mapa da Vida, penso que as alunas optaram por iniciar o registro a partir da adolescência. Por outro lado, talvez a omissão tenha sido intencional e, nesse sentido, reporto-me a Candau (2016) quando ele diz que essa experiência de lembrar pode trazer impressões insuportáveis. O Quadro 5 mostra as representações sobre a infância das alunas de 2013.

Quadro 5 – Representações sobre infância (2013)

Carta	Descrição
Carta 1	<i>Minha infância foi legal, lembro que quanto que eu gostava e as minhas amiguinhas de procurar brinquedo no lixo, não porque não tinha condições de comprar, mas é coisa de criança, e era bem divertido, andavamos descalça e no sol torrano. [...]</i>
Carta 2	<i>Quando eu nasci, eu já tinha três irmãos, não tive privilégios, até mesmo</i>

	<i>porque a minha família não tinha tanta estrutura. [...]</i>
Carta 3	<i>Minha infância foi sofrida porém feliz, brincava de baixo das laranjeiras, umbuzeiras, mutumbeiros etc.</i>
Carta 4	<i>O meu nascimento não me lembro, apenas um pouco da minha infância. Quando eu era criança eu gostava muito de brincar como toda criança. O que me lembro é que os brinquedos que eu brincava, não era como os de hoje. Quando era tempo de colher milho, eu gostava de ir na roça para tirar boneca de milho p/ poder brincar.</i>
Carta 5	<i>Nasci e cresci na roça sou amais velha de seis filhos, meus pais trabalhavam com a terra, sempre tive que ajudar minha mãe com as tarefas de casa, desde muito pequena sempre fui obrigada a ter responsabilidade nem lembro quando começou, sempre cuidando do irmão mais novo, lavando, zelando da casa e não tive uma infância de uma criança normal.</i>
Carta 6	<i>A minha infância foi muito boa porque eu lembro que a gente tinha mais liberdade.</i>
Carta 7	<i>Quando criança gostava muito de bonecas e costuras para as mesmas. Mas o tempo passou e os sonhos foram outros. Na juventude sonhava em ser juíza, mas apenas fiquei como uma professora de magistério e poucas oportunidades.</i>
Carta 8	<i>A minha infância não foi de muitas lembranças boas, pois foi criada com varias pessoas da minha família, não com minha mãe. Esse era o sonho da minha vida. A minha mãe criou 10 filhos e não me criou eu sendo a mais velha...</i>
Carta 9	<i>Tinha uma família completa. tive uma infância boa. Se pudesse voltar ao passado voltaria mas não posso.</i>
Carta 10	<i>Tivi uma bela infância pois pobre sim de dinheiro mais rico de amor. tivi muitos momentos felizes com a minha família brinquei muito com meus irmãos debaixo dos mutumbais que são plantas nativas do certão.</i>

Fonte: A AUTORA, 2018.

Segundo Kuhlmann Jr. e Fernandes (2004), infância é uma concepção ou representação que os adultos constroem sobre o período inicial da vida ou como o próprio período vivido pela criança, o sujeito que vive esse período da vida.

A Sociologia da Infância propõe o estabelecimento de uma distinção analítica entre as crianças como atores sociais, nos seus mundos de vida e a infância, como categoria social do tipo geracional, construída socialmente. (SARMENTO, 2008)

A infância das alunas da turma de 2013 é representada pelo tempo do brincar, ainda que, às vezes, o lixo fosse esse lugar; e o brincar de boneca, que aponta para o lugar social da mulher, isto é, o cuidado do lar e dos filhos. Outras registram ter recebido afeto, elemento indispensável para construção da personalidade da pessoa. Embora, a pobreza seja uma categoria presente. Ainda é possível observar que para outras mulheres a infância não

representa um momento bom e agradável como neste trecho da Carta 5: “[...] desde muito pequena sempre fui obrigada a ter responsabilidade nem lembro quando começou, sempre cuidando do irmão mais novo, lavando, zelando da casa e não tive uma infância de uma criança normal”, ou ainda neste fragmento da Carta 8: “A minha infância não foi de muitas lembranças boas, pois foi criada com varias pessoas da minha família, não com minha mãe. Esse era o sonho da minha vida. A minha mãe criou 10 filhos e não me criou eu sendo a mais velha [...]”.

Acerca da maternidade, o Quadro 6 mostra as representações sobre a maternidade das alunas de 2012.

Quadro 6 – Representação sobre maternidade (2012)

Carta	Descrição
Carta 1	<i>Adolescente sem juízo, só pensava em “curtir a vida” foi obrigada a amadurecer com uma gravidez inesperada mas que deu certo.</i>
Carta 2	<i>Trabalhei bastante para criar meus filhos, mas dou graças a Deus pois ele me ajudou, me deu coraje, saúde para assumir.</i>
Carta 7	<i>Meus filhos passe de ano.</i>
Carta 8	<i>Cuidei dos filhos. Como hoje estão todos grandes eu posso lutar por meus objetivos.</i>

Fonte: A AUTORA, 2018.

As representações sobre a maternidade estão presentes em quatro cartas de 2012, de modo, que se pode notar que nem todas as mulheres têm filhos, esse é um dado que acompanha as estatísticas nacionais, pois, de acordo com o IBGE (2015), a taxa de fecundidade caiu em todas as regiões, o número de filhos por mulheres é de 1,74. Esse dado resulta do aumento da escolaridade feminina e o ingresso de mais mulheres no mercado de trabalho. Pode-se afirmar que há permanências, ao longo da história, no modo como as mulheres pobres viveram, visto que as oportunidades para estudar foram cerceadas em alguns momentos, mas ao conseguirem o acesso a escola, outros fatores impedem que continuem estudando e um deles é a maternidade como aparece nesse fragmento da Carta 8 turma 2012 “Cuidei dos filhos. Como hoje estão todos grandes eu posso lutar por meus objetivos”. A esse respeito Simone de Beauvoir (2016, p. 171) chega a afirmar “A razão profunda que, na origem da história, vota a mulher ao trabalho doméstico e a impede de participar da construção do mundo é a sua escravização à função geradora.”

O Quadro 7 traz a representação sobre a maternidade nas cartas de 2013.

Quadro 7 – Representação sobre maternidade (2013)

Carta	Descrição
Carta 2	<i>Que eu possa dá ao meu filho a infância que não tive.</i>
Carta 4	<i>Aos 19 anos me casei, tive três filhos moramos dez anos ele foi embora e eu fiquei com os meus três filhos.</i>
Carta 5	<i>[...] faço o possível para que a infância das minhas filhas seja diferente da minha. Pois digo que não fui uma criança feliz.</i>
Carta 7	<i>Hoje mãe e esposa. Tenho 2 filhos lindos maravilhosos, estou na esperança de vê-los formados e conquistando o espaço que não tive. [...] realizei o sonho da filha mais nova a festa de seus 15 anos.</i>
Carta 8	<i>Vivo com os meus filhos e sou feliz com eles.</i>
Carta 9	<i>Hoje tenho 2 filhos a quem eu amo muito e um marido. Hoje são a razão da minha vida.</i>
Carta 10	<i>Tenho três filhos maravilhosos.</i>

Fonte: A AUTORA, 2018.

A maternidade é representada como realização feminina, também o cuidado com os filhos é sua grande responsabilidade, como dito, algumas delas são chefes de família e responsáveis pelo cuidado exclusivo com os filhos. Nesse sentido, utilizo o pensamento de Araújo (2017) para refletir que a dupla jornada que a mulher realiza é fruto de uma construção histórica de exploração.

Acerca do casamento, o Quadro 8 mostra a representação sobre o casamento das alunas de 2012.

Quadro 8 – Representações sobre casamento (2012)

Carta	Descrição
Carta 1	<i>Agora adulta casada depois de muitas tentativas no casamento para fazer dar certo, o sonho do casamento teve um fim.</i>
Carta 2	<i>Fui casada duas vezes, e hoje estou sozinha a 10 Anos. Quero meu novo amor pois não quero finda os meus dias vida sozinha.</i>
Carta 6	<i>Algumas coisas não deram certo na minha vida o meu casamento mas com muita luta superei os obstáculos e hoje eu me vejo outra mulher mesmo com muita dificuldade.</i>
Carta 7	<i>Na minha vida fiquei muito feliz foi que meu esposo largou de beber cachaça.</i>
Carta 8	<i>Durante 20 anos casada cuidei do meu esposo e filhos.</i>
Carta 9	<i>Quero ser amada por alguém na vida e que me respeita da valor [...] por que eu moro com alguém que não valoriza [...]</i>

Fonte: A AUTORA, 2018.

Algumas alunas registram as relações de gênero com os companheiros, maridos, namorados, e os escritos nos fazem compreender que há expectativas em relação a construção de uma vida afetiva. Por vezes, elas até se submetem a algum tipo de violência para manter o

relacionamento, por razões que objetivamente desconheço. Embora, pareça muito desconfortante o que diz Simone de Beauvoir (2016, p. 219) “a mulher está encerrada na comunidade conjugal: trata-se para ela de transformar essa prisão em reino.”

O Quadro 9 mostra a representação sobre o casamento das alunas de 2013.

Quadro 9 – Representações sobre casamento (2013)

Carta	Descrição
Carta 3	<i>Casei com um eis aluno de catequese estivemos juntos por 17 anos hoje estamos separados.</i>
Carta 4	<i>Aos 19 anos casei [...] moramos 10 anos juntos ele foi embora. Hoje vivo a 12 anos sem uma pessoa ao meu lado apenas com dois filhos o outro já casou.</i>
Carta 5	<i>Conheci um rapaz e namorei-o, acabamos morando juntos por 10 anos [...] a cinco anos separada.</i>
Carta 6	<i>Eu casei muito cedo deixei de estudar na 6ª série porem sou muito arrependida pois quem não estuda fica para traz.</i>
Carta 7	<i>Tenho um esposo maravilhoso e abençoado por Deus. Sou muito feliz.</i>
Carta 8	<i>Aos 25 anos me casei e tive 4 filhos, mas quando o meu filho mais novo tinha 5 meses meu marido mim deixou.</i>
Carta 9	<i>Hoje tenho 2 filhos a quem eu amo muito e um marido. Hoje são a razão da minha vida.</i>
Carta 10	<i>Cresci fiquei mulher me casei duas vezes.</i>

Fonte: A AUTORA, 2018.

As representações sobre casamento para as mulheres da turma de 2013 indicam que o matrimônio nem sempre contribuiu com a elevação da autoestima delas, algumas precisaram deixar a escola, devido ao casamento, pois não conseguiram contar com ajuda do companheiro. A esse respeito Simone de Beauvoir (2016, p. 187) afirma “o encargo que a sociedade impõe à mulher é considerado como um serviço prestado ao esposo.”

Com relação ao trabalho, o Quadro 10 traz as representações sobre o trabalho das alunas de 2012.

Quadro 10 – Representações sobre trabalho (2012)

Carta	Descrição
Carta 2	<i>É por isto que estou fazendo este curso para no futuro té uma vida melhor.</i>
Carta 3	<i>Oportunidades de trabalho uma chance no mercado de trabalho, exercer uma profissão [...] ser independente.</i>
Carta 4	<i>Quero poder montar meu próprio negócio, com tudo o que tenho aprendido nesses ultimos meses, no curso mulheres mil.</i>
Carta 5	<i>Quero conseguir um bom emprego [...] construir minha casa.</i>
Carta 6	<i>De ter um emprego ou trabalhar por conta própria.</i>
Carta 7	<i>Eu quero realizar o meu sonho arumar um trabalho ou montar meu próprio negocio.</i>

Carta 8	<i>Trabalhar e me tornar independente, e não ficar somente em casa. Pensar um pouco em minha vida e decidir o melhor para o meu futuro financeiro.</i>
Carta 9	<i>Trabalhar por conta própria ter direito.</i>
Carta 10	<i>Que eu possa montar meu próprio negócio que é a minha lanchonete.</i>

Fonte: A AUTORA, 2018

O trabalho formal, com amparo dos direitos trabalhistas é o que almejam essas mulheres, pois representa para elas tornarem-se independentes financeiramente. Beauvoir (2016, p. 62) assegura que “as capacidades só se manifestam quando realizadas.” Além disso, as mulheres saberão desenvolver todas as capacidades quando existir equidade de gênero. Em meados do século XX, e mesmo nos dias atuais.

[...] a mulher que busca sua independência no trabalho tem muito menos possibilidades do que seus concorrentes masculinos. Em muitos ofícios, seu salário é inferior aos dos homens; suas tarefas são menos especializadas e, portanto, menos bem pagas do que as de um operário qualificado e, em igualdade de condições, ela é menos bem remunerada. Pelo fato de ser uma recém-chegada ao mundo dos homens, tem menores possibilidades de êxito. (BEAUVOIR, 2016, p. 193, 194)

Ao longo da história, as mulheres foram marginalizadas no mercado de trabalho, ganhavam menos, e ainda ganham, acumulam mais horas de trabalho que os homens, se considerarmos seu envolvimento no trabalho doméstico. Por isso, o pensamento de Simone de Beauvoir é tão atual.

O Quadro 11 traz as representações sobre o trabalho das alunas de 2013.

Quadro 11 – Representações sobre trabalho (2013)

Cartas	Descrição
Carta 2	<i>Desde que eu me entendi por gente, já foi trabalhando na roça, não tínhamos uma vida fácil, vivíamos e dependíamos da roça porque meu pai não tinha emprego.</i>
Carta 3	<i>Minha adolescência: muito trabalho estudo um pouco comprometido. Minha juventude, também sofrida trabalhando muito na roça em casa de família e também em firma e lojas sempre fui muito católica. Sim católica praticante.</i>
Carta 5	<i>Sou autônoma e meu sonho hoje é arrumar um emprego, algo que me dê segurança no futuro.</i>

Fonte: A AUTORA, 2018.

O trabalho na roça e as dificuldades para continuar estudando são representações que as alunas têm acerca do trabalho. Nesse sentido, é preciso considerar que as mulheres pobres sempre trabalharam. Nessa perspectiva Perrot (2007) registra que o caráter doméstico marcará todo o trabalho feminino: a mulher é sempre uma dona-de-casa. Ele resiste às evoluções igualitárias, pois, as tarefas não são compartilhadas entre homens e mulheres. Este

é um trabalho invisível, físico, que depende do corpo, é pouco qualificado e pouco mecanizado, apesar das mudanças contemporâneas.

Com relação à educação, o Quadro 12 mostra as representações sobre educação das alunas de 2012.

Quadro 12 – Representações sobre educação (2012)

Cartas	Descrição
Carta 3	<i>Terminar os estudos.</i>
Carta 4	<i>Não quero parar aqui, pretendo fazer outros cursos.</i>
Carta 5	<i>Fazer uma faculdade [...]</i>
Carta 6	<i>Neste ano traz muitas alegrias, porque fiquei 11 anos fora da sala de aula e aqui teve oportunidade de estudar e aprender importante.</i>
Carta 9	<i>Quero na minha vida voltar a estudar, quero aprender a dirigir carro, tira minha carteira de motorista.</i>

Fonte: A AUTORA, 2018.

Quanto à educação, as alunas mencionam querer estudar, cursar faculdade. Tais planos eram inacessíveis à maioria das mulheres, sobretudo as pobres. Mas também decorre do legado, no Brasil, das últimas décadas do século XIX quando se defendia a educação para a mulher, vinculando-se à modernização da sociedade, a higienização da família e a construção da cidadania dos jovens. Uma educação que as tornasse honestas, ordeiras e diligentes aliada a uma sólida formação cristã. Os positivistas, por sua vez, defendiam a inclusão nesse currículo das novidades da ciência, sobretudo, das ciências que tratavam das tradicionais ocupações femininas. (LOURO, 2006).

Entretanto, a educação das mulheres constituiu-se, à época, uma ameaça para a sociedade androcêntrica, porque rompidos os laços com uma educação que visava apenas formar o caráter da mulher, desconsiderando seu intelecto, as mulheres começariam a despertar para sua emancipação e, assim, definir seu destino.

O Quadro 13 mostra as representações sobre a educação das alunas de 2013.

Quadro 13 – Representações sobre educação (2013)

Cartas	Descrição
Carta 2	<i>A gente ia pra escola a pé por que não tinha condução, mesmos assim a gente ia todos os dias. Estudei, terminei o ensino médio, vou continuar estudando.</i>
Carta 3	<i>Estudo um tanto comprometido.</i>
Carta 4	<i>Já na minha adolescência nós tínhamos dificuldades de estudar pois eramos muitos pobres que não tinha nem uma bicicleta pra ir a escola, pois era muito longe. Mais com muita dificuldade meu pai conseguiu comprar uma casa mais próximo da cidade e assim conseguimos estudar numa escola.</i>
Carta 6	<i>Eu lembro que a gente não tinha muita oportunidade para estudar, mais era um</i>

	<i>tempo em que havia mais obediência mais respeito entre pai e filhos, por isso tenho saudades do meu tempo de criança.</i>
Carta 7	<i>Mas apenas fiquei como professora de magistério.</i>
Carta 10	<i>Fui a escola aprende pouco por conta das dificuldades mas era muito feliz.</i>

Fonte: A AUTORA, 2018.

Para esse grupo de mulheres da turma de 2013, frequentar a escola representa as marcas das inúmeras dificuldades, “*aprender pouco, estudo comprometido*”, sonhos interrompidos, dentre outros, são lembranças que carregam na memória. Por outro lado, não posso desconsiderar que “a educação é prática indispensável aos seres humanos e deles específica na História como movimento, como luta.” (FREIRE, 1997, p. 14).

Acerca do Programa Mulheres Mil, o Quadro 14 traz as representações das alunas de 2012 sobre ele.

Quadro 14 – Representações sobre o Programa Mulheres Mil (2012)

Cartas	Descrição
Carta 1	<i>Hoje no presente pode dizer que foi aberta uma porta, coisas que Deus faz que não existe explicação, através dessa acredita que muitas outras se abrirão.</i>
Carta 2	<i>Quero que dê certo na minha vida todos os meus sonhos ser realizado depois deste curso.</i>
Carta 3	<i>Através desse curso mulheres mil realizar o sonho de arrumar um trabalho terminar os estudos crescer profissionalmente. Ser independente.</i>
Carta 4	<i>Esta sendo de muita importancia, e com isso sei que terei mais facilidade de montar meu próprio negócio de fazer fluir, e ir adiante, não quero começar e ter que parar o negocio, por não saber o que fazer.</i>
Carta 5	<i>Quero terminar meu curso de alimentos e seguir e, frente, não quero parar, quero continuar e vencer...apesar das inúmeras dificuldades.</i>
Carta 6	<i>Foi uma grande oportunidade na minha vida.</i>
Carta 7	<i>Quando eu recebi a noticia que eu fui classificada fiquei muito feliz.</i>
Carta 8	<i>Com esse curso pretendo me tornar uma profissional.</i>
Carta 9	<i>Quero terminar o meu curso da mulher mil trabalho, não ficar só em casa. Viver ser feliz com meu filho. Com fé em Deus.</i>
Carta 10	<i>Que eu possa aprender neste curso tudo de bom.</i>

Fonte: A AUTORA, 2018.

As mulheres da turma de 2012 almejam conquistar um emprego, tornarem-se profissionais e obter a independência financeira como mencionado, tudo isso é o que representa para elas o Mulheres Mil. Porém, como já foi dito anteriormente, o programa não dará, ou não deu, condições para que todos esse planos se tornem reais.

O Quadro 15 traz as representações das alunas de 2013 sobre o Programa Mulheres Mil.

Quadro 15 – Representações sobre o Programa Mulheres Mil (2013)

Carta	Descrição
Carta 4	<i>Mesmo assim eu me sinto feliz de poder participar desse programa mulheres mil e servir Jeová Deus.</i>
Carta 5	<i>Hoje estou aqui no mulheres mil buscando melhorar meus conhecimentos para entrar no mercado de trabalho.</i>
Carta 6	<i>Mais estou no mulheres mil e muito feliz.</i>
Carta 9	<i>Hoje faço o curso mulheres mil e estou muito feliz, conheci pessoas especiais boas.</i>

Fonte: A AUTORA, 2018.

Foram poucos os registros sobre o Programa Mulheres Mil, indago-me sobre esse silêncio, pois as cartas foram escritas por mulheres da turma de 2013 na oficina Mapa da Vida, uma das últimas atividades teóricas, será que naquele momento o entusiasmo inicial já havia desfalecido? Em caso positivo, quais as razões para isso? Em estudo realizado por Silva (2015), a autora mostrou que na turma de egressas do Programa desenvolvida em São Luís, houve despertar para continuar os estudos, o ingresso no mercado de trabalho, algumas com emprego formal, além do empreendedorismo e elevação da autoestima. Em outro estudo selecionado, Coutinho (2015) diz que das 14 alunas egressas no Ifbaiano – Campus Uruçuca, 11 delas disseram que tinham como objetivo se profissionalizarem e encontrar um emprego, além disso, falaram que o PMM contribuiu ainda com suas vidas sobre questões como elevação da autoestima, saúde da mulher, Lei Maria da Penha e Direito da Mulher dentre outros. Quanto aos registros mais escassos sobre o PMM na turma de 2013, não teria nesse estudo talvez condições de responder, visto que, o trabalho deu-se a partir da leitura das cartas por elas escritas

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso dessa pesquisa deu-se a partir de análise de cartas produzidas por alunas do Programa Mulheres Mil nos anos de 2012 e 2013 no IFMA – Campus Açailândia (MA), para tanto, busquei o itinerário metodológico que pudesse sustentar a análise documental escolhida. Nesse sentido, a pesquisa integra o campo de estudos sobre História da Educação e tem como aporte teórico metodológico a História Cultural, tendo como principal eixo o conceito de representação de Roger Chartier, além, dos estudos sobre Cultura Escrita.

Sendo assim, a partir da leitura das cartas que foram escritas na disciplina Língua Portuguesa e na oficina Mapa da Vida e, com alunas do Programa Mulheres Mil nos anos de 2012 a 2013, foram suscitados os seguintes questionamentos: quais as representações das alunas sobre o Programa Mulheres Mil? O que é possível saber sobre as alunas a partir de seus escritos? Quem são essas mulheres? O que dizem de si mesmas nas linhas e entrelinhas das cartas? O que dizem sobre Programa? O objetivo geral foi analisar as representações sobre o Programa e a trajetória de vida, a partir das cartas.

Ainda sobre o trajeto desse estudo, teci considerações acerca do Instituto Federal do Maranhão, assim como, sobre a unidade no município maranhense de Açailândia, o Programa Mulheres Mil, e a minha participação durante os anos de desenvolvimento do referido Programa e, por fim, os documentos selecionados para análise, aqui as cartas e documentos governamentais. O curso ofertado foi o Básico de Qualificação em Alimentos cujo objetivo principal era capacitar mulheres, possibilitando a elas o ingresso no mercado de trabalho.

Assim, busquei mais informações nos documentos do Governo Federal sobre o que é o Programa Mulheres Mil, além de estudar mais sobre o conceito de política pública e como esta chegou ao Instituto Federal do Maranhão. Nesse sentido, a Dissertação de Tássia Mendes e Silva (2015), cujo título é A educação profissional e a política pública mulheres mil: a implementação no âmbito do IFMA em São Luís, foi um dos trabalhos selecionados na construção do percurso da pesquisa.

As mulheres participantes desse curso, segundo relatos encontrados nas cartas, viam no Programa uma oportunidade para ingressarem no mercado de trabalho, montar seu negócio e voltar a estudar. No entanto, a proposta dessa política em garantir acesso ao trabalho e ao estudo não se mostrou suficiente para inserir a todas as mulheres participantes do curso no mercado de trabalho local. Este é um dado que não foi sistematizado oficialmente no Campus de Açailândia, mas em conversa com egressas das turmas, identifiquei que

algumas não conseguiram tal objetivo. Embora, saiba também que o mercado formal não disponibiliza vagas para todas. Ao lado disso, o relatório da turma de 2012 mostrou dificuldades em inseri-las no mercado, pois na cidade há poucos estabelecimentos na área de alimentos. Há registro que quatro alunas foram selecionadas para treinamento em uma empresa de panificação, mas apenas uma foi efetivada, e esta precisou deixar o trabalho porque a carga horária ultrapassava o previsto no contrato de trabalho. Duas alunas obtiveram aprovação para o cargo de Auxiliar Operacional de Serviços Gerais na Prefeitura do município. Esses dados parciais mostram que menos de 10% obteve êxito no que previa o Programa.

Outra questão que atravessa o Programa diz respeito a oferta do curso voltado a preparação de alimentos, prática ligada ao trabalho feminino ao longo da tempo. Apesar de saber que o curso resultou de uma pesquisa sobre o mercado local, questiono-me se não haveria outras possibilidades de formação entre as quais autonomia industrial, curso de floresta, eletromecânica, que já existem no campus, e também faz parte do potencial de mercado na localidade.

Feitas essas considerações, passo a refletir sobre meu envolvimento enquanto docente do Mulheres Mil e depois pesquisadora. Tive inquietações, pois gostaria de manter o distanciamento necessário para que pudesse analisá-lo enquanto objeto de estudo, por outro lado o processo de pesquisa perpassa interações entre sujeito e objeto de estudo. Outra inquietação é que se trata de uma política pública recente, mesmo assim, considero que se trata de um estudo que contribui para o campo de estudos de outras políticas que objetivam a ampliação da escolaridade e profissionalização femininas.

Alguns aspectos comuns que compõem a construção das representações das alunas diz respeito à estrutura familiar e religiosa, instituições que historicamente moldam o pensamento da pessoa. A fim de compreender o conceito de família, Silva (2010) enfatiza que o mesmo parece dispensar qualquer comentário, pois nos parece tão óbvio perguntar o que é uma família. Porém, ela ultrapassa a esfera biológica e ganha significados culturais, sociais e históricos. Nesse sentido, no que concerne ao papel feminino na instituição familiar representada nas cartas, compreendo que há manutenção da representação da mulher enquanto cuidadora do companheiro, filhos e do lar, aspectos que se mantêm ao longo do tempo na história das mulheres. Com isso, não pretendo afirmar que nada mudou, mas que há permanências na esfera do privado.

Em relação a religião, representação que emerge em algumas cartas, nos remete ao conceito, o qual para Silva (2010) parece que toda sociedade humana possuiu uma religião.

O vocábulo, segundo esse autor, refere-se ao termo latino *religio*, o qual se relaciona a conjunto de regras e interdições. Além disso, é uma categoria de análise histórica que se define como conjunto de crenças, preceitos e valores que compõem artigo de fé de determinado grupo em um contexto histórico e cultural. Feitas essas considerações retomo às cartas para dar visibilidade ao papel da religião na formação das alunas, pois seus escritos transbordam dos aspectos religiosos. Desse modo, questiono-me até que ponto a religião poderia ser um mediador de possibilidades de libertação ou submissão a práticas culturais opressoras.

Aqui, penso ser oportuno uma vez mais refletir sobre quem eram essas mulheres, visto que esse foi um dos questionamentos norteadores dessa pesquisa, assim, foi possível identificar traços marcantes ao longo de suas vidas. Os escritos traçaram um perfil de mulheres fortes, corajosas, dispostas a começar novamente e, por fim mudarem a si mesmas e aqueles que estão a sua volta. Para elas, o PMM simbolizou a porta aberta da oportunidade de capacitação e a possibilidade de ingressar no mercado de trabalho formal, pois é a partir dessa independência econômica que os sonhos em construir a casa própria, continuar os estudos, tirar carteira de habilitação, dentre outros, poderão tornar-se realidade.

Além disso, elas falam sobre si, lembram da época de infância, essas lembranças para algumas são carregados de nostalgia, *“Minha infância foi sofrida porém feliz, brincava debaixo das laranjeiras, umbuzeiros, mutumbeiros etc”*, esses relatos trazem a minha memória os versos do poema de Casimiro de Abreu que diz: “Oh! Que saudade que tenho da aurora da minha vida..”. Essas mulheres ainda que relatem as dificuldades e sofrimentos, como não terem sido valorizadas por seus companheiros, terem vivido conflitos familiares como separação, por exemplo, ainda continuam acreditando nos relacionamentos, pois em muitos registros elas deixam claro que estão abertas e dispostas a conquistar um novo amor.

Estou ciente que o presente estudo abre possibilidades para outras pesquisa, uma delas seria quem são hoje as mulheres egressas do Programa Mulheres Mil em Açailândia? Quais as oportunidades de autonomia financeira conseguiram? Teriam ingressado no mercado formal e assegurado seus direitos? Ao lado de outras que surgirão à medida que retomar ao baú das cartas, deleitar-me na leitura desses textos e de garimpar na memória aquele tempo da sala de aula, em meio às cartas de mulheres, alunas das turmas de 2012 e 2013.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

AMOS, Karin. Governança e governamentalidade: relação e relevância de dois conceitos científico-sociais proeminentes na educação comparada. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n. especial, p. 23-38, 2010.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

ARAÚJO, Vanda Almeida da Cunha. **Mulheres e espaço rural: narrativa, trajetórias e sonhos no reencontro com a escola**. Curitiba: CRV, 2017.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, n. 1, Rio de Janeiro, 1998.

BAZERMAN, Charles; HOFFNAGEL, Judith Chambliss; DIONISIO, Ângela Paiva. (Orgs.). **Escrita, Gênero e interação social**. São Paulo: Cortez, 2007.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. Brasília: Universidade de Brasília, 1998

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005. p. 183-191.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Escrita, leitura, dialogicidade. In: BRAIT, Beth. Bakhtin, **Dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. ver. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p.265-273.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** (1988). Niterói: Imprensa Oficial, 1998.

_____. Ministério de Estado da Educação. **Guia metodológico do sistema de acesso permanência e êxito do Mulheres Mil**. 2011a.

_____. Ministério da Educação. **Portaria nº 1.015, de 21 de julho de 2011**. 2011b. Disponível em: <http://www2.ifal.edu.br/ifal/reitoria/legislacao/programa-nacional-mulheres-mil/at_download/file>. Acesso em: 21 jun. 2017.

_____. Ministério de Estado da Educação. **Portal Brasil, 2015**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2015/03/mulheres-sao-maioria-no-ingresso-e-na-conclusao-de-cursos-superiores>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

_____. **Lei nº 12.513, de 26 de outubro de 2011**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12513.htm>. Acesso em: 21 jun. 2018.

CAMPOS, Humberto de. **Memórias**. São Paulo: Opus Editora LTDA, 1983.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

CARDOSO, Manoel Frazão. **O Maranhão por dentro**. São Luís: Lithograf, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2007.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1988.

_____. **Inscriver e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI – XVIII**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás**. São Paulo: Global, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1997

GARDENMAMMA. **Corn Husk Dolls**: Tutorial. 2010. Disponível em: <http://gardenmama.typepad.com/my_weblog/2010/08/-corn-husk-dolls-tutorial-.html>. Acesso em: 21 jun. 2017.

GÓMEZ, Antonio Castillo. Historia de la cultura escrita ideas para el debate. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 5, jan./jun. 2003.

_____. Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 66-72, jan./abr. 2012.

IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Açailândia**. 2016a. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/ma/acailandia/historico>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

_____. **São José de Ribamar**. 2016b. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/ma/sao-jose-de-ribamar/historico>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

IFMA. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – Campus Açailândia. **Plano de Trabalho do Programa Mulheres Mil: IFMA – Campus Açailândia**. Açailândia: IFMA, 2011.

_____. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão. **Carta de Serviços ao Cidadão**. São Luís: IFMA, 2015a.

_____. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão. **Onde estamos**. 2015b. Disponível em: <<https://portal.ifma.edu.br/instituto/campi/>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

KUHLMANN JR., Moysés; FERNANDES, Rogério. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes, (org). **A infância e sua educação**: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LISPECTOR, Clarice. **Crônicas para jovens de escrita e vida**. Organização de Pedro Karp Vasquez. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.

LOURO, Lopes Guacira. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p.443-481.

MANFREDI, Sílvia Maria. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011. p.195-221.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua e linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.) **Introdução à Linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PORTAL BRASIL. **Mulheres comandam 40% dos lares brasileiros**. 8 maio 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/05/mulheres-comandam-40-dos-lares-brasileiros>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p.578-606.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIAS FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.79-94.

ROSA, Stela (Org.). **Mulheres Mil: do sonho a realidade**. Brasília: Ministério da Educação, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Aberturas para a história da educação: do debate teórico-metodológico no campo da história ao debate sobre a construção do sistema nacional de educação no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2013.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes e confluência. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 17-39

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Tássia Mendes. **A educação profissional e a política pública Mulheres Mil**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Universidade Federal do Maranhão, 2015

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: Burke, Peter. (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p.39-62.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, v. 16, nº 2, jul/dez 1990.

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia Marcondes; EVANGELISTA, Olinda. **Política Educacional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

TARSILO SITE OFICIAL. **Social 1933**. 2018. Disponível em: <<http://tarsiladoamaral.com.br/obra/social-1933/>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p.401-442.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da educação**. São Paulo: Ática, 2007.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História: Foucault Revoluciona a História**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Estado da Arte

Pesquisei na Biblioteca Digital do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) teses e dissertações, publicadas entre 2011 e 2015, que tivesse entre suas palavras-chave os descritores: inclusão social de mulheres, e Programa Mulheres Mil. O Quadro 1 mostra os resultados da pesquisa:

Quadro 1 – Resultado da pesquisa na Biblioteca Digital do IBICT, 2011 a 2015

Descritores	Total
Inclusão social de mulheres	7
Programa Mulheres Mil	52

Fonte: A AUTORA, 2017.

Para o mapeamento de trabalhos selecionei dissertações, a fim de fazer uma leitura mais ampla. O Quadro 2 mostra os trabalhos selecionados:

Quadro 2 – Relação dos trabalhos selecionados

Título do trabalho	Tipo de trabalho	Autor	Ano de publicação
As trilhas do empoderamento feminino no Ifbaiano – Campus Uruçuca	Dissertação	Jordânia Medeiros Coutinho	2015
Programa Mulheres Mil: um olhar sobre a inserção das egressas no mundo do trabalho	Dissertação	Fabiene Brito Mendes Teles	2015
Programa Mulheres Mil: uma análise no campo das políticas de inclusão do IFSC	Dissertação	Juliana de Souza Augustin Pereira	2015
Programa Mulheres Mil no Instituto Federal de Sergipe: interfaces com a educação e o trabalho	Dissertação	Maria Auxiliadora Silva Moreira Oliveira	2013
Programa Mulheres Mil no Campus Aparecida de Goiânia do Instituto Federal de Goiás: uma possibilidade de inclusão social e acesso à educação	Dissertação	Claudia Beatriz Carriao Alves	2015
A construção identitária de mulheres: análise das narrativas do livro Mulheres Mil/do sonho à realidade	Dissertação	Silvana Sônia Oliveira da Silva	2014

Fonte: A AUTORA, 2017.

Após a Qualificação do Projeto acrescentei por sugestão da Banca o descritor Educação profissional de mulheres, a fim de melhor compreender sobre a história da educação e profissionalização femininas. O Quadro 3 mostra os resultados encontrados:

Quadro 3 – Resultado da pesquisa na Biblioteca Digital do IBICT, 2011 a 2015

Descritores	Total
Inclusão social de mulheres	7
Programa Mulheres Mil	52
Educação profissional de mulheres	110

Fonte: A AUTORA, 2017.

Para o mapeamento de trabalhos selecionei dissertações, a fim de fazer uma leitura mais ampla. O Quadro 4 mostra os trabalhos selecionados:

Quadro 4 – Relação dos trabalhos selecionados

Título do trabalho	Tipo de trabalho	Autor	Ano de publicação
As trilhas do empoderamento feminino no Ibaiano – Campus Uruçuca	Dissertação	Jordânia Medeiros Coutinho	2015
Programa Mulheres Mil: um olhar sobre a inserção das egressas no mundo do trabalho	Dissertação	Fabiene Brito Mendes Teles	2015
Programa Mulheres Mil: uma análise no campo das políticas de inclusão do IFSC	Dissertação	Juliana de Souza Augustin Pereira	2015
Programa Mulheres Mil no Instituto Federal de Sergipe: interfaces com a educação e o trabalho	Dissertação	Maria Auxiliadora Silva Moreira Oliveira	2013
Programa Mulheres Mil no Campus Aparecida de Goiânia do Instituto Federal de Goiás: uma possibilidade de inclusão social e acesso à educação	Dissertação	Claudia Beatriz Carriao Alves	2015
A construção identitária de mulheres: análise das narrativas do livro Mulheres Mil/do sonho à realidade	Dissertação	Silvana Sônia Oliveira da Silva	2014
A educação profissional e a política pública mulheres mil: a implementação no âmbito do IFMA em São Luís.	Dissertação	Tássia Mendes e Silva	2015

Fonte: A AUTORA, 2018.

APÊNDICE B – Quadros com descrição das representações nas cartas

Quadro 1 – Representações sobre infância (2012)

Materialidade da carta	Número da carta	O que diz sobre a infância
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 1	Não apareceu
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 2	Não apareceu
Carta escrita com caneta colorida lilás em uma folha toda desenhada com laços e corações; duas páginas (uma folha frente e verso escrita).	Carta 3	Não apareceu
Carta escrita a lápis em papel de caderno comum, porém a autora fez uma cercadura em toda folha com flores; uma página escrita no início com letra de forma e as últimas linhas letra cursiva.	Carta 4	Não apareceu
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 5	Não apareceu
Carta escrita a lápis em uma folha de caderno comum, uma página.	Carta 6	Não apareceu
Carta escrita em uma folha de papel A4, a aluna fez linhas com caneta azul para escrever, uma borda azul na folha; uma página.	Carta 7	Não apareceu
Carta escrita com caneta colorida verde e laranja brilhoso em papel de caderno comum; uma página.	Carta 8	Não apareceu
Carta escrita a lápis em folha de caderno comum; apenas metade de uma página foi escrita.	Carta 9	Não apareceu
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 10	Não apareceu

Fonte: A autora, 2018.

Quadro 2 – Representação sobre maternidade (2012)

Materialidade da carta	Número da carta	O que diz sobre maternidade
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 1	<i>Adolescente sem juízo, só pensava em “curtir a vida” foi obrigada a amadurecer com uma gravidez inesperada mas que deu certo.</i>
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 2	<i>Trabalhei bastante para criar meus filhos, mas dou graças a Deus pois ele me ajudou, me deu coraje, saúde para assumir.</i>
Carta escrita com caneta colorida lilás em uma folha toda desenhada com laços e corações; duas páginas (uma folha frente e verso escrita).	Carta 3	Não apareceu
Carta escrita a lápis em papel de caderno comum, porém a autora fez uma cercadura em toda folha com	Carta 4	Não apareceu

flores; uma página escrita no início com letra de forma e as últimas linhas letra cursiva.		
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 5	Não apareceu
Carta escrita a lápis em uma folha de caderno comum, uma página.	Carta 6	Não apareceu
Carta escrita em uma folha de papel A4, a aluna fez linhas com caneta azul para escrever, uma borda azul na folha; uma página.	Carta 7	<i>Meus filhos passe de ano.</i>
Carta escrita com caneta colorida verde e laranja brilhoso em papel de caderno comum; uma página.	Carta 8	<i>Cuidei dos filhos. Como hoje estão todos grandes eu posso lutar por meus objetivos.</i>
Carta escrita a lápis em folha de caderno comum; apenas metade de uma página foi escrita.	Carta 9	Não apareceu
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 10	Não apareceu

Fonte: A autora, 2018.

Quadro 3 – Representações sobre casamento (2012)

Materialidade da carta	Número da carta	O que diz sobre o casamento
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 1	<i>Agora adulta casada depois de muitas tentativas no casamento para fazer dar certo, o sonho do casamento teve um fim.</i>
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 2	<i>Fui casada duas vezes, e hoje estou sozinha a 10 Anos. Quero meu novo amor pois não quero finda os meus dias vida sozinha.</i>
Carta escrita com caneta colorida lilás em uma folha toda desenhada com laços e corações; duas páginas (uma folha frente e verso escrita).	Carta 3	Não apareceu
Carta escrita a lápis em papel de caderno comum, porém a autora fez uma cercadura em toda folha com flores; uma página escrita no início com letra de forma e as últimas linhas letra cursiva.	Carta 4	Não apareceu
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 5	Não apareceu
Carta escrita a lápis em uma folha de caderno comum, uma página.	Carta 6	<i>Algumas coisas não deram certo na minha vida o meu casamento mas com muita luta superei os obstáculos e hoje eu me vejo outra mulher mesmo com muita dificuldade.</i>

Carta escrita em uma folha de papel A4, a aluna fez linhas com caneta azul para escrever, uma borda azul na folha; uma página.	Carta 7	<i>Na minha vida fiquei muito feliz foi que meu esposo largou de beber cachaça.</i>
Carta escrita com caneta colorida verde e laranja brilhoso em papel de caderno comum; uma página.	Carta 8	<i>Durante 20 anos casada cuidei do meu esposo e filhos.</i>
Carta escrita a lápis em folha de caderno comum; apenas metade de uma página foi escrita.	Carta 9	<i>Quero ser amada por alguém na vida e que me respeita da valor [...] por que eu moro com alguém que não valoriza [...]</i>
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 10	Não apareceu

Fonte: A autora, 2018.

Quadro 4 – Representações sobre trabalho (2012)

Materialidade da carta	Número da carta	O que diz sobre o trabalho
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 1	Não apareceu
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 2	<i>É por isto que estou fazendo este curso para no futuro té uma vida melhor.</i>
Carta escrita com caneta colorida lilás em uma folha toda desenhada com laços e corações; duas páginas (uma folha frente e verso escrita).	Carta 3	<i>Oportunidades de trabalho uma chance no mercado de trabalho, exercer uma profissão [...] ser independente.</i>
Carta escrita a lápis em papel de caderno comum, porém a autora fez uma cercadura em toda folha com flores; uma página escrita no início com letra de forma e as últimas linhas letra cursiva.	Carta 4	<i>Quero poder montar meu próprio negócio, com tudo o que tenho aprendido nesses ultimos meses, no curso mulheres mil</i>
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 5	<i>Quero conseguir um bom emprego [...] construir minha casa.</i>
Carta escrita a lápis em uma folha de caderno comum, uma página.	Carta 6	<i>De ter um emprego ou trabalhar por conta própria.</i>
Carta escrita em uma folha de papel A4, a aluna fez linhas com caneta azul para escrever, uma borda azul na folha; uma página.	Carta 7	<i>Eu quero realizar o meu sonho arumar um trabalho ou montar meu próprio negocio.</i>
Carta escrita com caneta colorida verde e laranja brilhoso em papel de caderno comum; uma página.	Carta 8	<i>Trabalhar e me tornar independente, e não ficar somente em casa. Pensar um pouco em minha vida e decidir o melhor para o meu futuro financeiro.</i>
Carta escrita a lápis em folha de caderno comum; apenas metade de uma página foi escrita.	Carta 9	<i>Trabalhar por conta própria ter direito.</i>
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 10	<i>Que eu possa montar meu próprio negócio que é a minha lanchonete.</i>

Fonte: A AUTORA, 2018.

Quadro 5 – Representações sobre educação (2012)

Materialidade da carta	Número da carta	O que diz sobre educação
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 1	Não apareceu
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 2	Não apareceu
Carta escrita com caneta colorida lilás em uma folha toda desenhada com laços e corações; duas páginas (uma folha frente e verso escrita).	Carta 3	<i>Terminar os estudos.</i>
Carta escrita a lápis em papel de caderno comum, porém a autora fez uma cercadura em toda folha com flores; uma página escrita no início com letra de forma e as últimas linhas letra cursiva.	Carta 4	<i>Não quero parar aqui, pretendo fazer outros cursos.</i>
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 5	<i>Fazer uma faculdade...</i>
Carta escrita a lápis em uma folha de caderno comum, uma página.	Carta 6	<i>Neste ano traz muitas alegrias, porque fiquei 11 anos fora da sala de aula e aqui teve oportunidade de estudar e aprender importante.</i>
Carta escrita em uma folha de papel A4, a aluna fez linhas com caneta azul para escrever, uma borda azul na folha; uma página.	Carta 7	Não apareceu
Carta escrita com caneta colorida verde e laranja brilhoso em papel de caderno comum; uma página.	Carta 8	Não apareceu
Carta escrita a lápis em folha de caderno comum; apenas metade de uma página foi escrita.	Carta 9	<i>Quero na minha vida voltar a estudar, quero aprender a dirigir carro, tira minha carteira de motorista.</i>
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 10	Não apareceu

Fonte: A AUTORA, 2018.

Quadro 6 – Representações sobre o Programa Mulheres Mil (2012)

Materialidade da carta	Número da carta	O que diz sobre o Programa Mulheres Mil
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 1	<i>Hoje no presente pode dizer que foi aberta uma porta, coisas que Deus faz que não existe explicação, através dessa acredita que muitas outras se abrirão.</i>
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 2	<i>Quero que dê certo na minha vida todos os meus sonhos ser realizado depois deste curso.</i>
Carta escrita com caneta colorida lilás em uma folha toda desenhada com	Carta 3	<i>Através desse curso mulheres mil realizar o sonho de arrumar um</i>

laços e corações; duas páginas (uma folha frente e verso escrita).		<i>trabalho terminar os estudos crescer profissionalmente. Ser independente.</i>
Carta escrita a lápis em papel de caderno comum, porém a autora fez uma cercadura em toda folha com flores; uma página escrita no início com letra de forma e as últimas linhas letra cursiva.	Carta 4	<i>Esta sendo de muita importancia, e com isso sei que terei mais facilidade de montar meu próprio negócio de fazer fluir, e ir adiante, não quero começar e ter que parar o negocio, por não saber o que fazer.</i>
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 5	<i>Quero terminar meu curso de alimentos e seguir e, frente, não quero parar, quero continuar e vencer [...] apesar das inúmeras dificuldades.</i>
Carta escrita a lápis em uma folha de caderno comum, uma página.	Carta 6	<i>Foi uma grande oportunidade na minha vida.</i>
Carta escrita em uma folha de papel A4, a aluna fez linhas com caneta azul para escrever, uma borda azul na folha; uma página.	Carta 7	<i>Quando eu recebi a noticia que eu fui classificada fiquei muito feliz.</i>
Carta escrita com caneta colorida verde e laranja brilhoso em papel de caderno comum; uma página.	Carta 8	<i>Com esse curso pretendo me tornar uma profissional.</i>
Carta escrita a lápis em folha de caderno comum; apenas metade de uma página foi escrita.	Carta 9	<i>Quero terminar o meu curso da mulher mil trabalho, não ficar só em casa. Viver ser feliz com meu filho. Com fé em Deus.</i>
Carta escrita com caneta azul em uma folha de caderno comum; uma página.	Carta 10	<i>Que eu possa aprender neste curso tudo de bom.</i>

Fonte: A AUTORA, 2018.

Quadro 7 – Representações sobre infância (2013)

Materialidade da carta	Número da carta	O que diz sobre a infância
Escrita com caneta verde em papel cor de rosa; uma página	Carta 1	<i>Minha infância foi legal, lembro que quanto que eu gostava e as minhas amiguinhas de procurar brinquedo no lixo, não porque não tinha condições de comprar, mas é coisa de criança, e era bem divertido, andavamos descalça e no sol torrano [...]</i>
Escrita com caneta lilás em papel cor de rosa, envelope azul; uma página.	Carta 2	<i>Quando eu nasci, eu já tinha três irmãos, não tive privilégios, até mesmo porque a minha família não tinha tanta estrutura. [...]</i>
Escrita com caneta verde em papel cor de rosa, envelope azul; uma página.	Carta 3	<i>Minha infância foi sofrida porém feliz, brincava de baixo das laranjeiras, umbuzeiras, mutumbeiros etc.</i>
Escrita com caneta verde em papel de carta verde, envelope amarelo; uma página.	Carta 4	<i>O meu nascimento não me lembro, apenas um pouco da minha infância. Quando eu era criança eu gostava muito de brincar como toda criança. O que me lembro é que os brinquedos que eu brincava, não era como os de</i>

		hoje. <i>Quando era tempo de colher milho, eu gostava de ir na roça para tirar boneca de milho p/ poder brincar.</i>
Escrita com caneta lilás em papel de carta azul, envelope amarelo; uma página (folha escrita frente e verso)	Carta 5	<i>Nasci e cresci na roça sou amais velha de seis filhos, meus pais trabalhavam com a terra, sempre tive que ajudar minha mãe com as tarefas de casa, desde muito pequena sempre fui obrigada a ter responsabilidade nem lembro quando começou, sempre cuidando do irmão mais novo, lavando, zelando da casa e não tive uma infância de uma criança normal.</i>
Escrita com caneta lilás em papel de carta verde, envelope laranja; uma página.	Carta 6	<i>A minha infância foi muito boa porque eu lembro que a gente tinha mais liberdade.</i>
Escrita com caneta lilás em papel de carta azul, envelope azul; uma página.	Carta 7	<i>Quando criança gostava muito de bonecas e costuras para as mesmas. Mas o tempo passou e os sonhos foram outros. Na juventude sonhava em ser juíza. mas apenas fiquei como uma professora de magistério e poucas oportunidades.</i>
Escrita com caneta verde em papel de carta azul; uma página.	Carta 8	<i>A minha infância não foi de muitas lembranças boas, pois foi criada com varias pessoas da minha família, não com minha mãe. Esse era o sonho da minha vida.</i> <i>A minha mãe criou 10 filhos e não me criou eu sendo a mais velha [...]</i>
Escrita com caneta verde em papel de carta azul; uma página.	Carta 9	<i>Tinha uma família completa. [...] tive uma infância boa. Se pudesse voltar ao passado voltaria mas não posso.</i>
Escrita com caneta lilás em papel de carta cor de rosa, envelope laranja; uma página.	Carta 10	<i>Tivi uma bela infância pois pobre sim de dinheiro mais rico de amor. [...] tive muitos momentos felizes com a minha família brinquei muito com meus irmãos debaixo dos mutumbais que são plantas nativas do sertão.</i>

Fonte: A AUTORA, 2018.

Quadro 8 – Representação sobre maternidade (2013)

Materialidade da carta	Número da carta	O que diz sobre a maternidade
Escrita com caneta verde em papel cor de rosa; uma página	Carta 1	Não apareceu
Escrita com caneta lilás em papel cor de rosa, envelope azul; uma página.	Carta 2	<i>Que eu possa dá ao meu filho a infância que não tive. [...]</i>
Escrita com caneta verde em papel cor de rosa, envelope azul; uma página.	Carta 3	Não apareceu
Escrita com caneta verde em papel de carta verde, envelope amarelo;	Carta 4	<i>Aos 19 anos me casei, tive três filhos moramos dez anos ele foi embora e eu</i>

uma página.		<i>fiquei com os meus três filhos.</i>
Escrita com caneta lilás em papel de carta azul, envelope amarelo; uma página (folha escrita frente e verso)	Carta 5	<i>[...] faço o possível para que a infância das minhas filhas seja diferente da minha. Pois digo que não fui uma criança feliz.</i>
Escrita com caneta lilás em papel de carta verde, envelope laranja; uma página.	Carta 6	Não apareceu
Escrita com caneta lilás em papel de carta azul, envelope azul; uma página.	Carta 7	<i>Hoje mãe e esposa. Tenho 2 filhos lindos maravilhosos, estou na esperança de vê-los formados e conquistando o espaço que não tive. [...] realizei o sonho da filha mais nova a festa de seus 15 anos.</i>
Escrita com caneta verde em papel de carta azul; uma página.	Carta 8	<i>Vivo com os meus filhos e sou feliz com eles.</i>
Escrita com caneta verde em papel de carta azul; uma página.	Carta 9	<i>Hoje tenho 2 filhos a quem eu amo muito e um marido. Hoje são a razão da minha vida.</i>
Escrita com caneta lilás em papel de carta cor de rosa, envelope laranja; uma página.	Carta 10	<i>Tenho três filhos maravilhosos.</i>

Fonte: A AUTORA, 2018.

Quadro 9 – Representações sobre casamento (2013)

Materialidade da carta	Número da carta	O que diz sobre o casamento
Escrita com caneta verde em papel cor de rosa; uma página	Carta 1	Não apareceu
Escrita com caneta lilás em papel cor de rosa, envelope azul; uma página.	Carta 2	Não apareceu
Escrita com caneta verde em papel cor de rosa, envelope azul; uma página.	Carta 3	<i>Casei com um eis aluno de catequese estivemos juntos por 17 anos hoje estamos separados.</i>
Escrita com caneta verde em papel de carta verde, envelope amarelo; uma página.	Carta 4	<i>Aos 19 anos casei [...] moramos 10 anos juntos ele foi embora. Hoje vivo a 12 anos sem uma pessoa ao meu lado apenas com dois filhos o outro já casou.</i>
Escrita com caneta lilás em papel de carta azul, envelope amarelo; uma página (folha escrita frente e verso)	Carta 5	<i>Conheci um rapaz e namorei-o, acabamos morando juntos por 10 anos [...] a cinco anos separada.</i>
Escrita com caneta lilás em papel de carta verde, envelope laranja; uma página.	Carta 6	<i>Eu casei muito cedo deixei de estudar na 6ª série porém sou muito arrependida pois quem não estuda fica para traz.</i>
Escrita com caneta lilás em papel de carta azul, envelope azul; uma página.	Carta 7	<i>Tenho um esposo maravilhoso e abençoado por Deus. Sou muito feliz.</i>
Escrita com caneta verde em papel	Carta 8	<i>Aos 25 anos me casei e tive 4 filhos, mas</i>

de carta azul; uma página.		<i>quando o meu filho mais novo tinha 5 meses meu marido mim deixou.</i>
Escrita com caneta verde em papel de carta azul; uma página.	Carta 9	<i>Hoje tenho 2 filhos a quem eu amo muito e um marido. Hoje são a razão da minha vida.</i>
Escrita com caneta lilás em papel de carta cor de rosa, envelope laranja; uma página.	Carta 10	<i>Cresci fiquei mulher me casei duas vezes.</i>

Fonte: A AUTORA, 2018.

Quadro 10 – Representações sobre trabalho (2013)

Materialidade da carta	Número da carta	O que diz sobre o trabalho
Escrita com caneta verde em papel cor de rosa; uma página	Carta 1	Não apareceu
Escrita com caneta lilás em papel cor de rosa, envelope azul; uma página.	Carta 2	<i>Desde que eu me entendi por gente, já foi trabalhando na roça, não tínhamos uma vida fácil, vivíamos e dependíamos da roça porque meu pai não tinha emprego.</i>
Escrita com caneta verde em papel cor de rosa, envelope azul; uma página.	Carta 3	<i>Minha adolescência: muito trabalho estudo um pouco comprometido. Minha juventude, também sofrida trabalhando muito na roça em casa de família e também em firma e lojas sempre fui muito católica. Sim católica praticante.</i>
Escrita com caneta verde em papel de carta verde, envelope amarelo; uma página.	Carta 4	Não apareceu
Escrita com caneta lilás em papel de carta azul, envelope amarelo; uma página (folha escrita frente e verso)	Carta 5	<i>Sou autônoma e meu sonho hoje e arrumar um emprego, algo que me dê segurança no futuro.</i>
Escrita com caneta lilás em papel de carta verde, envelope laranja; uma página.	Carta 6	Não apareceu
Escrita com caneta lilás em papel de carta azul, envelope azul; uma página.	Carta 7	Não apareceu
Escrita com caneta verde em papel de carta azul; uma página.	Carta 8	Não apareceu
Escrita com caneta verde em papel de carta azul; uma página.	Carta 9	Não apareceu
Escrita com caneta lilás em papel de carta cor de rosa, envelope laranja; uma página.	Carta 10	Não apareceu

Fonte: A AUTORA, 2018.

Quadro 11 – Representações sobre educação (2013)

Materialidade da carta	Número da carta	O que diz sobre a educação
Escrita com caneta verde em papel cor de rosa; uma página	Carta 1	Não apareceu
Escrita com caneta lilás em papel cor de rosa, envelope azul; uma página.	Carta 2	<i>A gente ia pra escola a pé por que não tinha condução, mesmos assim a gente ia todos os dias. Estudei, terminei o ensino médio, vou continuar estudando.</i>
Escrita com caneta verde em papel cor de rosa, envelope azul; uma página.	Carta 3	<i>Estudo um tanto comprometido.</i>
Escrita com caneta verde em papel de carta verde, envelope amarelo; uma página.	Carta 4	<i>Já na minha adolescência nós tínhamos dificuldades de estudar pois eramos muitos pobres que não tinha nem uma bicicleta pra ir a escola, pois era muito longe. Mais com muita dificuldade meu pai conseguiu comprar uma casa mais próximo da cidade e assim conseguimos estudar numa escola.</i>
Escrita com caneta lilás em papel de carta azul, envelope amarelo; uma página (folha escrita frente e verso)	Carta 5	Não apareceu
Escrita com caneta lilás em papel de carta verde, envelope laranja; uma página.	Carta 6	<i>Eu lembro que a gente não tinha muita oportunidade para estudar, mais era um tempo em que havia mais obediência mais respeito entre pai e filhos, por isso tenho saudades do meu tempo de criança.</i>
Escrita com caneta lilás em papel de carta azul, envelope azul; uma página.	Carta 7	<i>Mas apenas fiquei como professora de magistério.</i>
Escrita com caneta verde em papel de carta azul; uma página.	Carta 8	Não apareceu
Escrita com caneta verde em papel de carta azul; uma página.	Carta 9	Não apareceu
Escrita com caneta lilás em papel de carta cor de rosa, envelope laranja; uma página.	Carta 10	<i>Fui a escola aprende pouco por conta das dificuldades mas era muito feliz.</i>

Fonte: A AUTORA, 2018.

Quadro 12 – Representações sobre o Programa Mulheres Mil (2013)

Materialidade da carta	Número da carta	O que diz sobre a Programa Mulheres Mil
Escrita com caneta verde em papel cor de rosa; uma página	Carta 1	Não apareceu
Escrita com caneta lilás em papel cor de rosa, envelope azul; uma página.	Carta 2	Não apareceu
Escrita com caneta verde em papel cor de rosa, envelope azul; uma	Carta 3	Não apareceu

página.		
Escrita com caneta verde em papel de carta verde, envelope amarelo; uma página.	Carta 4	<i>Mesmo assim eu me sinto feliz de poder participar desse programa mulheres mil e servir Jeová Deus.</i>
Escrita com caneta lilás em papel de carta azul, envelope amarelo; uma página (folha escrita frente e verso)	Carta 5	<i>Hoje estou aqui no mulheres mil buscando melhorar meus conhecimentos para entrar no mercado de trabalho.</i>
Escrita com caneta lilás em papel de carta verde, envelope laranja; uma página.	Carta 6	<i>Mais estou no mulheres mil e muito feliz.</i>
Escrita com caneta lilás em papel de carta azul, envelope azul; uma página.	Carta 7	Não apareceu
Escrita com caneta verde em papel de carta azul; uma página.	Carta 8	Não apareceu
Escrita com caneta verde em papel de carta azul; uma página.	Carta 9	<i>Hoje faço o curso mulheres mil e estou muito feliz, conheci pessoas especiais boas.</i>
Escrita com caneta lilás em papel de carta cor de rosa, envelope laranja; uma página.	Carta 10	Não apareceu

Fonte: A AUTORA, 2018.